

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

PORQUE AMAMOS
LIVROS

REVISTA

— conexão —

Literatura

Novembro/2021

nº 77

www.revistaconexaoliteratura.com.br



H. P. LOVECRAFT

*o escritor que revolucionou
o gênero terror*



E MAIS
ENTREVISTAS COM ESCRITORES
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS

SUMÁRIO

NOVEMBRO DE 2021

Editorial, por Ademir Pascale, pág. 03
O universo de H. P. Lovecraft, por Miguel Carqueija, pág. 05
O conhecimento não tem ponto-final, por Sérgio Simka, pág. 14
Especial "Cecília Meireles", por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 18
Dicas para leitura, pág. 22
Diante da iconologia: Erwin Panofsky e o significado nas artes visuais, por Reginaldo Leite, pág. 24
Youtube: Conexão Nerd - Citações de Oscar Wilde, por Ademir Pascale, pág. 28
Multidisciplinaridade, por Bert Jr., pág. 29
Silogismo poético, por Bert Jr., pág. 33
Jesus Cristo é ou não é o filho de Deus? (republicação), por Fernando Luiz dos Santos Chaves, pág. 35
Alex & Raquel, por Tio João, pág. 39
Onde está Deus?, por Magda Régia, pág. 40
Resenha: Por amor eu te benzo, eu te curo, eu te livro - As benzedeadas de São Paulo - Viviane Ferreira Santiago, por Walter Cavalcanti, pág. 41
Resenha: Caixa de guardar segredos de família - Viviane Ferreira Santiago, por Assessoria de Imprensa, pág. 45
Entrevista com a escritora Leda Gonzaga, pág. 48
Entrevista com a escritora Monica Marinho, pág. 52
Entrevista com o escritor Obam e Edhuu, pág. 57
Entrevista com o escritor Reginaldo Leite, pág. 60
Entrevista com a escritora Sinara Foss, pág. 63
Conto: Essas tais de pandemia e quarentena, por Roberto Schima, pág. 67
Conto: Na porta do cemitério, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 72
Conto: A arte de viver da fé, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 78
Conto: Pai, vem dançar comigo!, por Gladston Salles, pág. 83
Conto: É duro ver tudo, por Idicampos, pág. 87
Conto: Em busca do tesouro enterrado, por Iraci José Marin, pág. 90
Conto: Cachorros, hormônios e naufrágios, por Marcelo Gomes Jorge Feres, pág. 93
Conto: A bruxa do Ribeirão, por Miriam Santiago, pág. 99
Conto: O tear, por Mónica Palacios, pág. 105
Conto: Sob as flores da cerejeira, por Roberto Schima, pág. 107
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 126

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



EDITORIAL

Em nossa penúltima edição do ano, destacamos o grande escritor H. P. Lovecraft. Já publicamos sobre ele em uma de nossas primeiras edições, mas sempre tive a vontade de destacá-lo, então numa noite chuvosa, sentei em frente ao micro e trabalhei na capa. Acredito que ficou um bom trabalho :)

Em uma das próximas edições, pretendo destacar Fernando Pessoa, outro escritor que admiro muito.

Aproveite a leitura e indique a nossa revista para os amigos.

Para saber como participar da nossa edição de dezembro, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

— revista —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



O UNIVERSO DE H. P. LOVECRAFT

Por Miguel Carqueija



H. P. LOVECRAFT

H.P. LOVECRAFT

autor norte-americano de contos e novelas de terror

Fresenha da coletânea “O mundo fantástico de H.P. Lovecraft” (contos, poesias e ensaios) organizada por Denilson Earhart Ricci (autor também da biografia do ficcionista, no início do volume). Editora Clock Tower, Brasil, segunda edição, 2014. Prefácio de Fabiano M. Hasegawa.

H.P. Lovecraft, autor norte-americano de contos e novelas de terror (1890-1937), nascido em Providence (Nova Inglaterra), sabe-se ter publicado apenas um livro em vida, embora aparecesse muito em revistas; com o tempo tornou-se um monstro sagrado da literatura fantástica e de ficção científica. Já nos anos 50 era um nome de grande prestígio, e este prestígio só aumentou com o passar do tempo. O próprio Roger Corman filmou-o pelo menos duas vezes: “O castelo assombrado” (adaptação de seu único romance, “O estranho caso de Charles Dexter Ward”) em 1963, e “Altar do diabo” (“The Dunwoch horror” conforme o conto homônimo) em 1969. E os fãs de Lovecraft vem se multiplicando pelo mundo e se disseminando na internet.

Este livro, apesar de falhas de tradução e de português, é um trabalho notável pelo esforço desenvolvido e que resultou numa obra de aspecto profissional ainda que desenvolvida por fãs. Admiradores da obra de Lovecraft. Este esforço beneficiou-se muito dos recursos da internet. E, graças a esta publicação, pude tomar conhecimento de textos do autor que eu ainda não conhecia, junto com outros que já conheço bem.



O CHAMADO DE CTHULHU (The call of Cthulhu, 1926).

Este extenso conto, uma verdadeira noveleta, é tido como um dos mais importantes da mitologia lovecraftiana, já que desvenda muitas coisas sobre o ente mais conhecido, e que deu nome aos tais mitos: Cthulhu, que pode ser pronunciado de diversas maneiras (creio que não há um consenso). Quem ou o que é Cthulhu? Um monstro imenso, com asas de morcego ou dragão, rosto de polvo, tentáculos... com grandes poderes telepáticos, imortal e vindo de outra galáxia ou universo. No meu entender seria um demônio, mas, juntamente com os demais “Grandes Antigos”, é apresentado como uma espécie de “deus” pagão, totalmente maligno.

O conto em questão fala na pesquisa arqueológica que um cientista faz, a partir de uma estatueta de material desconhecido e incrível antiguidade, representando o monstro. A partir daí o personagem-narrador, apesar de seu ceticismo, vai descobrindo cada vez mais coisas terríveis e assustadoras, inclusive um culto macabro e ancestral mantido por mestiços da Flórida, por esquimós degenerados de uma tribo da Groenlândia e em outros locais. Há um racismo subjacente nesses detalhes, fruto talvez da época em que Lovecraft viveu. De qualquer modo, nesta história, que já conheço faz tempo, ocorre o padrão que, como vim a descobrir, acompanha os “Mitos de Cthulhu”: os personagens que tomam conhecimento das coisas ocultas vão enlouquecendo ou se desesperando e, não sendo crentes, não sendo cristãos, não contam com proteção espiritual. Que, ao que parece, nem

existiria, pois ao imaginar um Cosmos totalmente blasfemo e hediondo, Lovecraft parece dar a entender que isto é natural e que nós, com nossos conceitos morais, é que somos a anormalidade; o próprio Deus não existiria (o Cristianismo, quando aparece em Lovecraft, é inócuo ou quase).

É por isso que eu, quando passei a escrever histórias lovecraftianas, pus o meu toque pessoal introduzido heroínas cristãs... mas isso é outra história. A saga de Sailor Moon, da mangaká Naoko Takeushi, mostra evidentes toques lovecraftianos, mas aí o bem é poderoso através de um grupo de heroínas paranormais.

O FESTIVAL (The festival, 1923).

Narrativa sinistra de um sujeito que vai a um festival em Kingsport, cidade fictícia da Nova Inglaterra, para cumprir a determinação de sua família. Da casa indicada é levada numa procissão macabra por subterrâneos horrendos onde testemunha coisas apavorantes, das quais acaba fugindo. A ideia dos horrores ocultos perpassa como sempre a obra lovecraftiana.

A HISTÓRIA DO NECRONOMICON (The History of Necronomicon, 1927).

Pequeno artigo de ficção contando a trajetória do livro secreto através dos séculos e referindo as cópias conhecidas ainda existentes. A referência ao exemplar da inexistente universidade Miskatonic na inexistente cidade de Arkham revela o caráter ficcional da matéria.

A CIDADE SEM NOME (The nameless city, 1921).

Um narrador na primeira pessoa, e sem nome, coisa comum em Poe e Lovecraft, conta como foi explorar a “cidade sem nome” nos confins do deserto da Arábia e, mergulhando nas ruínas soterradas, descobre as evidências de uma raça crocodiliana desaparecida e que teria existido no mundo em tempos imemoriais. Até o vento, nesse texto, parece uma coisa diabólica.

O DESCENDENTE (The descendant, 1927?).

Conto meio vago que fala um pouco da história do sujeito que foi na cidade sem nome. No texto a afirmação de que o mundo tangível “é só um átomo num tecido vasto e ominoso”, ou seja, sempre a idéia subjacente de que o universo é mau, de que o bem não existe (a não ser em alguns de nós, talvez) e tudo é inútil. Apesar do fascínio exercido por

sua literatura horrífica tratada com elegância, Lovecraft talvez fosse um caso mental.

SONHOS NA CASA DA BRUXA (The dreams in the witch house, 1932).

A aflitiva história de Walter Gilman, um rapaz esquisito que se hospeda numa casa de má fama em Arkham, onde teria morado uma bruxa. Histórias corriam sobre ela e um pequeno ser maligno parecido com rato que a acompanhava. Gilman começa a ter alucinações terrificantes e vai, aos poucos, sendo destruído por um fenômeno que não quer reconhecer. É um dos poucos textos de Lovecraft onde o Cristianismo aparece com alguma força, pois numa das cenas Gilman repele a bruxa por intermédio de um crucifixo. Mas ele é outro personagem sem proteção espiritual e impotente diante das malignidades.



O HORROR DE DUNWICH (The Dunwich horror, 1928).

Filmado por Roger Corman, em 1969, este conto narra a história de uma presença maligna que dominava uma fazenda e os esforços de alguns homens para esconjurá-lo, o que afinal conseguem. Dunwich é um dos lugares amaldiçoados, como Arkham, que aparecem nas histórias lovecraftianas. Este conto é um dos poucos em que os Grandes Antigos são enfrentados.

A BUSCA DE IRANON (The quest of Iranon, 1921).

Narrativa desesperante, passada em época e lugares ignorados, falando de um homem que se julgava filho de rei e passou a vida inteira tentando retornar ao reino do qual se julgava originário, para afinal descobrir que tudo não passava de uma fantasia de criança.

O FORASTEIRO (The outsider, 1921).

Outro conto terrível de um sujeito que conta memórias macabras, onde ninguém aparece, pois ele se diz criado em um castelo, cuidado por alguém, mas de quem não se

lembra; quando se vê só tenta fugir e no fim descobre que é um monstro. Como em outras narrativas de Lovecraft, as coisas são muito mal explicadas, para além da boa lógica. Nem se explica como é que ele possuía linguagem tão rica.

A SOMBRA EM INNSMOUTH (The shadow over Innsmouth, 1931).

Um dos mais famosos e terrificantes trabalhos de Lovecraft, bastante extenso. Innsmouth é outro dos lugares tenebrosos e fictícios da Nova Inglaterra do novelista. Lovecraft criou um ambiente inverossímil, com uma comunidade esquisita e quase isolada do resto do país, e onde quase ninguém entra ou sai. Interessante é que o autor não explica como é que esta cidade fechada e onde os forasteiros que lá trabalhavam sentiam-se incomodados pelo clima esquisito funcionava na prática, já que teria de haver recolhimento de impostos, prefeito, polícia, toda uma gama de ligações inevitáveis que em grande parte são olvidadas na narrativa.

O fato é que das esquisitices que cercam a cidade misteriosa desemboca-se afinal numa apoteose de horror, com o local invadido por uma multidão repugnante de criaturas dos abismos submarinos, uma mistura de peixes e de sapos, mas de tamanho semelhante ao dos seres humanos, e toda essa invasão, acreditem ou não, é para caçar um único homem por ser um estranho que vinha investigar os segredos de Innsmouth. “Suas formas sugeriam vagamente algo de antropóide, enquanto que suas cabeças eram cabeças de peixe com prodigiosos olhos arregalados que nunca se fechavam. Nos lados do pescoço tinham guelras palpitantes e suas longas patas tinham membranas. Eles moviam-se aos saltos de modo irregular, às vezes sobre duas patas e outras vezes sobre quatro.” Essas gracinhas seriam os donos dos abismos submarinos e com poder latente para destruir a humanidade terrestre. Se o leitor aceitar a premissa (aquela história de “suspensão da incredulidade”) a história é formidável. Além disso, tem as dimensões de uma verdadeira novela.

O SABUJO (The hound, 1922).

Pequeno conto bem trágico e talvez inspirado no clássico romance “O cão dos Baskervilles” de Conan Doyle. A diferença porém é que, em Lovecraft, a ameaça é sobrenatural mesmo e não uma mistificação.

UM SUSSURRO NA ESCURIDÃO (The wisperer in darkness, 1930).

Uma das mais conhecidas e mais desesperantes novelas lovecraftianas, faz revelações sobre os tenebrosos “fungos de Yuggoth”, que são seres repugnantes e



semelhantes a gigantescas lagostas, e que habitariam o nono planeta do Sistema Solar, ou seja Plutão, por eles chamado Yuggoth. Estes seres manteriam minas em regiões inóspitas nas montanhas de Vermont, Nova Inglaterra, locais evitados pelas populações próximas por causa das lendas assustadoras que corriam, até dos índios.

A narrativa se concentra na correspondência entre Albert Wilmarth e Henry Akeley, com este procurando convencer aquele que as lendas eram reais, e que seres tenebrosos vinham realmente das estrelas e nos vigiavam o tempo todo. Lovecraft inclui nisso tudo referências aos yetis da Himalaia e outras lendas conhecidas na vida real, misturando-as com os “Mitos de Cthulhu”. Aliás os tais fungos estariam entre os adoradores de Cthulhu.

Não se pode negar a alta qualidade da narração literária, ainda que sua leitura cause verdadeira aflição porque, na verdade, a gente não se conforma com forças malignas invencíveis, mesmo na ficção.

O DEPOIMENTO DE RANDOLPH CARTER (The statement of Randolph Carter, 1919).

O protagonista narra sua terrível experiência junto a Harley Warren, que pesquisava fenômenos misteriosos e desce a uma espécie de catacumba, enquanto Randolph esperava na superfície. O desaparecimento de Warren é relacionado com o

ataque de forças malignas que lá se encontravam.

O HABITANTE DAS TREVAS (The haunter of the dark, 1935).

Relato sobre a obsessão de certo Robert Blake e seu trágico destino, ao pesquisar bairros misteriosos de Providence e uma igreja fechada e de má fama. Como de hábito, segredos mais ou menos percebidos por populações locais amedrontadas, e a mania do protagonista por estudos das coisas mais tenebrosas possíveis. Os alienígenas ou seres antigos são sempre monstruosos, poderosos e cruéis. Veja-se este trecho sobre um documento examinado por Blake: “Há referências a um “Habitante das Trevas” que é despertado pela contemplação do Trapezoedro Brillhante (sic), e insanas conjecturas sobre os abismos negros do caos de onde ele é chamado”.

NOTAS QUANTO A ESCREVER FICÇÃO FANTÁSTICA (Notes on writing weird fiction, 1933).

Artigo onde Lovecraft discorre sobre seus métodos de criação e redação. Edgar Allan Poe já havia feito algo semelhante com sua “Filosofia da composição”.

UMA ELEGIA AO DR. FRANKLIN CHASE CLARK (An elegy and Franklin Chase Clark, M.D. 1915).

Texto mais antigo de Lovecraft, como o nome diz, elogio de personalidade a quem ele muito respeitava.

O JARDIM (A garden, 1917).

Poema curto e melancólico.

A ROSA DA INGLATERRA (The rose of England, 1916).

Uma curiosa e curta exaltação da Inglaterra.

OS FUNGOS DE YUGGOTH (Fungi from Yuggoth, 1930).

Longo poema escrito talvez no mesmo ano de “Um sussurro na escuridão”, é uma verdadeira coletânea de tudo quanto é horror lovecraftiano, e não apenas os habitantes de Yuggoth. Lá estão Arkham, Leng, os Antigos, o Caos etc. Num poema alucinante e

obsedante.

CARTA DE H.P. LOVECRAFT A ROBERT E. HOWARD (1934).

Da correspondência pessoal de Lovecraft, dirigida a seu amigo, o famoso criador do universo de Conan, dois anos antes do suicídio de Howard e três da própria morte de Lovecraft.

FRASES DE H.P. LOVECRAFT



Tirando fora o posfácio assinado por A.A. (creio que se trata de Alessa Akeshi, que assina parte da tradução e notas) o volume fecha com frases pinçadas de vários textos de Lovecraft.

Realmente, parece ser o volume mais completo deste autor, já lançado em língua portuguesa.



Lápide de H. P. Lovecraft, no Swan Point Cemetary de Providence

Miguel Carqueija

Autor de *Farei meu destino*, *O Fanstasma do Apito* e *Tempos das Caçadoras*.

E-mail: mcarqueija@gmail.com.

POR SÉRGIO SIMKA

O CONHECIMENTO NÃO TEM PONTO-FINAL

O enunciado que dá título a este artigo foi pronunciado pela professora Cleide Bauab Eid Bochixio, secretária de Educação da Prefeitura de Santo André (SP), por ocasião da abertura do III Encontro Municipal Compartilhando SABeres On-line, em 13 de outubro de 2021, no auditório do Centro de Formação de Professores Clarice Lispector, que teve por objetivo reunir centenas de painéis sobre práticas exitosas promovidas pelos docentes da Rede Municipal de Ensino e professores convidados, e ensejou estas singelas reflexões.



Preparando uma palestra para ser apresentada exatamente nesse Encontro, saquei da estante o livro *Linguagem, escrita e poder*, de Maurizio Gnerre, para poder citá-lo e registrar uma observação de que gosto muito: “Uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. Lembro-me de que foi um dos primeiros livros que li no mestrado em Língua Portuguesa na PUC de São Paulo, por indicação de um professor a quem havia apresentado o meu “projeto de pesquisa”. Ele o leu e me disse que eu não tinha apenas um projeto de pesquisa e sim três projetos, dada a abrangência do tema proposto. Guardo até hoje esse papel.

Lendo novamente o livro (a primeira leitura ocorreu nos idos de outubro de 1997), além da menção a teóricos que na época me eram familiares, como Bakhtin, Bourdieu, Castilho, Houaiss, Paulo Freire etc., noto alguns nomes que não me faziam nenhum sentido, como Habermas, Bergson e Rousseau (este último, claro, já havia ouvido falar, mas nunca havia lido nenhuma obra), e que hoje são aqueles com os quais venho “estudando” na pesquisa de pós-doutorado.

E é interessante apontar que Bergson me foi apresentado pela profa. dra. Ana Maria Haddad Baptista, docente e pesquisadora da Universidade Nove de Julho, em um curso de que tive a honra de participar.

O que eu quero dizer com estas linhas é que o conhecimento não tem mesmo um ponto-final e se trata de um processo que é construído coletivamente, por meio de valiosas sugestões e compartilhamentos, e por meio de incessantes e sucessivas leituras que levam a outras leituras, que demandam, por sua vez, novas elucubrações e pesquisas, em um circuito probo de descoberta e deslumbramento.

Hoje constato que o conhecimento pode tornar a pessoa feliz ou não, dependendo da escolha que ela fizer. Ela precisa estar, antes de tudo, preparada para poder querer principiar a apaixonante aventura.

Gostaria de terminar estas linhas com as sábias e impactantes palavras da professora Cleide Bochixio, na referida sessão de abertura: “Nós temos que abrir os horizontes dos nossos alunos. Fazer com que eles tenham opções. E só tem opção de escolha aquele que conhece”.

***Sérgio Simka** é pós-doutorando em Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e escritor.

VISTA LITERATURA



[Ver Produtos](#)

Poeme-se



Pacote Divulgação
PARA AUTORES

DIVULGUE O SEU LIVRO

G A R A N T A
JÁ

POR APENAS R\$ 100

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz: seus leitores.

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA



DIVULGUE

Nossa mídia é especializada em literatura, livros e autores. Divulgue a sua obra com quem realmente entende do assunto.



DIVULGUE PARA + DE 150 MIL LEITORES

SAIBA MAIS

E-MAIL: ademirpascale@gmail.com  www.revistaconexaoliteratura.com.br



Cecília Meireles



Cecília Meireles

NOVEMBRO PARA CHEGAR E PARA PARTIR... PARA COMEMORAR 120 ANOS DE TI, DE CECÍLIA MEIRELES

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face? (MEIRELES, 2017, p. 250)

CECÍLIA MEIRELES (07 de novembro de 1901- 09 de novembro de 1964) foi uma das maiores escritoras e educadoras brasileiras. Nasceu e faleceu no Rio de Janeiro. Perdeu os pais na infância e foi criada pela avó materna, açoriana. Dedicou-se por longos anos ao exercício do magistério e ao fazer poético. Formou-se Professora primária aos 16 anos e usava seus versos e cantigas em suas aulas. Estudou vários idiomas, canto e violino. Aos 21 anos, casou-se com o artista plástico português Fernando Correia Dias, quem passaria a ilustrar suas obras. Cecília teve três filhas.

Para Sandroni (2016) Cecília foi educadora por vocação. Exerceu o magistério ao mesmo tempo que se preocupava com tudo relacionado à infância. Foi uma das que se empenhou ativamente na Revolução de 1930, para impulsionar as reformas educacionais no país. Para isso, escreveu no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, de junho de 1930 a janeiro de 1933, uma página diária – *Página da Educação* – dedicada a publicar artigos sobre Educação, política e cultura. Em 1934, ao lado do marido inaugurou a primeira biblioteca infantil do Brasil: o Centro de Cultura Infantil do Pavilhão Mourisco, mas, rápido foi fechada sob acusação de comunismo. Ela ainda viajou a Portugal (Coimbra e Lisboa) a convite do Governo português para apresentar conferências sobre a Cultura brasileira. Em 1935, assumiu o cargo de Professora de Literatura Luso-brasileira, de Técnica e Crítica Literária na Universidade do Distrito Federal, onde lecionou de 1936 até 1938. Em 1939, publicou *Viagem*, que recebeu o Prêmio Poesia da Academia Brasileira de Letras.

Em 1940, retornou ao Jornalismo em *A Manhã*, assinando a coluna semanal acerca de temas como folclore e outros de seus interesses. Casou-se com o agrônomo Heitor Vinicius da Silveira Grillo e passou a lecionar Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas, Estados Unidos.

Na década de 1950 retorna ao *Diário de Notícias*, escrevendo um rodapé de Crítica no Suplemento literário; recebeu o título de Doutor Honoris Causa em Nova Déhil; em 1951 publica *Problemas da Literatura infantil* (volume que abrange três conferências que ela proferiu em Belo Horizonte, em um Curso de Férias promovido pela Secretaria de Educação em janeiro de 1949 a respeito de Literatura Infantil).

Concomitante a vida de educadora, mãe, esposa, conferencista, pesquisadora, mulher, Cecília foi uma escritora singular com uma capacidade lírica intocável e com domínio técnico pleno. Apesar de viver na efervescência do Modernismo, ela pouco se destacou em propagar os ideais do estilo iniciado oficialmente pela geração dos Andrades em 1922.

Aproximou-se do neossimbolismo. Publicou na revista *Festa*, a qual também tinha o viés espiritualista. No entanto, Cecília optou pelo caminho pessoal, mesclando liberdade formal ao equilíbrio clássico. Afinou-se ao extremo e tocou os limites da música abstrata, segundo Bosi (2006, p. 461). Para o crítico literário brasileiro, enquanto os outros poetas como Murilo Mendes, Jorge de Lima e Vinicius de Moraes eram “líricos do ser e da presença (religiosa, erótica ou social) [...] Cecília esteve próxima ao círculo de Tasso da Silveira e Andrade Muricy, compartilhando com eles o culto a Cruz e Sousa e Alphonsus.”, isso pode ser observado nos livros como *Nunca mais* (1923), *Poema dos*

Poemas (1923) e *Baladas para El-Rei* (1925). Por outro lado, essa não seria a marca ou estilo da autora, quem reivindicava que a “poesia é grito, mas transfigurado.”

O ecletismo tornou-se uma das referências de seu texto. Escreveu entre o verso livre em consonância com o tom fundamental de fuga e de sonho que acompanha toda a sua lírica. Foi cronista de vários jornais do Rio de Janeiro (*A Manhã*, *Folha Carioca* e *Diário de Notícias*) e em São Paulo (*Correio Paulistano*, *Folha da Manhã*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*). Publicou numerosos livros de ensaios, conferências, artigos, diversas traduções; organizou antologias, livros de Literatura infantojuvenil, didáticos, teatro, correspondências, muitos de poesias e viajou para vários países.

Dentre seus livros, estão:

- Espectros (1919)
- Cânticos (1927)
- Viagem (1939)
- Vaga Música (1942)
- Mar Absoluto e outros poemas (1945)
- Romanceiro da Inconfidência (1953)
- Poemas escritos na Índia (1953)
- Canções (1956)
- Solombra (1963)
- Ou isto ou aquilo (1964)
- Dispersos (1918-1964)
- Outros



Diante desse breve quadro panorâmico sobre ela, o que se observa é que Cecília não só foi uma das maiores vozes poéticas da Literatura brasileira, mas também uma das mulheres que mais lutou pelo direito à educação das crianças, adolescentes e mulheres em tempos sombrios da História brasileira; ela conseguiu não só expressar a sua própria escrita frente ao modismo moderno daquele momento cultural estético literário, como também se manifestou contra o sistema de um modo elegante e resistente para consolidar a educação para todos e todas. Esses momentos de sua vida e o que ela fez por nós na dura realidade de censuras imprimidas pelo Governo Vargas e mais tarde pela ascensão dos golpes da Ditadura Militar, faz dela, a meu ver, mais do que a lembrança de uma mulher poetisa que ilustrou as mais belas páginas da poesia brasileira com sua fugacidade, a falta de sentido da vida, a solidão de seus tecidos poéticos que ecoam a precariedade da existência humana, ela foi muito mais que isso: uma grande poeta, uma grande educadora, uma pesquisadora sobre a cultura do Brasil, uma grande voz feminina que anunciava em grandes conferências por outros lugares, defendendo aquilo que ela acreditava: o direito à palavra, à liberdade e à educação.

Logo, novembro de 2021, celebramos 120 anos de seu nascimento, para que as outras gerações perpetuem *sua eternidade*, sobretudo, seu significado, para a escrita feminina, para as mulheres.

Referências

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MEIRELES, Cecília. Viagem (1939). In: **Poesia Completa**. Vol. 1. São Paulo: Global, 2017. p. 241- 337.

SANDRONI, Laura. Cecília, poeta e educadora. In: MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura infantil**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2016.



Cecília Meireles

Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Líder do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS/UFPA). Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).

DICAS PARA LEITURA

Porque amamos livros



**Contos, Minicontos e Poemas
Infantojuvenis**
Ademir Pascale - Org.

[clique aqui](#)



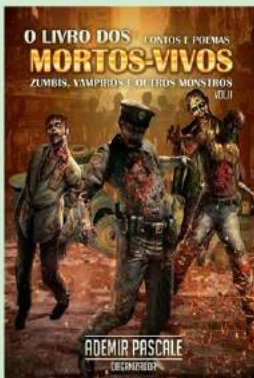
**O que habita inabitáveis
lugares**
Matheus Borges

[clique aqui](#)



**Por amor e fé
Os dias em Auschwitz**
Jamila Mafra

[clique aqui](#)



O livro dos mortos-vivos
Ademir Pascale - Org.

[clique aqui](#)



Antologia dos melhores poemas
Ademir Pascale - Org.

[clique aqui](#)



Coletânea de poemas - iii
Ademir Pascale - Org.

[clique aqui](#)

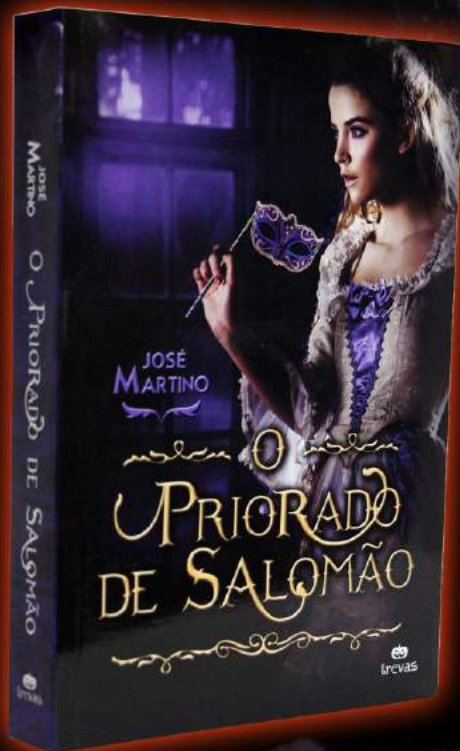
“É claro que meus filhos terão computadores,
mas antes terão livros.”

– Bill Gates

O PRIORADO DE SALOMÃO

JOSÉ MARTINO

O Priorado de Salomão é um romance (thriller) empolgante, repleto de aventuras, mistérios e enigmas, além de reviravoltas imprevisíveis e surpreendentes



Michael é um jovem postulante no convento de Santa Maria delle Grazie em Milão e, casualmente, descobriu em seus sub-boslos a antiga biblioteca secreta dos cavaleiros templários. Através de três livros ali encontrados - *Segredos Ocultos da Igreja*, o *Evangelho de José de Arimateia* e o *Diário de Jacques de Molay* - ele tomou conhecimento de segredos terríveis, que podem mudar a face do mundo. Quando vai revelá-los a seu amigo e conselheiro, frei Abelardo, este é encontrado misteriosamente assassinado em sua cela.

Acusado pelo crime, o jovem foge do convento para não ser preso e acaba se envolvendo numa perseguição cinematográfica.

Misturando profecias de Nostradamus à Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo, previsões apocalípticas, Arca da Aliança e fraternidades extremamente secretas, este livro excitante com certeza encantará todos os leitores que amam romances de aventuras na linha de *O Código da Vinci* de Dan Brown.

Características do livro:

Formato 16cm x 23cm

Páginas: 464 páginas

Papel Pólen (creme) com orelha de 10cm

Acompanha:

- 1) Marcador de páginas personalizado.
- 2) Card personalizado para a marcação dos enigmas.



José Martino

O livro pode ser adquirido por um preço promocional de lançamento no Mercado Livre: **CLIQUE AQUI**

Visite também o site do autor para maiores informações ou para entrar em contato com ele: <https://www.josemartino.com.br>

Siga o autor nas redes sociais:

Facebook: <https://www.facebook.com/josemartino.escritorpoeta/>

Instagram: https://www.instagram.com/jose_martino_escritor/

Assista ao Book Trailer do romance O Priorado de Salomão:
<https://www.youtube.com/watch?v=d7ztaWApCgU>

DIANTE DA ICONOLOGIA: ERWIN PANOFSKY E O SIGNIFICADO NAS ARTES VISUAIS

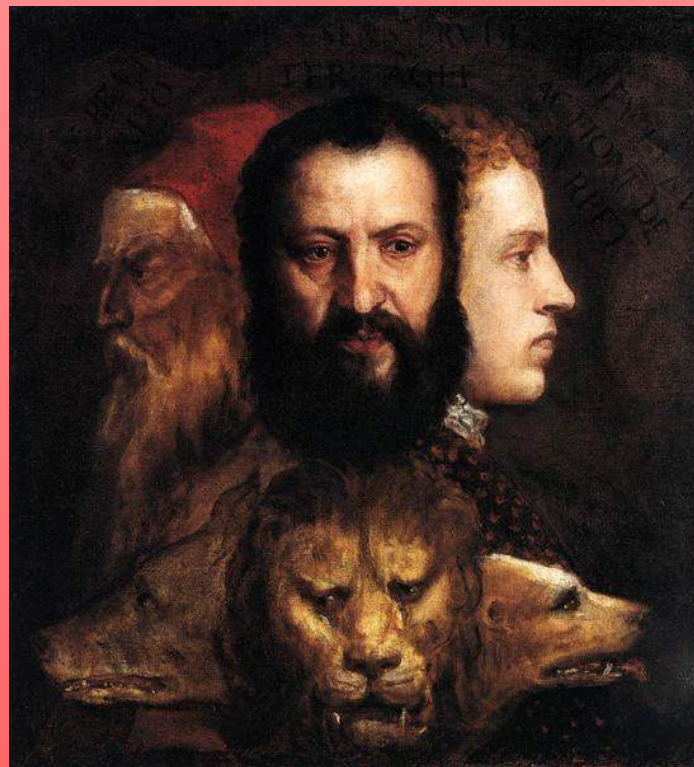


Albrecht Dürer (1471-1528). O Homem da dor, 1509/10. Xilogravura, 30 x 19cm. Frontispício da série "Pequena Paixão", editada em 1511. Staatliche Kunsthalle Karlsruhe, Alemanha.

Em seu livro mais conhecido no Brasil – “Significado nas Artes Visuais” publicado pela Editora Perspectiva – o alemão Erwin Panofsky (1892-1968) nos brinda com uma metodologia específica para compreender as imagens. Na obra, o herdeiro intelectual de Aby Warburg, apresenta alguns casos de estudo como a “Prudência” de Ticiano e a relação de Albrecht Dürer com os Antigos. Mas a cereja do bolo está na introdução do livro – espaço onde Panofsky descreve seu método de leitura visual. Como proceder diante da imagem? O que é iconografia? O que significa iconologia? Estas são questões oferecidas aos leitores e conceituadas sem pestanejar.

Apropriando-se de exemplos corriqueiros, como o simples hábito de cumprimentar alguém, o teórico alemão desvenda mistérios iconográficos e conceituais que ultrapassam limites temporais e culturais. Segundo Panofsky, iconografia é a descrição da obra visual – identificação de personagens e classificação de símbolos – visando compreender o assunto representado. Em síntese, um estudo temático e de sintaxe.

O segundo passo do autor, ainda no primeiro capítulo, se dedica ao processo de definição do campo iconológico da imagem. Para ele, iconologia é a disciplina responsável por decifrar o conteúdo das obras, ou seja, o significado intrínseco. Neste ponto, Panofsky convoca outras áreas do conhecimento – como antropologia, história cultural, filosofia, mitologia, psicologia e ciência da religião – para o diálogo com a história da arte.



Ticiano Vecellio (1490-1576). *Alegoria da Prudência*, 1565. Óleo s/tela, 76 x 69cm. Francis Howard Collection, Londres/Reino Unido.

Em cada capítulo um caso de estudo, sete no total, de *Et In Arcadia Ego* de Poussin, passando pelo emblema da primeira página do *Libro* de Giorgio Vasari e o Sol Iustitiae de Dürer. Porém, o estudo mais inquietante é o dedicado ao trabalho de Ticiano “Alegoria da Prudência”.

Em suas análises, o teórico alemão aponta para verificação de tipos constantes, que configuram ou determinam possibilidades de concepção da imagem, interferindo diretamente na interpretação iconográfica. Ele ainda estabelece teorias sobre o estudo da imagem em diferentes estados de sentidos. Sua abordagem permite realizar a leitura iconográfica da obra, servindo de ponto de partida para um estudo iconológico, que amplia a análise dos processos de fruição inseridos na cultura. Segundo Panofsky, ao observarmos uma cena pintada, defrontamo-nos com três planos distintos: o sentido fenomênico (dividido em sentido objetivo e expressivo), o sentido semântico e o documental.



Ticiano Vecellio (1490-1576). *Salomé*, 1515. Óleo s/tela, 90 x 72cm. Galeria Doria Pamphilj, Roma/Itália.

No primeiro, o fenomênico, os traços das configurações compositivas são observados. É o nível elementar da análise. Aqui são elencados os aspectos formais da imagem.

Já no segundo, verificamos o sentido semântico, quando o objetivo central é entender não só a retórica exposta no objeto, recorrendo-se a fontes escritas de apoio, como também estabelecer uma análise comparativa entre outros objetos concebidos, no mesmo período ou em anteriores. Com isso, semelhanças e apropriações de bases

criativas são destacadas ao examinar a presença dos tipos. É o campo da iconografia, a compreensão do assunto e da função de cada personagem por conta dos atributos específicos.

No terceiro, o documental, procura-se entender a imagem de maneira sistemática, o seu conteúdo, observando-a intrinsecamente, indo além da obra, buscando a interdisciplinaridade de áreas do conhecimento e refletindo sobre pensamentos transversais. Neste momento, entramos numa investigação que relaciona o comportamento do objeto com a história geral das ideias.

Sob escrita inteligente e instigante, Erwin Panofsky convida estudantes e entusiastas da imagem ao mergulho em mistérios, símbolos de significados herméticos e leituras elucidativas, que são simplesmente irresistíveis e atemporais.



Reginaldo Leite é cenógrafo, historiador da arte e professor universitário. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado, em História da Arte, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É Doutor em Artes Visuais e Mestre em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integra o grupo de pesquisa “*Studiolo*: Estudos em História da Arte da Antiguidade à Primeira Época Moderna”, filiado ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. É autor dos livros “Convergir” (2005), “Os Crimes de Platão” (2019) e “A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer” (2020).

CITAÇÕES DE OSCAR WILDE

POR ADEMIR PASCALE



ASSISTA O NOVO VÍDEO NO YOUTUBE, CANAL CONEXÃO NERD

CLIQUE NO BOTÃO



POR BERT JR.

MULTIDISCIPLINARIDADE

É incrível como estamos, cada vez mais, aprendendo a trabalhar com visões e conceitos procedentes de diferentes disciplinas do saber. Antigamente, uma rosa era uma rosa era uma rosa era uma rosa. Hoje em dia, uma rosa é uma seita é uma bomba é uma mandala. E vivemos na certeza de que uma rosa é tudo isso e mais ainda. Convém, portanto, refletir um pouco sobre essa maneira de olhar e entender o mundo. Nesse sentido, proponho alguns exemplos selecionados a partir de leituras recentes.

De um artigo publicado este ano na revista *Economia & Turismo*, extraí o seguinte trecho:

“A ponderação entre o fomento ao *after care* de agentes ligados à economia azul e o combate aos agentes ecopatológicos atuantes no organismo econômico nacional deve ser levada em conta ao se propor mudanças no padrão das embalagens combo do setor alimentício com vistas a mitigar o risco de degradação dos nichos reprodutivos dos quelônios marinhos que trafegam na zona pelágica da plataforma continental atlântica.”

O que chama a atenção nesse trecho, além da ausência de pontuação, é o enfoque multidisciplinar emprestado ao problema da poluição litorânea e seus efeitos deletérios sobre as atividades reprodutivas das tartarugas marinhas. Num único parágrafo, o autor reuniu ciência econômica, antropologia do consumo e ecologia. Haverá aqueles que, provavelmente, reclamarão de que tamanho poder de síntese vem a exigir do leitor um esforço interpretativo redobrado, assim como certa familiaridade com termos e conceitos de diferentes áreas do conhecimento. Parece-me, entretanto, que este é um estilo de arquitetura lógica que veio para dominar o terreno da construção intelectual por um bom tempo.

Vejam outros exemplos.

O seguinte trecho, retirado de um artigo da *Psycho Political Analyst*, traz um insight interessante sobre o campo das tendências políticas contemporâneas:

“Propõe-se que a prevalência das ideias políticas irracionais, num dado momento, numa dada sociedade, decorra de um amplo contágio metassimbólico, de características bastante similares aos processos de infecção virótica verificados nos organismos biológicos. O vírus não tem vida, propriamente dita; seu único propósito é corromper a célula hospedeira para se multiplicar. Sua estratégia de contágio é alterar o RNA apenas o necessário para parecer diferente, sendo que, em essência, continua igual. É como se o organismo hospedeiro, ou a mente humana, se deixasse infectar, por não acreditar que aquele ser fantasiado seja, de fato, o vírus; ou aquela ideia política caracterizada como nova pertença, no fundo, ao mesmo grupo de noções e práticas que se desejaria evitar.”

Aqui temos uma frutífera intersecção entre biologia e ciência política. Neste caso, o processo biológico das infecções virais serve de modelo para ajudar o leitor a entender como ideias fundadas em interpretações distorcidas da realidade conseguem se instalar nas mentes humanas em pleno século XXI. É como se houvesse um defeito estrutural da mente, a fragilizá-la diante da falsidade, assim como uma necessidade atávica de acreditar em fadas e duendes. O desafio atual das democracias seria, portanto, não o famoso “saber votar”, mas, sim, encontrar uma espécie de “vacina” para esse tipo de processo infeccioso, um mecanismo de *reset* capaz de eliminar as cepas viróticas mentais e reiniciar a cultura política num ambiente desinfetado, propício a práticas e ideias saudáveis.

Passemos, agora, a um exemplo mais ameno, numa área bem diferente, a do desenho industrial. Encontrei a seguinte pérola numa revista de decoração de interiores,

trazendo implicações para a comercialização e o marketing de produtos relacionados com hábitos de consumo cultural:

“Na consideração dos fatores ergonômicos para a construção de poltronas reclináveis deve-se levar em conta o ciclo do sono dos indivíduos adultos, sobretudo na faixa etária compreendida entre os 45 e os 75 anos, de modo a se poder graduar o sobreconforto – fator comprovadamente indutor do adormecimento precoce – de acordo com o tipo de leitura do cliente. Para leitores de horror, mistério e erotismo não há contraindicação de poltronas com índice elevado de sobreconforto, já que a sucessão de expectativas, sustos e cenas excitantes previne ou espanta a sonolência; para leitores de fantasia, romances românticos e poesia, o recomendável seriam poltronas com assento de madeira *in natura* e encosto de granito ou mármore.”

Aí temos uma aplicação prática da abordagem multidisciplinar, que poderá gerar efeitos importantes no campo dos hábitos culturais no futuro próximo, fazendo a produtividade da leitura saltar enormemente. Depois disso, o passo seguinte deverá envolver a discussão sobre a escolha dos conteúdos lidos, mas isso constitui um outro capítulo.

Um mês atrás, a revista científica francesa *Où est le doute?* publicou uma descoberta revolucionária, feita ao comparar a atividade cerebral de pintores abstratos com os surtos de raiva em mães estressadas. Em base a uma abordagem essencialmente multidisciplinar, uma nova estrutura orgânica foi identificada no corpo humano, responsável pela inibição dos delírios induzidos pela contemplação estética, mecanismo que, de acordo com a tese do artigo, teria importância vital para a sobrevivência da nossa espécie.

“Não fosse o casulo glandular epigênico, o domínio estético-intuitivo adquiriria uma organicidade desenfreada, capaz de colonizar, a partir da hipófise, toda a possibilidade de cognição, tomando de assalto não só as mentalidades, como também as operações intelectuais mais básicas e rotineiras. Em tais circunstâncias, o indivíduo voltaria do supermercado trazendo um livro para o almoço, o que não seria tão grave, não tentasse ele devorá-lo, literalmente, página por página. Consumida dessa maneira, uma obra como *O Homem e seus Símbolos* acabaria por exterminar tanto o homem quanto seus símbolos. Por isso, urge que se proteja o casulo glandular epigênico evitando-se hábitos nocivos, sobretudo o de futucar o nariz com a unha crescida do dedo mindinho.”

Observe-se, no entanto, que os exemplos acima, apesar de seu valor e importância, empalidecem diante do papel reservado à ciência da ufologia e aos ufólogos. No início do corrente ano, um longo artigo na revista especializada *Abducted, Why?* revelou que novas áreas do saber estão sendo estruturadas para habilitar a humanidade aos contatos extraterrestres, que tendem a aumentar em número e complexidade, devendo ser em breve admitidos por vários governos ao redor do mundo. As novas especialidades incluem: a bioesdruxologia, área dedicada ao estudo da biologia de seres exóticos; a siderolinguística, voltada para o domínio das línguas extraterrestres; e a psicanalienfologia, devotada à psicologia dos tripulantes de UFOs.

Nesse cenário, o trabalho do ufólogo será o de integrar os principais conceitos e descobertas oriundos das novas áreas do saber, de modo a poder explicar os alienígenas para nós, humanos, assim como explicar-nos aos alienígenas. Somente com muita multidisciplinaridade essa tarefa poderá chegar a bom termo.

Como sempre, resta fazer a nossa parte. No meu caso, além de escrever este ensaio, estou matriculado num curso online intensivo com um dos melhores *preppers* estadunidenses.

E já vou avisando logo: cobrarei caro por um lugar no abrigo subterrâneo.

Nota. O presente artigo nada tem de acadêmico, correspondendo a um exercício criativo, em que estão presentes elementos de ensaio e de ficção.

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata o levou a conhecer vários países. Escreve ficção e poesia, havendo publicado, em 2020, o livro *Fict-Essays e contos mais leves*. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos literários e musicais. *Eu canto o ípsilon E mais*, seu primeiro livro solo de poesia, será lançado em dez/21. Para 2022, pretende publicar um segundo volume de contos.



Instagram: @_bertjunior. Site: www.bertjr.com.br.

SILOGISMO POÉTICO

POR BERT JR.

O que perdemos ao fim
de dias cumpridos
depois de expedientes cumpridos
não encontramos num breve passeio
numa volta pela praça
nem no céu das avenidas
nos rastros de lã de um carneiro
que se foi entre anil e nanquim
grisalho apesar de eterno.

O que perdemos não se acha
porque não se sabe o que seja
se acaso é a notícia fresca
uma hora de ginástica
talvez um instante em silêncio
sentados na relva de um parque
ou mesmo o brilho ofuscante
da tarde no espelho de um carro.

O caracol que tromba no muro
racha e se esmigalha sem barulho
compõe o elenco infindável
das cenas que jamais veremos.
No entanto tudo somado
ainda não é o que perdemos.

Talvez o melhor seja mesmo
seguir o carneiro
e
deixar-se tentar
eludir o tempo.

N.A.: "Silogismo Poético" fará parte do meu livro de poesia "Eu canto o ípsilon E mais", a ser lançado em dez/21. O poema também está incluído na Antologia "Poesia Brasileira Contemporânea – Vol. V" (Chiado Books, 2021).

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata o levou a conhecer vários países. Escreve ficção e poesia, havendo publicado, em 2020, o livro Fict-Essays e contos mais leves. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos literários e musicais. Eu canto o ípsilon E mais, seu primeiro livro solo de poesia, será lançado em dez/21. Para 2022, pretende publicar um segundo volume de contos. Instagram: @_bertjunior. Site: www.bertjr.com.br.

BAIXE O E-BOOK
GRATUITAMENTE

CLIQUE AQUI



POR FERNANDO LUIZ DOS SANTOS CHAVES

JESUS CRISTO É OU NÃO É O FILHO DE DEUS?



1) O que é monoteísmo?

Monoteísmo é uma doutrina religiosa que defende a existência de um único Deus.

2) Quais as religiões são monoteístas?

As três maiores religiões monoteístas são: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

3) O que é Judaísmo?

Religião judaica iniciada com a ideia do Deus único. No primeiro livro da Bíblia, o Gênesis é estabelecido como religião após a libertação do povo hebreu pelo profeta Moisés, que, designado por Deus, introduziu as leis das duas tábuas recebidas por ele na passagem do deserto no ano de 1.200 a.C., as quais o povo judeu deveria obedecer como condição de povo escolhido por Deus.

4) O que é Cristianismo?

Cristianismo é uma religião abraâmica monoteísta centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tais como são apresentados no Novo Testamento. A fé cristã acredita essencialmente em Jesus como o Cristo, filho de Deus, Salvador e Senhor (Wikipédia).

5) O que é Islamismo?

Religião dos muçulmanos, “cultura árabe”, a qual foi iniciada após o profeta Maomé receber diretamente as palavras de Allah (Deus) “dos lábios” do Anjo Gabriel, que no ano 610 d.C., iniciou a ditar todo o Alcorão para que este fosse ofertado aos árabes e ao mundo como o livro revelado por Deus.

Propositadamente, perguntei e respondi essas questões a fim de esclarecer um assunto que diz: Deus pode tudo, porém tem uma coisa que certamente um Deus único não pode fazer: “Deus não pode mentir”.

Acontece que o livro sagrado Alcorão não está em conformidade com a Bíblia sagrada.

Afirmo isso, pelo fato das duas escrituras representarem a cristalização da palavra de Deus transmitida aos seres humanos por meio de profetas, em épocas diferentes.

O Deus trino Pai, Filho e Espírito Santo, não encontra eco no Alcorão. No Islã, a Doutrina da Trindade não é bem-vinda.

A principal diferença entre cristãos e muçulmanos é que na Bíblia consta que Jesus Cristo é reconhecido como filho de Deus, enquanto no Alcorão, Jesus Cristo é considerado um grande profeta, predecessor de Maomé, mas não é reconhecido como filho de Deus.

Se um livro informa que Jesus é o filho de Deus, e um outro diz que Jesus não é filho de Deus, e sim um grande profeta, por si só já estão provando que não existe apenas um Deus, e sim, dois deuses, ou então, que um ou outro está mentindo a respeito desse assunto.

Portanto, respeitando as religiões e os seus livros sagrados, apenas faço aqui um pequeno aparte para comentar que, no meu entender, nessa questão, filho ou não filho de Deus, o monoteísmo deixa de existir, pois havendo duas divindades, uma expressando a ideia que Jesus é filho de Deus, e a outra expondo que Jesus não é filho de Deus, e sim um grande profeta, comprova a existência de duas divindades, informando coisas contrárias sobre o mesmo assunto, sendo assim, o monoteísmo nesse caso deixa de existir para dar lugar ao politeísmo.

Como disse acima, Deus pode tudo, porém tem uma coisa que certamente um Deus não pode fazer: “Deus não pode mentir”. Mas, e os profetas e os homens, podem? Afinal, quem está mentindo?

Livros do autor Fernando Luiz dos Santos Chaves.

- Os caminhos de Luan
- O homem é ou não é um animal racional?
- A matemática da eternidade e dos encontros (1ª e 2ª edições)

Trilogia: Um terráqueo rumo ao planeta Htrae



Sobre o autor: Fernando Luiz dos Santos Chaves, nasceu em 1955 na cidade do Rio Grande - RS.

RESENHAS

ANTOLOGIAS

HQS

ENTREVISTAS

LIVROS



VENHA PARA O LADO CULTO DA FORÇA

CONEXÃO LITERATURA

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

INSTAGRAM: @REVISTACONEXAOLITERATURA | FACEBOOK: @CONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PORQUE AMAMOS LIVROS

ALEX & RAQUEL



Que a Felicidade do casal seja precursora de equidade, qualidade e elo de amor, na verdade, nos momentos bons ou dificuldade, lute sempre por este momento ímpar, único e realizador. Que o perdão seja sempre a mola mestre das soluções a perfeição de nossas imperfeições...

Agora vocês são 2 em 1, mas respeitando a individualidade e momento de cada um...

Sejam e estejam FELIZES, fazendo um ao outro, FELIZ...

Conte conosco sempre, pois, sempre nossas mentes, portas e corações estarão sempre abertas, em nosso lar, ninho familiar, a construção e vivências de um AMOR que nasceu, cresceu e estará amadecendo dia a dia, na convivência da sabedoria da harmonia sendo fidelidade e união. Recebam as bênçãos de Deus e Nossa Senhora neste belo e inesquecível dia, o vosso casamento...

Beijão e abração nos corações,

Tio João

joacabus68@gmail.com

25/09/21

09:05h



ONDE ESTÁ DEUS?

POR MAGDA RÉGIA

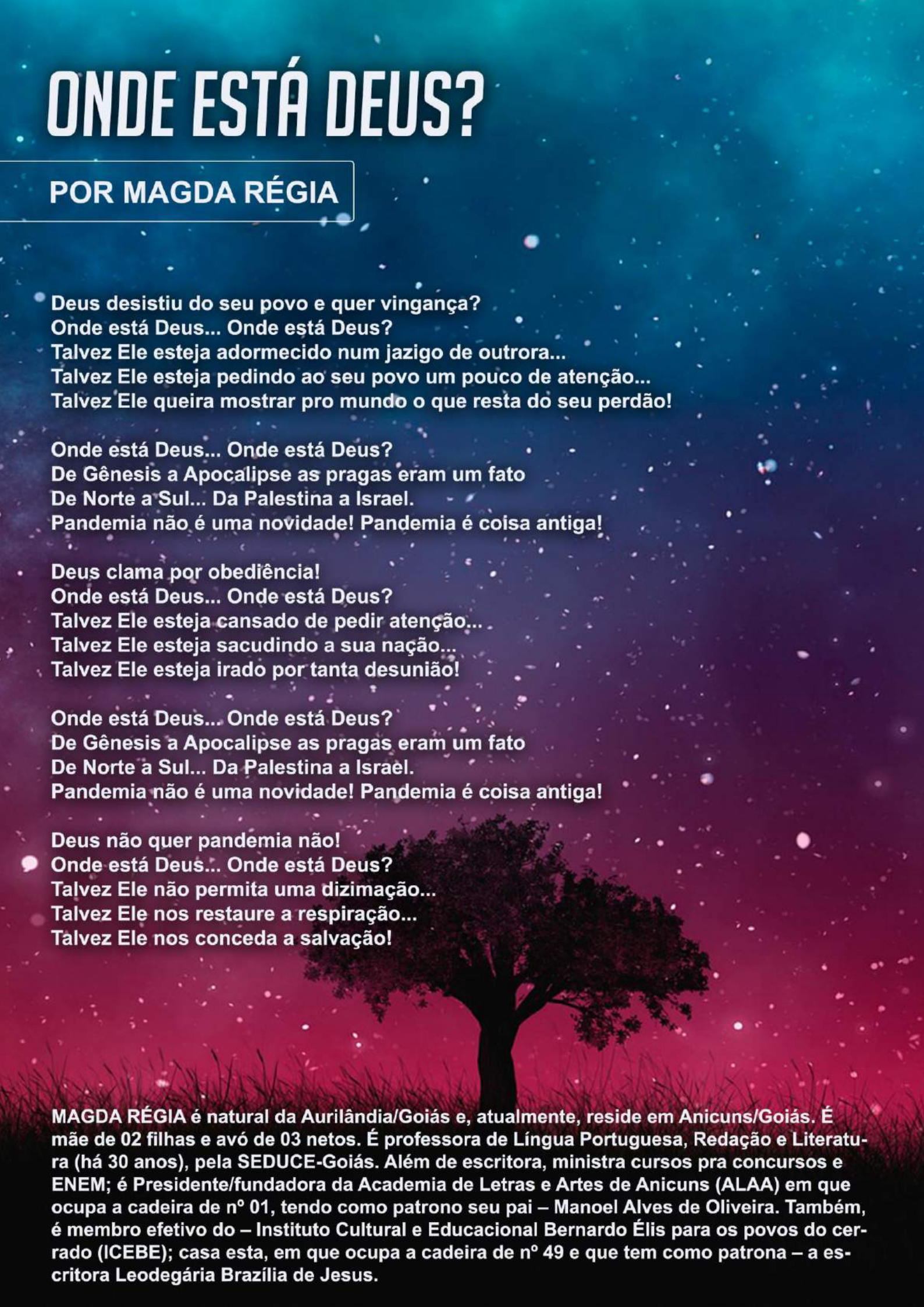
Deus desistiu do seu povo e quer vingança?
Onde está Deus... Onde está Deus?
Talvez Ele esteja adormecido num jazigo de outrora...
Talvez Ele esteja pedindo ao seu povo um pouco de atenção...
Talvez Ele queira mostrar pro mundo o que resta do seu perdão!

Onde está Deus... Onde está Deus?
De Gênesis a Apocalipse as pragas eram um fato
De Norte a Sul... Da Palestina a Israel.
Pandemia não é uma novidade! Pandemia é coisa antiga!

Deus clama por obediência!
Onde está Deus... Onde está Deus?
Talvez Ele esteja cansado de pedir atenção...
Talvez Ele esteja sacudindo a sua nação...
Talvez Ele esteja irado por tanta desunião!

Onde está Deus... Onde está Deus?
De Gênesis a Apocalipse as pragas eram um fato
De Norte a Sul... Da Palestina a Israel.
Pandemia não é uma novidade! Pandemia é coisa antiga!

Deus não quer pandemia não!
Onde está Deus... Onde está Deus?
Talvez Ele não permita uma dizimação...
Talvez Ele nos restaure a respiração...
Talvez Ele nos conceda a salvação!



MAGDA RÉGIA é natural da Aurilândia/Goiás e, atualmente, reside em Anicuns/Goiás. É mãe de 02 filhas e avó de 03 netos. É professora de Língua Portuguesa, Redação e Literatura (há 30 anos), pela SEDUCE-Goiás. Além de escritora, ministra cursos pra concursos e ENEM; é Presidente/fundadora da Academia de Letras e Artes de Anicuns (ALAA) em que ocupa a cadeira de nº 01, tendo como patrono seu pai – Manoel Alves de Oliveira. Também, é membro efetivo do – Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os povos do cerrado (ICEBE); casa esta, em que ocupa a cadeira de nº 49 e que tem como patrona – a escritora Leodegária Brasília de Jesus.

POR WALTER CAVALCANTI

*Entre as teias, rosas e rezas de Viviane Ferreira Santiago
com o lançamento de*

POR AMOR EU TE BENZO, EU TE CURO, EU TE LIVRO **AS BENZEDEIRAS DE SÃO PAULO**



Autora: Viviane Ferreira Santiago

Ano: 2021

Editora: Telucazu edições e Alcaçuz editora

Páginas: 120.

Gênero: Romance/ Literatura Brasileira

A arte é uma ferramenta magnífica para transmitir as diversas emoções sob as mais variadas óticas. Isso é notório em qualquer representação artística, principalmente quando esta sai do lugar comum. E o que esta obra nos apresenta é exatamente isso: uma abordagem que foge do normal para apresentar ao seu leitor uma vertente da rica cultura brasileira.

As benzedeadas de São Paulo, de Viviane Santiago, é um registro incrível que nos leva a conhecer mais de perto um pouco do universo cultural / religioso do ofício da benzeção. Ao nos depararmos com esta história, somos surpreendidos por um relato emocional que é entremeado por informações advindas de pesquisas trabalhadas com primor, salientando diversos períodos históricos, abrangendo o passado de nosso país com a atualidade. Ao passo que somos envolvidos pela história do protagonista e sua humilde família, passamos a ter um olhar mais apurado para o universo ao qual estamos, gradativamente, adentrando.

No que diz respeito à narrativa em si, o leitor é apresentado à simplória família de Tales, ainda uma criança que está lidando com as pequenas descobertas da vida. O texto abraça o seu leitor de forma cadenciada, mostrando a personalidade de Tales, Hilda, sua dedicada mãe, os irmãos, entre outros. O pequeno vai esmiuçando a vida sob todos os aspectos; nada no texto é posto por acaso, e através dos relatos expostos a cada capítulo, uma nova faceta acerca da rotina e dos sentimentos despertados vai se mostrando. Viviane é habilidosa em entregar pontos cirurgicamente distribuídos para envolver o leitor e aproximá-lo daquela realidade. A introdução do ofício da benzeção no texto é feita de maneira delicada e suave. Talvez não seja um exagero dizer que é feita de forma poética.

As palavras são bem colocadas e a autora sabe o momento de descrever determinados detalhes relacionados à localização, objetos e artefatos, bem como a sintonia entre os personagens e os sentimentos que ficam evidentes a cada evolução que a história tem. Desde um simples lanche vespertino a uma consulta com uma benzedead, passando pelo relacionamento familiar e pequenas descobertas... Tudo é conectado com sutileza e a habilidade de quem conhece o ofício da escrita.

Mas aqui cabe ressaltar, também, o talento da autora como pesquisadora. Os capítulos, como já citado, são alternados com registros levantados por Viviane para abranger e informar ao leitor algumas curiosidades acerca desta prática que não tem um grande alcance no saber da sociedade, mas que faz parte de um contexto histórico e tem vital importância em algumas comunidades com limitado poder aquisitivo. Somos apresentados a curiosidades, simbologias, e temos a oportunidade de enxergar de maneira mais clara algo que reproduz parte de nosso patrimônio histórico, muitas vezes ignorado. Sua pesquisa complementa de maneira primordial sua obra, contrabalanceando e interagindo com o que nos é apresentado na narrativa ficcional.

É importante frisar que a obra não tem como compromisso único entreter seu leitor quando apresenta um tema que faz parte do cotidiano dos personagens, mas explorar um patrimônio nacional, aqui em recorte, dado ênfase para as Benzedeadas de

São Paulo, ao mesmo que traz ao leitor uma história doce, carismática e tocante. Entre letras de músicas, descrições bem fundamentadas nos registros de pesquisa, citações para compor unidade com o corpo narrativo, e uma história que prende a atenção, a história de “Por amor eu te benzo, eu te curo, eu te livro – As benzedoras de São Paulo” é forte e tem um desfecho deveras emocionante, que recompensa o seu leitor e traz sentido a tudo que foi apresentado. Trata-se daquela conclusão que põe seu leitor para refletir sobre certas nuances da vida. É um livro de linguagem simples, tal como seus personagens — algo que remete à realidade dos mesmos —, e, por isso mesmo, é belo e grande em sua magnificência, tal como o primoroso título, que é a alma do que o mesmo representa.

Viviane Santiago já brindou seus leitores com várias obras singulares e criativas, e a cada livro novo ela traz um elemento que abraça o contexto de “inventividade”, dando novas formas à maneira de contar suas histórias e, de quebra, expor suas causas, mostrar um pouco mais da realidade e da cultura de nosso país, entre outras virtudes conhecidas de seus leitores. Esta obra é mais um convite da autora, que entrega o coração nas palavras ali expressas.

Há certas obras que destacam realidades e sentimentos que nos fazem repensar sobre a vida, além de trazer uma ponta de esperança e paz ao coração. Provavelmente o leitor terá essa sensação ao final do livro em questão. E se tem alguma dúvida quanto a isto, abra sua mente e caminhe junto com Tales nesta incrível jornada costurada por Viviane Santiago. Este é um nome que já vem agregando muito à literatura brasileira. E com certeza ainda há muito por vir.

VENDAS: www.telucazu.com

www.alcacuz.seloeditorial.com.br

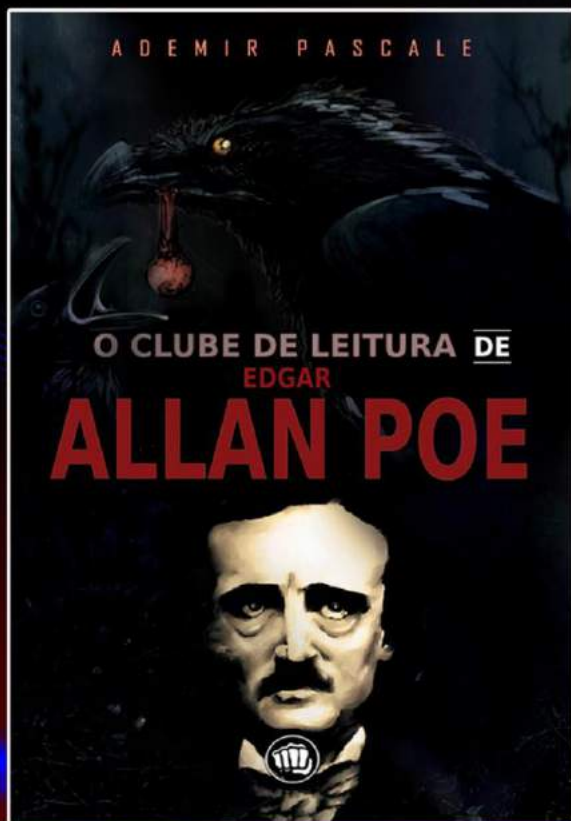
Ou diretamente com a autora pelas redes sociais:

@vivianesantiago no Instagram

<https://www.facebook.com/viviane.santiago.9/> no Facebook

Obra contemplada pelo EDITAL PROAC Nº 23/2020 – PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO DE OBRAS SOBRE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL MATERIAL E IMATERIAL PARA AUTORES COM ANUÊNCIA DE EDITORAS OU EDITORAS COM ANUÊNCIA DE AUTORES

Walter Cavalcanti é escritor, revisor, professor e colunista, amante das letras e contista paulistano. Trabalha como revisor e preparador de textos para autores, de forma independente, e para algumas editoras. Já escreveu colunas e textos no meio literário. Como escritor, já teve alguns contos publicados na Amazon. Seu lançamento mais recente foi o livro “Primeiros Relatos de uma Insana Sinfonia”, em março de 2021, também pelo site da Amazon.



Situado numa sala de um antigo prédio do centro da cidade de São Paulo, o Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, apresenta personagens intrigantes e problemáticos, iniciando pelo cofundador, um velho caolho de nome Clay, que não vê mais sentido na vida depois da morte trágica da esposa Virginia. Henrico e Marcelo, irmãos órfãos que tentam levar uma vida pacata em um sebo na garagem de casa, mas que eventos sobrenaturais assolam a vida de um deles, que é atormentado por corvos. Samanta é uma jovem gótica e solitária. Rafael, ex-vocalista da banda Nevermore, sente-se rejeitado pela rica família e vive nas ruas e noites paulistanas tentando encontrar um novo caminho. Bernardo e Kátia, casal que discute a relação entre casar ou apenas morar juntos, vivem aventuras perigosas. Mas, todos com algo em comum: a paixão que nutrem pela vida e obra do inigualável mestre do horror: Poe.

DO AUTOR ADEMIR PASCALE

POLICE LINE

PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:

www.selojovem.com.br

POR ASSESSORIA DE IMPRENSA

CAIXA DE GUARDAR SEGREDOS DE FAMÍLIA

Viviane Ferreira Santiago



VIVIANE FERREIRA SANTIAGO

Obra: Uma caixa de Guardar Segredos de Família.

Ano: 2021

Editora: Telucazu edições - selo Telucazin

Páginas: 64

Gênero: Romance/ novela Infanto-juvenil

Obras contempladas pelo EDITAL PROAC Nº 20/2020 – Produção e publicação de obras de ficção infanto-juvenil para autores com anuência de editoras ou editoras com anuência de autores.

Dani e Carol são amigas desde sempre. Desde “quando o mundo ainda nem era mundo. Era só barriga de dentro. Eu dentro da de mamãe, e Dani na de tia Bruna...”.

Carol é filha de pais separados, e ainda está aprendendo a lidar com o gosto ruim que a falta do pai traz à boca e ao coração.

Já Dani é filha de mãe solo, nunca viu o pai, até aquele dia. Dia em que presenciou uma cena de violência doméstica em sua casa.

A partir de então, ela precisa aprender a superar um trauma instalado na memória dos seus olhos, ouvidos e pontinhas dos dedos das mãos.

Mas Carol, que é um poço de boas ideias e lealdade, junto ao carismático seu Théo, trazem ao mundo uma linda caixa esculpida em madeira. Uma “caixa de guardar segredos de família”, que as ensinará uma grande lição.

Uma história de aprendizados, amizade e sonhos a serem vividos.

Caixa de Guardar Segredos de Família é um livro infanto-juvenil, mas sua narrativa é para a família inteira. Um livro que destrincha temas importantes para o público de maneira direta, sem perder o encanto e fantasia já tradicionais em obras do gênero.

Quem nunca desejou na vida poder ter uma caixa encantada, onde, as dores e frustrações, quando ali guardadas, sumissem como em um passe de mágica?

Viviane Ferreira Santiago nos presenteia com um livro delicado no soar, no entanto, forte e certo no recado a ser transmitido.

O livro, que é seu primeiro a ser publicado no gênero, é uma obra repleta de emoções e aventuras, com temas pertinentes e bem pautados para a faixa etária de 9 a 13 anos de idade. Um convite para a reflexão dos pais, tios, avós e responsáveis.

A autora, que vem colecionando premiações literárias pelo país, mostra com sua nova obra que ainda há muito a ser oferecido aos seus leitores e leitoras que a acompanham numa trajetória artística que completa sete anos de quantitativa e qualitativa produção.

Apesar de Caixa de Guardar Segredos de Família ser sua primeira publicação para os pequenos, Santiago já teve sua estreia consolidada em 2020, quando recebeu a Premiação no concorrido Prêmio CEPE de literatura infantil com sua obra Biblioteca da Bia, ainda em edição.

Vendas : www.telucazu.com

www.alcacruz.seloeditorial.com.br

Ou diretamente com a autora pelas redes sociais:

[@vivianesantiago](https://www.instagram.com/vivianesantiago) no Instagram

<https://www.facebook.com/viviane.santiago.9/>

Cinza no Céu



**HORROR
FANTASIA
NOSTALGIA
FICÇÃO CIENTÍFICA**

Roberto Schima

CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE
ROBERTO SCHIMA

SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELAS EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclapp.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>

ENTREVISTA COM A ESCRITORA **LEDA GONZAGA** POR ADEMIR PASCALE



Nasceu em Rio Verde - Goiás e mudou-se com sua família para Brasília-DF, ainda Bebê até a adolescência onde mudou para Minas e reside até hoje. Pedagoga e Psicopedagoga, escritora de literatura infantil e juvenil, Contadora de Histórias, especialista em a arte de narrar história. Publicou seu primeiro livro em 2012 e não parou mais, hoje está com 10 obras publicas, incluindo “Pedaços de Mim”.

Todas as suas publicações são independentes, outras através de lei de incentivo a cultura da cidade e com parcerias de alguma editora. Atualmente vive com a sua família. No Triângulo Mineiro, precisamente em Uberlândia-MG, é mediadora de Biblioterapia e contadora de Histórias.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Leda Gonzaga: Desde criança sempre gostei muito de escrever, mas foi mesmo após meu primeiro neto nascer que a vontade de colocar novamente minhas inspirações no papel voltou, em 2012 nasceu meu primeiro filho livro: Davi e a Lua e logo em seguida um de autoajuda “Endometriose o Silêncio e a dor da Alma”, foram muitos “Nãos” de editoras, até que resolvi encarar a produção independente e algumas parcerias com editoras, que me motivou, então não parei mais e hoje já conto com 10 obras lançadas, sendo gênero infantil e juvenil o qual dois deles ganhei dois prêmios: Cinderelas de calça Jeans para o público juvenil - Troféu literatura ZL editora e Melhor livro infantojuvenil e Menina Azul de Toda cor infantil melhor capa troféu literatura 2019. Fui perseverante e não desisti, acreditei em mim e em minhas escritas.

Hoje faço trabalho com autores independentes que desejam tornar seus sonhos em realidade com assessoria.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Pedaços de Mim - Testemunho de um Milagre". Poderia comentar?

Leda Gonzaga: Com certeza! Pedaços de mim é minha autobiografia, conta todo o processo em que eu passei de agosto a dezembro de 2020 em um leito de um hospital e

até o momento em recuperação com algumas limitações. Por causa de uma cirurgia de vesícula que resultou em uma perfuração de fistula duodenal, com esse acontecimento tive uma infecção generalizada e uma pancreatite gravíssima e longos meses de internação entre UTI, coma induzido e várias abordagens cirúrgicas. Ainda terei que passar por outra cirurgia, isso devido ao surgimento de uma hérnia, programada para início do próximo ano de 2022.

Revela como superei a esse momento tão doloroso e difícil para mim, família e amigos.

O objetivo dessa autobiografia é poder levar a todos leitores e leitoras, tocar o coração de cada um deles que passam ou possa vir passar por algo parecido. Ter fé, determinação e superação e que acreditem sempre que existe um Deus maravilhoso, um pai que cuida e não nos abandona.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Leda Gonzaga: Já sofri bastante, hoje nem tanto, pois consigo controlar a mão e a ansiedade em passar para o papel. Parecia que tinha alguém soprando em meu ouvido o que era para escrever todo processo de criação e as ideias vinham a qualquer hora, dia, noite e madrugada ao ponto em que eu chegava a deixar um caderninho nos pés da cama com uma caneta, foram muitas e muitas vezes que levantava e começava a colocar no papel para que eu pudesse descansar e pegar no sono. Pois enquanto eu não fazia eu não conseguia dormir, com o tempo fui conseguindo controlar essa intuição. Mas já escrevi um livro infantil em um dia, intitulado “Menina Azul de Toda Cor”, foi assim e alguns outros em meses, tem outros que ainda não terminei e já faz ano.

A criação de muitas delas parte de experiências reais e que mexem com nosso cotidiano, busco pesquisar sobre o tema, ouço músicas, leio livros, artigos, também me inspiram para que eu lapide o que foi rascunhado.

Meu processo criativo é voltado a literatura Infantojuvenil, mas por esse momento em que me encontro me atrevi a escrever essa minha autobiografia, processo difícil e doloroso, comecei em março deste ano e terminei final de outubro agora, confesso que no início comecei escrever teclando com a mão esquerda deitada na cama. Pois não tinha força para ficar sentada muito tempo e sentia muitas dores...

E junto com ele um livro de poemas inspirado na autobiografia mergulhando assim, por essa nova linguagem poética como reflexões das escritas de Pedacos de Mim.

Sou uma pessoa muito observadora e sempre busco a essência das pessoas que estão em minha volta para que ela se conecte comigo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Leda Gonzaga: Com maior prazer:

...Eu não estava só, essa era e é a única certeza que eu tenho entre delírios e realidade.

Tinha um batalhão aqui fora e no mundo espiritual me envolvendo com suas orações, preces e louvores...

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Leda Gonzaga: O livro estará disponível no site da Seletto Editorial - editora a partir de dezembro: www.livrariaseletoeditorial.com.br

Tanto o livro físico como o e-book dele e também comigo no Whatsapp: 34 099179-5556.

Mas já está disponível para pré-venda tanto com a editora como comigo.

Podem também acessar meu perfil do Instagram: leda. Gonzaga e me contatar, conhecer meu trabalho, lá tenho todos os livros publicados e um pouquinho do meu dia a dia e todo processo de publicação do livro.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Leda Gonzaga: Para que eles persistem não desistem dos seus sonhos e não deixe que ninguém diga que seus textos não são bons, o que eles precisam às vezes é serem lapidados por profissionais que acreditam e colaboram para que o mesmo possa se torna um livro e o nosso mercado estão cheios de editoras que acreditam nesse potencial de autores iniciantes... Eu como assessora literária também me coloco a disposição para ajudá-los, é só entrar em contato comigo. Tenham sempre em mente: “Paciência e perseverança andam juntos nesse processo da literatura”.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Leda Gonzaga: Sim a cabeça borbulha a cada instante, o meu próximo projeto livro será com jogos, está voltado a biblioterapia a qual estou me dedicando, estudando e preparando ele para trabalhar com crianças com TDAH e Autismo.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Paixão de conhecer o Mundo de “Madalena Freire”- Editora Paz na Terra.

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Como Estrelas na Terra /Diretores: Aamir Khan, Amole Gupte

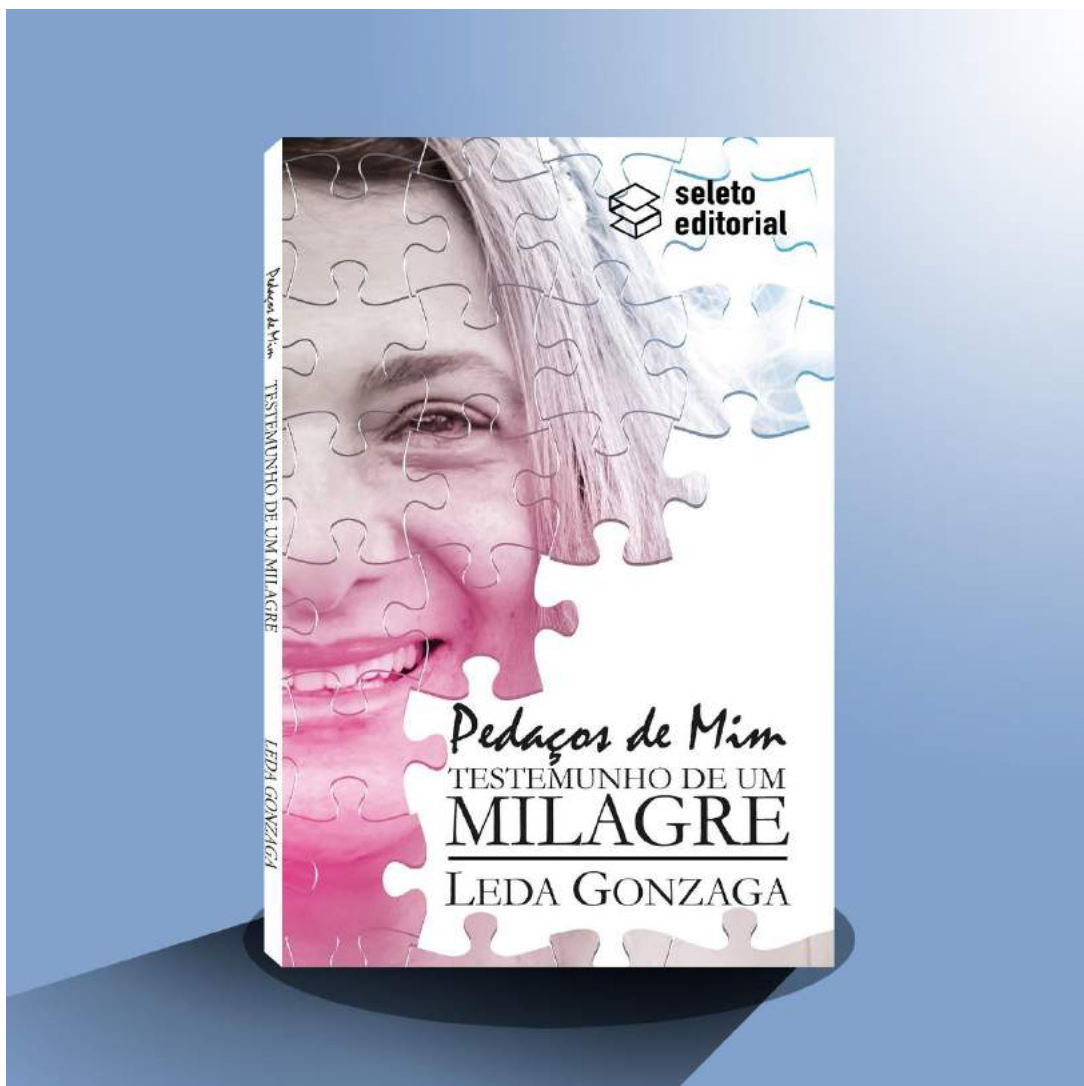
Um hobby: Escrever

Um dia especial: Dia 22 de dezembro de 2020 – Minha alta hospitalar e meu renascimento.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Leda Gonzaga: Quero agradecer à Conexão Literatura. Por esse espaço e por me permitir contar um pouco mais sobre o meu trabalho, que “Pedaços de Mim” possa tocar o coração e alma de todos que puderem ler e indicá-lo para cultivar em todos a fé, esperança que tudo pode quando estamos ligados com nosso Pai maior “Deus”.

Parabenizo a iniciativa que visa ajudar autores independentes a encontrar seu espaço dentro do mundo da literatura. Gratidão é a palavra.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA

MONICA MARINHO

POR ADEMIR PASCALE



Monica Marinho, tem 50 anos, é casada com Marcos, mãe de dois filhos maravilhosos, moradora de Madureira, subúrbio carioca, onde nasceu e foi criada, é jornalista, graduada em Comunicação pela Universidade Gama Filho, em 98, e com mais de 20 anos de estrada, atuando em redações entre Rio e São Paulo. Ela também é microempresária do ramo de Comunicação e está estreando no universo literário, este ano, na Bial, realizando um antigo sonho.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Monica Marinho: Bem, esse é o meu primeiro livro, apesar de ter mais alguns projetos engavetados, com temas totalmente distintos. Sempre amei escrever. Aos onze anos escrevi minha primeira peça teatral para a escola. Depois vieram os poemas, o diário pessoal, a contribuição para o jornalzinho do Grêmio Estudantil...e não parei mais de escrever. Sou jornalista de formação (apesar de ter pensado seriamente em fazer Artes Cênicas), mas meu hobbie é produzir textos livres, sobre tudo o que me inspira. E muitas coisas me inspiram.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Despertar - O Diário de Reenesmee". Poderia comentar?

Monica Marinho: Eu costumo dizer que essa história foi um presente gestacional, porque ela surgiu justamente no início da gravidez do meu segundo filho, em 2010. Desde 2008 eu fazia um trabalho independente de divulgação de Crepúsculo, através de um blog que eu criei - O Twilightmania -, após ler os 4 livros da saga de Stephenie Meyer e virar fã. Esse blog acabou gerando uma parceria informal com a editora Intrínseca, com eventos realizados nas lojas da Saraiva, em São Paulo, e apoio à livraria na Bial do Livro, em 2010.

Em 2009, participei de uma coletiva de imprensa com os atores Kristen Stewart e Taylor Lautner, protagonistas dos filmes da saga que vieram ao Brasil divulgar o lançamento do filme Lua Nova. Dez pessoas foram escolhidas para fazer uma pergunta aos atores e eu

fui uma delas. Foi uma época bem movimentada, que me colocou em contato com um público para o qual nunca pensei trabalhar: o adolescente.

Foi esse público que me levou a escrever essa história. Havia muitos pedidos para uma continuação do romance entre os personagens Renesmee e Jacob Black, mas a autora já havia descartado essa possibilidade. Então, rascunhei um início de história pra ver como era recebida. Os seguidores do blog adoraram! Passei a publicar um novo capítulo a cada semana. Eles simplesmente fluíam. Em 10 ou 11 meses - com uma crise financeira, o nascimento do segundo filho e uma mudança de estado no meio do caminho - escrevi os 70 capítulos. Cheguei a publicá-lo no Wattpad.

Por desconhecer a lei que ampara as “obras derivadas”, achei que não poderia publicar o livro. Por esse motivo, ele ficou 11 anos engavetado. Esse ano, do nada, talvez motivada pela pandemia e por algumas perdas, resolvi registrar a história e, logo em seguida, surgiu a proposta da Editora Autografia para lançá-la na Bienal. Foi realmente um presente divino. Se eu morrer amanhã, morro realizada. Já tive filhos, plantei uma árvore e escrevi um livro.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Monica Marinho: Como disse anteriormente, muitas coisas me inspiram: experiências pessoais ou de terceiros, situações do cotidiano, notícias, momentos... Os textos acabam surgindo. Viram contos, poemas, postagens ou livros inacabados. Algo que me inspira muito é observar pessoas na rua. Me sentar em algum lugar e imaginar as histórias.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Monica Marinho: Não é porque é meu livro, mas são muitos trechos especiais que eu destacaria: o sacrifício de Jacob por amor a Renesmee, a lealdade e coragem dos transmorfos, o companheirismo da família Cullen, a paixão e as descobertas do jovem casal, os momentos ‘calientes’ entre eles... Eu, particularmente, gosto muito dos trechos finais, que eu não posso mencionar aqui para não dar spoiler. São muitas revelações surpreendentes. Quem acompanhou a saga, vai pitar nesses últimos capítulos. Apesar de muitos personagens já serem conhecidos dos fãs, os leitores terão contato com alguns novos e tenho certeza que se apaixonarão por eles.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Monica Marinho: O livro físico poderá ser adquirido por R\$ 55, na Bienal (adianto que lá só terão 80 exemplares disponíveis) ou pela loja virtual da Editora Autografia. No dia 10 de dezembro, às 12h30, estarei no estande da editora, autografando os livros que forem comprados, oferecendo um mimo aos meus leitores, batendo um papo com as

pessoas que comparecerem e sorteando alguns brindes. O e-book poderá ser comprado por R\$10, no site da editora ou nas plataformas já conhecidas pelo público leitor: Amazon, Americanas, entre outras.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Monica Marinho: Estou na posição de receber dicas e não de dar (risos). Eu sou exatamente essa escritora em início de carreira, descobrindo esse universo editorial. Por muitos anos fui leitora. Meu pai, apesar de ter abandonado a família quando eu tinha três anos de idade, me deixou uma herança cultural incrível: a coleção completa de Machado de Assis e Monteiro Lobato. meu primeiro livro, lido voluntariamente (sem ser para fazer prova na escola) aos 12 anos, foi “A Mão e a Luva”, de Machado de Assis, seguido por “Helena” e não parei mais.

Então, acredito que a melhor dica para quem deseja ser um bom escritor é: leia bons autores. As artes, em geral, nos enriquecem muito culturalmente. Filmes, peças teatrais, música, dança, pintura... Não tenha medo de colocar suas ideias e criatividade pra fora. Muita gente tem o sonho de publicar seus escritos, transformá-los em livro. O primeiro passo é transformar o sonho em meta. Deus cuida do resto. Se for pra ser, será! As oportunidades aparecerão, como aconteceu comigo, com a proposta irrecusável da Editora Autografia.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Monica Marinho: Sim, existem alguns. Mas acredito que o próximo da fila é a Série Borboletas, com meus poemas. Serão livretos com poemas temáticos: amor, sociedade, Brasil, amizade.... tenho a ideia de fazer algo inclusivo, acessível para deficientes visuais, com áudio-livros e opção de leitura em braile. Vamos ver. Sou uma autora pobre, não sei se terei grana pra isso. Mas o projeto existe.

Perguntas rápidas:

Um livro: Quando Nietzsche Chorou, de Irvin D. Yalom

Um ator ou atriz: Selton Mello/ Vivianne Pasmanter

Um filme: Viver Duas Vezes

Um hobby: Escrever e ouvir música.

Um dia especial: Hoje!

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Monica Marinho: Espero vender livros suficientes para poder realizar meu próximo sonho: conhecer Liverpool, a terra dos Beatles, que amo de paixão! Te espero na Bienal!

autografia

despertar

O Diário de Renesmee



Monica Marinho



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue
o seu
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA AUTORES**

POR APENAS

R\$100

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

Bônus:

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

SAIBA MAIS. ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Ou escreva para: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

Obam ε Edhuu

POR ADEMIR PASCALE



Obam ε Edhuu, nascido em 1993 em Makokou (Gabão), é kweléfono, kotáfono, francófono, e estudante gabonês no Brasil. Tem formação em Letras Português-Inglês na Universidade Federal de Pelotas (2016-2019). Atualmente mestrando em Letras (Estudos da Linguagem) na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Além de escrever poemas em francês, português e inglês, escreve também poemas em línguas africanas para a divulgação do lirismo e das filosofias ancestrais africanas.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Obam ε Edhuu: Desde a adolescência sempre gostava de transcrever o que eu pensava. Era mais palpável ver meus pensamentos escritos. Mas, naquela época não tinha na mente a ideia de publicar um dia. É na faculdade que entendi a importância de publicar. Por isso, comecei a escrever poesia, primeiro gênero de predileção, nas línguas bekwel e francesa. Minha escolha e necessidade para um lirismo kweléfono e de outros idiomas africanos surge por uma carência bibliográfica autóctone que observei, e um desejo de preencher esse vácuo, isto é, produzir eu mesmo uma literatura que, no futuro, servirá de material de estudo e análise literários e linguísticos das línguas africanas.

Conexão Literatura: Você já participou como coautor das antologias *Poesia ao luar 2*, *Antologia dos melhores poemas 1* e *Coletânea de poemas*, além de publicações poéticas em bekwel e francês em revistas, como *Revista Njinga e Sepé*, *Jornal Relevo*, *Revista Philos*, *Revista Literatura e Fechadura*, *Revista Caleidoscópio* e *The Decolonial Passage*. Poderia comentar sobre a importância da participação de um autor em antologias e revistas literárias?

Obam ε Edhuu: Participar em antologias e revistas literárias permite divulgar o trabalho de um autor e torná-lo acessível a um grande público. O autor descobre outros nomes e trabalhos, e aparece junto com eles nesse espaço literário. Ademais, o público de um certo autor poderá se deparar com o trabalho de outros autores da antologia. Há então laços e conexões feitos, uma rede de autores e leitores.

Conexão Literatura: Você também é autor do livro de poesia *Mekwa me mut* (Palavras do ser), escrito nas línguas ikota e bekwel, publicado pela Editora Letraria, e vendido em formato ebook no site da Editora. Poderia comentar?

Obam e Edhuu: Essa obra poética põe em cena o lirismo africano em línguas africanas, e aborda várias temáticas entre as quais a escrituralidade das línguas africanas e uma intelectualização autóctone. Nessa obra, convido os africanos a dar um valor intelectual e científico a suas línguas e filosofias. E do outro lado, convido o mundo a ver e ouvir nossas vozes como fazemos com as vozes do mundo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Obam e Edhuu: O trecho que resume a obra seria aquele do poema *Simsail e Kama* (O filósofo negro), *Edjek mekana e djon/Aa sa yɔ/Ye e esa náá/Nye dik kukuma yɔ* (Aprender a filosofia alheia/Sem fazer a nossa/É fazer do outro/Dono de si). É o ponto crucial do desejo de emancipação do eu-lírico, que quer ser autor e consumidor do seu próprio conhecimento, um conhecimento parido a partir de uma auto-referencialidade (referência à ancestralidade).

Conexão Literatura: Você também auxilia e supervisiona autores?

Obam e Edhuu: Sim. Meu projeto da elaboração da Literatura Africana em línguas africanas me levou a incluir africanos no processo da emergência dessa Literatura, pois a realidade é que há africanos não letrados nas línguas coloniais, os quais são detentores de filosofias ancestrais na sua forma original. Acho que dar-lhes a oportunidade de expressar esse conhecimento nos seus idiomas respetivos é um passo para a descolonização linguística e literária. Alguns desses autores já participaram de algumas antologias da *Revista Conexão Literatura*. Nesse cenário, eu sou como uma ponte entre eles e as editoras, um tipo de agente literário.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Obam e Edhuu: Tenho contas de Facebook, Instagram, e um canal Youtube (*Mekana me Kama*) onde divulgo meu trabalho. São plataformas mais acessíveis hoje para saber um pouco sobre mim e o que faço.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Obam e Edhuu: Em colaboração com oralityários (autores de oralitura), trabalhamos na escrita de contos tradicionais em seus idiomas de partida. Com esse projeto, queremos fazer uma transição da oralidade para a escrituralidade, não com o desejo de apagar a

oralidade (uma arte africana), mas para permitir uma coexistência do orador e do escriba ou *scriptor*.

Perguntas rápidas:

Um livro: Tata Nzambi

Um (a) autor (a): Dibombari Mbock

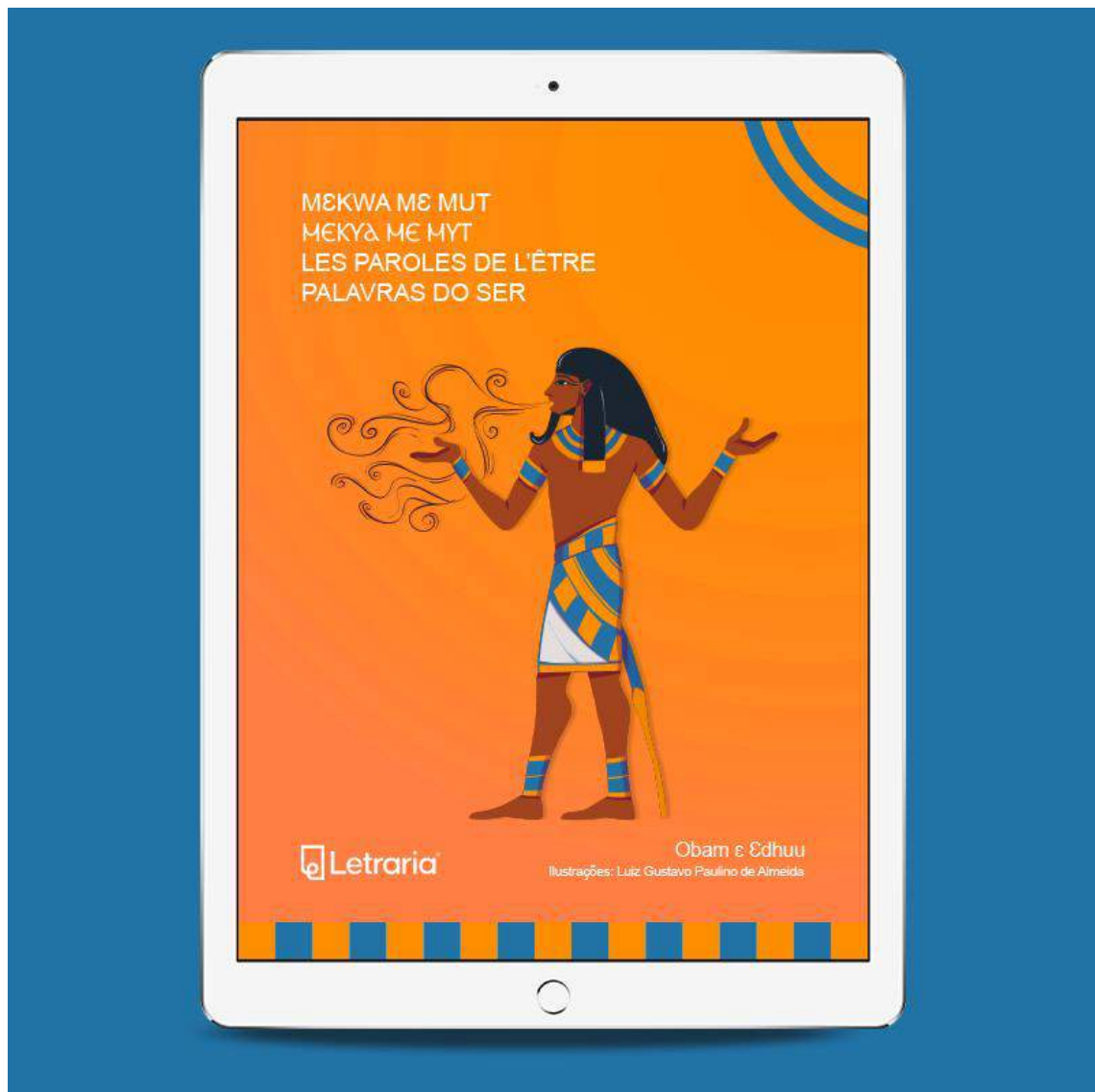
Um ator ou atriz: Viola Davis

Um filme: Fences

Um dia especial: Sábado

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Obam e Edhuu: Agradeço a *Nzambe* (Criador) e a *Ziza* (Nigromusa) pela inspiração e a oportunidade de fazer ouvir as vozes ancestrais, a *Revista Conexão Literatura* e outras editoras sendo plataformas que levam essas vozes para os olhos e ouvidos do mundo.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR REGINALDO LEITE

POR ADEMIR PASCALE



Reginaldo Leite é carioca, cenógrafo, com Mestrado e Doutorado pela UFRJ. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado, em História da Arte, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor universitário, da graduação e pós-graduação, criou projetos de Cenografia e Indumentária para espetáculos e carnaval. Premiado no IX Festival Nacional de Teatro de Florianópolis Isnard Azevedo e no 26º FESTIN de Teatro de Toledo, no Paraná. Integra o grupo de pesquisa “*Studiolo: Estudos em História da Arte da Antiguidade à Primeira Época Moderna*” (UERJ/vinculado ao CNPq). É autor dos livros: *Convergir* (2005), *Os Crimes de Platão* (2019) e *A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer* (2020).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário e na arte?

Reginaldo Leite: Meu encontro com as artes visuais tem sua gênese na Escola de Belas Artes da UFRJ, na graduação em Cenografia. Passei por espetáculos teatrais, ópera, dança e carnaval. Venho, também, do campo da pesquisa em leitura de imagem e escrever artigos científicos é uma das minhas atribuições. Entrei na seara literária por conta da cobrança de alunos na Universidade, que já conheciam minhas publicações de estudo, porém, a ficção se apresentava como um desafio encantador. O primeiro livro (2005) tem como alicerce a História da Arte. O segundo (2019) e terceiro (2020) são mergulhos, no campo da ficção, relacionados aos universos, visual e psicológico. Já o recém chegado é um diálogo entre a Paixão de Cristo e as paixões humanas.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Quando a palavra é o gesto e a imagem emoção: considerações sobre as paixões na formação do pintor acadêmico". Poderia comentar?

Reginaldo Leite: O ser humano é seduzido pelo mundo das imagens, pelo poder de persuasão das emoções representadas e por um repertório gestual que o faz acreditar na veracidade da encenação. Este é o alicerce abordado – a capacidade de fazer o espectador acreditar na ilusão e de tornar a retórica visual convincente – desafio máximo do artista acadêmico. Entre mistérios e evidências iconográficas, minha experiência com

as paixões é externada por meio do diálogo com pinturas e descobertas inusitadas. É uma viagem ao insólito universo das emoções, no qual a Paixão não é só de Cristo, mas de quem o observa. O livro ainda é abrilhantado pelo Prefácio escrito pela Professora Doutora Maria Berbara (UERJ), uma importante pesquisadora da imagem, com trabalhos na Alemanha, Holanda, Brasil, França e Itália.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Reginaldo Leite: Venho me dedicando ao emocional. Minhas pesquisas flertam com a fisiologia das paixões e a iconografia cristã. Confesso que o processo não foi simples. Dialoguei com diferentes instituições, materiais e pesquisadores - *Accademia Nazionale di San Luca* (Roma/Itália), *Cambridge University* (Inglaterra/Reino Unido), *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (Paris/França), Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), Museu D. João VI/EBA/UFRJ, Museu Nacional de Belas Artes, Biblioteca Nacional, Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFRJ, Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Universidade Federal de Minas Gerais e Museu Antônio Parreiras. Foi um trabalho de imersão. A ideia para o livro surgiu durante o curso de Mestrado, em 2001, e ficou guardada até agora. Ao longo dos anos ela foi amadurecida e hoje se torna realidade.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Reginaldo Leite: Escolhi trazer a abertura do livro. “Pintura é ilusão? Emoção é temperamento externado? *Pathos* é um código visual?

Veja, sintá, ouça.

Uma obra se destaca dentre tantas outras em Perth, no Reino Unido. Acompanha os passos de cada visitante do salão expositivo, congela o olhar do espectador. Não há como hesitar ao chamado, resistir não é opção. Então, o que fazer? É preciso ouvir o que a imagem tem a dizer.

Venha, toque-me, estou aqui, sofro por ti.

Eis a imagem de Cristo.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Reginaldo Leite: Meus livros estão disponíveis no site da editora: www.dragoeditorial.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Reginaldo Leite: O artista é um ser inquieto, dinâmico e o processo criativo não se silencia. Encontro-me diante de pilhas de informações e imagens para o próximo livro. Talvez o mais complexo, meu grande desafio enquanto escritor.

Perguntas rápidas:

Um livro: “*L’Image du monde*” de Gauthier de Mertz

Um (a) autor (a): Ariano Suassuna

Um ator ou atriz: Joaquin Phoenix

Um filme: Coringa

Um dia especial: o dia do nascimento de cada filho, meus livros.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Reginaldo Leite: Sejamos criativos, imaginativos e, sempre, tolerantes para com as diferenças e os aparentemente “diferentes”. Porque em meio a tantas diferenças percebemos o quanto somos iguais. As emoções não são fraquezas, mas o que nos caracteriza humanos, o humano do Ser.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA **SINARA FOSS** POR ADEMIR PASCALE



Sinara Foss é tradutora e nasceu há algumas décadas no interior do Rio Grande do Sul. Cresceu ao lado de gatos e cachorros, cercada por muitas árvores e plantas, brincando com a irmã e primos. Ao redor de um fogão a lenha, ouvia causos sobre assombrações e almas penadas que os avós contavam como verdadeiras, enquanto o vento ou, quem sabe, a mão de um espírito triste, batia na janela.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Sinara Foss: Eu sempre gostei de escrever. A Sinara criança, gostava de música e de literatura, minhas atividades favoritas eram tocar violão e de escrever. Aos dezoito anos comecei a faculdade de Tradução – Letras na PUCRS (porque Traduzir era o mais perto de *escrever* da época) Não é como hoje que existe “Escrita Criativa”. Adolescente ainda, comecei a escrever o Memórias de Um Cachorro Velho, meu primeiro livro, que publiquei em 1996. Está na terceira edição. Não parei mais de escrever e me auto publicar. Até que comecei a fazer cursos de Oficina Literária e de Escrita Criativa, e percebi que pra escrever bem, tem um longo processo de leituras, releituras, cortes, primeiros leitores, segundos leitores, leitura crítica de um especialista...

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Plural de Fêmeas". Poderia comentar?

Sinara Foss: Eu presto muita atenção nas histórias que contam, nos programas de TV, nas notícias. Algumas situações me chocam por alguma razão, mais do que outras. Depois fico ruminando a história. E como sempre fui muito empática de me colocar no lugar dos outros e me preocupar com os sentimentos das pessoas (dos animais, das plantas.), penso o que sentiram, o que pensaram, se teria sido diferente se tivessem reagido de outra maneira. E assim eu faço. Mudo os rumos daquele enredo e escrevo a minha história, com outras atitudes e outro final.

Atrás do volante do carro, quando dirijo sozinha, tenho muitas ideias. Tantas que as vezes preciso parar o carro e anotar, porque esqueço rápido.

O livro Plural de Fêmeas é composto por dezenove contos. São dezenove mulheres protagonistas com histórias de vida diferentes. Em comum, além da cidade onde vivem, Vinha d'Alho (uma cidade fictícia que fica em algum lugar no interior do RS) essas protagonistas amam demais. Não um amor romântico, arrebatador, desses de novela, mas um amor doentio, que pode levar aos atos mais violentos que se pode imaginar.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Sinara Foss: São dezenove contos que compõem o livro Plural de Fêmeas. Tem ali contos de oito, nove anos atrás e contos que escrevi há dois meses. Esse não é um livro de pesquisa, eu diria que é um livro de observação e empatia.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Sinara Foss: Eu acho que eu não conseguiria destacar nenhum trecho em especial. Livros são como filhos, não tem como dizer qual que a gente gosta mais. O mesmo se dá com os contos. Todos fazem parte de mim. E eu gosto de todos. Mas claro que prefiro aquelas partes que eu considero que estão mais bem escritas, as partes em que eu não conto, eu mostro a imagem de maneira que o leitor visualize a cena em sua cabeça.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Sinara Foss: Eu tenho um site que fala sobre minha trajetória. www.sinarafoss.com.br O Plural de Fêmeas, bem como outros livros meus, pode ser adquiridos por lá.

No site da Editora Bestiário. www.bestiario.com.br o Plural de Fêmeas também pode ser comprado..

Podem me seguir também no Instagram [@sinarafoss](https://www.instagram.com/sinarafoss) e pedir inbox.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Sinara Foss: Sim, muitos rs rs rs Eu sou aquele tipo de pessoa que está sempre engajada com dois ou três projetos. Tenho um livro – romance- que já está em fase de revisão, com o nome (talvez - temporário) de Estou sempre pronta pra participar de projetos que os meus amigos criam.

Perguntas rápidas:

Um livro: Os Sofrimentos do Jovem Werther pelo que representou pra mim lá pelos meus vinte anos quando eu ainda estava na graduação.

Um (a) autor (a): Pode ser mais que um? (kkk) Os maravilhosos argentinos Cortazar, Mariana Enriquez e Samantha Schweblin.

Um ator ou atriz: Leonardo de Caprio - por ser uma voz mundial na luta pela natureza e pelos animais

Um filme: “Um homem de Família” com Nicolas Cage - gosto muito de histórias que nos fazem pensar em nossas próprias vidas e esse filme fala de escolhas e de como elas mudam – ou não – o nosso destino.

Um dia especial: Eu e o Larri, meu marido, com minhas filhas pequenas em Gramado.

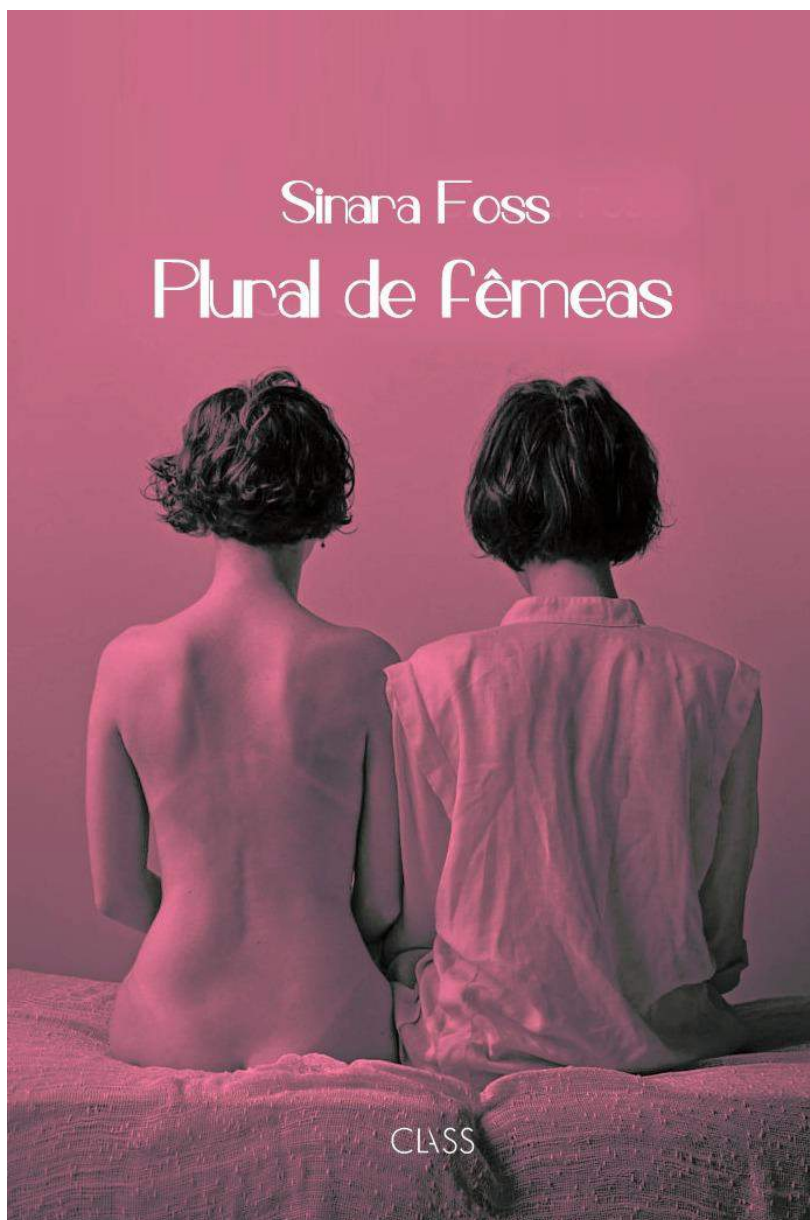
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Sinara Foss: O meu livro pode ser comprado no meu site www.sinarafoss.com.br

No site da Editora Bestiário www.bestiario.com.br

e

Durante a Feira do Livro de Porto Alegre que vai até meados de novembro, na Banca 20 da Livraria Isasul.



**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

POESIAS

AO LUAR

VOLUME IV

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

SELO

CONEXÃO LITERATURA

**LEIA OS EDITAIS
CLIQUE AQUI**

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

POR ROBERTO SCHIMA

CONTO

ESSAS TAIS DE PANDEMIA E QUARENTENA



Conto

Meu nome é Laila. Sou uma vira-latinha castrada de quatro anos. Na flor da idade, portanto! Minha pelagem é sedosa, um tom amarelado nas costas e em metade de meu rosto — sim, "rosto" e não "cara" —, ao passo que o restante é branquinho feito flocos de algodão.

Moro em um apartamento no sétimo andar de um condomínio com meus pais humanos. Não me recordo muito bem quando me adotaram. Eu era nova demais. Porém, se fui escolhida é porque me amaram desde o princípio.

O apartamento é pequeno. Pelo que ouço falarem de longa data, eles ainda estão pagando e, vez ou outra, coçam a cabeça preocupados entre contas e dívidas. Confesso que não compreendo bem essas coisas, mas tenho dó.

Os dois trabalham fora desde que me entendo por gente — sim, "gente" e não "animal" —, e isso, no comecinho, foi muito chocante para mim. Eu chorava demais e os vizinhos reclamavam. Naquela época, o apartamento parecia-me enorme, sombrio e misterioso. Eu ficava completamente trancafiada. Ah, sim, minhas bacias eram deixadas cheias de comida e água, porém, eu tinha muito medo de ficar sozinha. Todo aquele silêncio e o tempo que custava a passar. Deitada em meu colchãozinho ou roendo um tapete, meu coração ficava sempre apertado, temeroso, como se o teto pudesse cair a qualquer instante ou algum monstro surgir de sob o sofá.

Por outro lado, quando eles finalmente chegavam... Meu Deus, que alegria! O coração batia feito um tambor, soando um sino de felicidade. Meu rabo balançava sem parar. Mamãe fazia-me festa, mas era o Papai quem me enchia de todos os mimos e dengos possíveis. Pegava-me no colo, abraçava-me, chamava-me de "queridinha", "amorzinho", "Lailazinha" e, claro, eu ficava toda derretida. Eram momentos que quase compensavam as intermináveis horas de solidão... Quase.

E, felicidade maior, era quando saíamos para fora do prédio e passeávamos pela área de lazer do condomínio. Minha nossa! Sentir o ar puro, admirar as estrelas, farejar o perfume das damas-da-noite e o frescor do gramado (até dar uma mijadinha — desculpe-me o vocabulário, não adequado para uma dama, mas não resisti). Papai também gostava de sair comigo. Eu voltava-me para ele vez ou outra e via o seu olhar perdido na distância, decerto buscando alívio para um dia atribulado no serviço. Todavia, logo voltávamos. Davam minha janta, assistiam um pouco de televisão, tomavam banho e iam dormir.

Nos últimos tempos, fui percebendo que eles pouco conversavam. Era como se houvesse um acordo tácito a respeito. Eles trabalhavam em lugares diferentes e o esperado seria que aproveitassem os momentos em casa para porem os assuntos em dia. Mas não. Via-os distantes um do outro. Entre as poucas palavras que trocavam, uma das frases que mais repetiam era: "Dar um tempo". Não sei por que, isso me deixava inquieta, afinal, o tempo não é nosso, não é uma mercadoria que podemos dar ou vender, não é mesmo?

Então, aconteceu.

A partir de um certo momento, eles trocaram essa frase por palavras como "pandemia" e "quarentena". Eu sei bem porque jamais tinha escutado elas antes e, por isso, estranhei imediatamente. Seria um novo programa na televisão? Uma marca diferente de ração? Contudo, o que me chamou mais a atenção foi que, a partir daí, eles não foram mais trabalhar. *YES!* Ficaram o dia inteirinho no apartamento e nem era de fim de semana. Senti-me no céu! Janelas ficaram abertas, o sol entrou a vontade, senti o vento que vinha de longe e até caminhamos os três na área de lazer. Não havia mais tristeza em meus olhos e nem temor em meu coração. Não me sentia mais abandonada. Ah, outra coisa que achei esquisito — engraçado, na realidade — foi eles usarem umas focinheiras brancas. Eles sequer mordiam! Mas não importava.

Só sei que foi e tem sido bom demais.

Agora, escovam meus pelos com mais frequência. Ganho colo e muitos elogios e cafunés. Sinto-me a princesa da festa. E meu amor por eles explode mais do que nunca dentro do peito.

Entretanto, querem saber o que mais adoro? Eles voltaram a conversar! Sim, falam mais sobre coisas corriqueiras e sobre eles dois. Relembra a infância de cada um e os tempos de namoro. Não mais mencionam aquela frase, pelo contrário, voltaram a trocar carinhos e sussurrarem um no ouvido do outro. Como se eu não pudesse escutar! E também se trancam no quarto para fazer coisas de Papai e Mamãe longe dos meus olhos. Como se eu fosse tão criança assim! É como se voltassem a se conhecer. Não fico mais torcendo para o dia terminar.

Já faz mais de três meses que isso tem perdurado. Parece até que temos todo o tempo do mundo! Quer saber de uma coisa? Não consigo imaginar-me sozinha outra vez. Sou feliz.

Ah, não sei quanto a você, porém, para mim essas tais de "pandemia" e "quarentena" podem durar para sempre...



SOBRE O AUTOR:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. Participei de mais de cem antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

Revista

PROJETO AUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

PORQUE TER **AUTOESTIMA** FAZ TODA A DIFERENÇA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020 pela publicitária Elenir Alves. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos sobre incentivo, motivação, autoajuda, gastronomia, cultura, lazer, cinema, beleza, saúde, psicologia, bem estar e muito mais.

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima.

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

100%
ENERGIA

NASCIDA PARA O
BEM ESTAR DOS LEITORES

MOTIVAÇÃO

Venha **conhecer**
a **nossa** revista

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO

CONTO
NA PORTA DO CEMITÉRIO



Conto

Naquele local ermo e sombrio, onde nuvens negras contemplavam, covas que há muito tempo não recebiam algum visita de qualquer viva alma, ossos foram lançados ao relento que algum dia possuíam algum tipo de testemunhas que lamentavam sua passagem.

Não havia o que contemplar ou o que chorar, ali não havia saudade, somente a figura de um velho Coveiro que ficava caminhando para lá e para cá na busca de algum sentido para continuar com a sua vida medíocre.

Aquele Cemitério não possuía nenhum pudor se quer, e os corpos se amontoavam, a mercê de alguma piedade que pudessem vim a propiciarem, um enterro digno.

As Estátuas no seu corredor de entrada, patrocinaavam um emergir fantasmagórico e terrível, de Gárgulas desgastados pelo tempo, e que guardavam para sempre no ranger de dentes daquele purgatório a céu aberto, a atmosfera intrépida do medo.

O Coveiro, envelheceu entre idas e vindas de carros funerários, que testemunhou, desde o enterro do mais granfinos dos cidadãos até os mais miseráveis mendigos, mas que todos possuíam um fim mútuo, que para sempre ficariam com suas carnes naquela terra maldita, sem conter nenhum registro se quer, do que um dia foi considerado como ser humano.

Sendo assim nas noites sombrias, com o cantar galo arrebatando, madrugadas megeras havia um caminho de compreensão entre a tensão e a emoção no mundo espiritual.

A descontraídas caveiras que ganhavam vida e faziam do velho espaço cadavérico ambulante, uma forma de distorção de suas eternidades, que ficavam esquecidas a cada novo pá de cal, continham alguma alegria por entre cânticos demoníacos.

O Coveiro testemunhou tudo aquilo, como um guardião que guardava aquele local implacavelmente, mas conservando um medo latente de vir a ser devorado por aquelas algozes criaturas.

Serviam-se de um banquete repleto de carnes putrefadas, que assim ganhavam maior temeridade com o passar das horas, onde tudo cheirava asco perante a presença da sucessiva da Morte.

Caminhavam por suas valas, e zombavam das cruces, que seria um exemplo de alguma exclusividade diante indefinidos sentimentos, pois não sabiam se estavam sendo mortos-vivos ou se haviam conseguido algum tipo de libertação, por alguma força superior que os tivessem os reerguidos, de suas sepulturas.

Mas isso de nada adiantava, pois dali não poderia, saírem jamais.

Estavam para sempre encarcerados, a andarem para um lado e para o outro, perante um sentimento de futilidade, a ficarem dançando e saboreando todos os tipos de bizarrices em um local onde não se reinava mais nada de angelical.

Padeceriam eternamente, perante tormentos causados por vermes que habitariam suas fétidas carnes, e naquele cemitério contemplariam sua ruína e sua maldição de maneira ininterrupta.

O Coveiro era um guardião do Nefasto, que disfarçado entre as pessoas, guardava aquele local como uma forma de penitência, diante tanto sofrimento que tinha testemunhado durante os longos tormentos corporais, aos quais foi compelido para desempenhar a função de Carcereiro dos Condenados.

Sabia muito bem o que acontecia naquele local depois de certas horas.

Tinha se especializado em furtar pequenos pedaços de cadáveres no necrotério, bem como ir até o matadouro municipal e pegar restos de bovinos, que escondiam em sacos plásticos e deixava na Porta do Cemitério, para que assim aqueles indolentes seres, pudessem conter algum tipo de afago alimentício.

Todavia, já estava ficando entediado de tudo aquilo e suas fraquezas mentais e espirituais, bem como um certo ar de arrependimento em conter uma vida vazia, destinada a ser um guardador, de empilhados de carniças ambulantes repletos de ossos quebradiços, fez com que refletisse que um dia precisaria parar com aquilo.

Mas continha um pensamento que os momentos trágicos que se envolveu, condenando para o submundo das trevas, logo teriam um preço muito alto a se pagar.

O Velho Coveiro sofria de câncer intestinal, e sabia que sua neoplasia iria durar muito pouco tempo, então desejava deixar tudo preparado, e também sonhava em não ser sepultado naquele local.

Não teve oportunidade para realizar tal desejo.

Sendo assim seu funeral, conteve poucas pessoas que o conheciam.

E assim foi sendo o trajeto de maneira triste, sem nenhum tipo de comoção.

O dia estava com pequenas gotículas de chuvas caindo, que molhavam a madeira rústica do seu caixão.

Em breve todos aqueles sacrilégios, de fazer do luto um espetáculo social deprimente, aos quais boas parcelas das pessoas de fato, continham algum respeito pela dor alheia dos seus poucos familiares, estaria consumado por completo.

Diante os esquitejamentos morais que realizava, defronte a uma falta de arrependimentos verdadeiros, durante a sua hora derradeira da sua passagem, não quis entregar sua alma para o *“julgamento final divino”*, (sabia de que nada adiantaria) e preferiu assim ficar guardado em uma cova, sem nenhum tipo brio, observando durante o dia, todas as falsidades e misérias, humanas e depois perambular como um outro morto-vivo iguais ao que guardava, contendo somente o desejo de causar a maior dor possível, perante a falsidade de pessoas que somente lembravam-se dos seus defuntos, durante o Dia de Finados.

Na Porta do Cemitério, toda a noite, ele ansiava por algum tipo de alucinação que o tirasse de todo aquele esquecimento, que as pessoas fingiam sentirem, e que contivesse alguma comoção, mas se quer, sabiam o que realmente era estar próximo de alguma situação que assim viesse a lhes possibilitarem viajarem por entre caminho, de lugares onde poderiam, voltarem a conter algum tipo de desejo de estar perto de algum ser de carne novamente.

Por entre as repartições de suas vestes, antes da hora final de ser depositado na urna mequetrefe, tinha prometido que faria de tudo para não ter o destino funesto da maioria das almas pecadoras, mesmo que tivesse que enganar a força criador mor.

Ficar aqui se lamentando pelo o que foi ou não feito não vai adiantar de nada, queria ser o sujeito de uma nova forma de transcendência que viesse assim propiciar um legado de realizar todas as suas psicologias para uma existencialismo, que assim procrastinasse novos maneirismos de tentação para o próximo.

Sabia que a cada novo Dias de Finados, discursos funestos, estariam sendo disseminados, somente para conterem métricas vazias, que viessem assim preencherem, novas nuanças de vícios espirituais hipócritas, em reaver, a necessidade de que para cada novo corpo no cemitério, haveria pelos algum mortal que se lembraria das proezas suas em vida infelizmente, mesmo que fosse as mais simples atitudes, ou perante as mais derradeiras, servindo de exemplos ou não a serem seguidos por novas tendências juvenis em alçar vôos, que pudessem unir tanto o carnal como o espiritual.

Na Porta daquele cemitério, permaneceria, transitando por entre almas, que fizessem júbilos, para assim poderem gerar, novas dialéticas comportamentais, acalentando assim algum tipo de aviso para os mortais, para que sempre se lembrassem de seu papel como percussores de novas esperanças e também vícios, ficando sujeitados para a construção de novas dádivas intelectuais, reproduzindo subjetividades em diferentes em idades, aos quais não ficassem somente esperando a Morte, mas sim que houvesse ditames, para a explosão de novos cunhos de humanizações, que fizessem todas as pessoas se recordarem a cada instante, que *“ela”* estaria para sempre ai esperando a companhia de todos.

A Morte se transfigurou em uma *“piada coveira”*, atormentando o psicológico de cada um, onde fingem temer a solidão, mas a cada nova forma de enganar-la, se reinventam chauvinismos comportamentais, aprofundando a questão de se arrepender somente quando não tem mais nada perder.

Esse ser, já não estaria perdendo mais nada, e ultrapassou o sentimento do tolerado, para assim se constituir como algo humanizado e virtuoso, onde cada novo diâmetro de alegrias do além do túmulo, ficariam impregnadas do odor de sua visita, e que pela eternidade faria cada esqueleto daquele cemitério, conter a recordação que não *“somente pão vive homem”*, mas sim que está traçado em esmiuçar seu lugar perante uma chama de implorar perdão, diante uma redenção ao quais seus vícios foram um passaporte, para o convívio com dores eternas, bailando com a incredulidade de querer enganar de alguma forma cretina a *“Caveira com a Foice”*.

Sendo, assim é natural, querer se enganar, que no amar, tudo pode ser comprometido e querido com sentimentos verdadeiros, que venham assim protegerem as pessoas de um parnaso deo esquecimento que ultrapassa os séculos, onde o maléfico se eterniza para sempre em um show frenético de explosões de sarcasmos, onde anjos e demônios satirizam os vivos, diante seus desejos ardentes em esconder toda a sua forma de amor, com medo de serem humilhados por entre viris sentimentos de uma auto-suficiência ridícula.

Na Porta do Cemitério, ficaria guardado consigo tudo o que vivenciou de pecado, como sendo um recado que o fim está sendo aguardado por todos, por um gosto intrépido de se presenciar vísceras, sendo corroídas por todo o tipo de bactérias saindo por seus por seus poros, contagiando o ar, com um sucessivo odor de pavor, por entre atormentados e exilados, humanos e espirituais doentes, de algum tipo de compaixão, que

não fosse somente uma combustão de esquecimento disfarçado de felicidades comiseradas de perdões ridículos e sem nenhum valor de empatia real por aqueles condenados.

Na Porta do Cemitério, a Morte se reinventou como um novo Coveiro, e por entre suas grades enferrujadas, observa silenciosamente novos espectadores, para seu eterno espetáculos horrores, ocasionando novos louvores e rezadores, cheios de dores e amores.



Clayton Alexandre Zocarato

Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto – SP. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.

Email: claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br

Instagram: Clayton.Zocarato

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato/>



Cedrik, junto de seu fiel companheiro, Sandial, o Ancião e da bela Vivian, protetora do misterioso livro Necrofilium, embarcam em uma incrível jornada para salvar o seu povo de um destino cruel. Buscando inspiração no clássico trabalho de Robert E. Howard, Roberto Fiori cria um herói único, dotado de extrema força, músculos avantajados capaz de levantar em cada braço mais de 75 quilos e, ao mesmo tempo, escalar facilmente uma parede de 20 metros de altura. Com Cedrik: Espada & Sangue, Roberto apresenta um mundo fantástico e apaixonante perfeito para os fãs de bárbaros, magia e lutas épicas.



CEDRIK - ESPADA & SANGUE POR ROBERTO FIORI



ADQUIRA O SEU
CLIQUE AQUI

POR GILMAR DUARTE ROCHA

CONTO
A ARTE DE VIVER DA FÉ



Conto

O ano era 1963 e o dia, quente e abafado, estava marcado no calendário no início da segunda semana de janeiro. Joana, ansiosa, pulava as passarelas de madeira entre um barraco e outro, retrucando com caretas as gracinhas que ouvia dos moleques empoleirados nas traves de madeira podre, escoradas em postes fincados no fundo do lodo do mar. A menina tinha uma missão a cumprir e não podia ficar parada, dando trela às brincadeiras, silvos e chistes que ouvia da meninada descompromissada e desocupada do lugar. Depois de atravessar, aos trancos e barrancos, mais de cem metros do caminho tortuoso daquele lugar pleno de casebres de pau a pique, correndo o risco de escorregar e cair na água escura e maculada daquele braço de mar, ela chegou finalmente à casa de Sinhá Junqueira, benzedeira da região e dona dos segredos e mandingas dos deuses. Era uma casa diferente das demais: construída em terra firme; com alvenaria de tijolos amarelos, com mais de duas portas e cinco janelas, a residência era uma espécie de marco divisório entre a civilização e o submundo:

— De casa? Sinhá Junqueira. É Joana, filha de Anacleto — a menina gritava, enquanto batia forte na porta pesada com os braços finos e mãos compridas e rijas. Pouco tempo depois a porta abria e aparecia à frente dela um mulato alto, bem vestido, de terno branco e gravata de seda colorida. O homem de seus quarenta e poucos anos olhou a menina mulata de cima a baixo e, talvez não enxergando nela a formosura das jovens negras do lugar, tratou de desconversar e despachar a inconveniente visita, que, certamente, estava ali para mendicância, ainda mais vindo de onde vinha.

— Sebastião? Quem chegou aí — de repente uma voz fina e firme de mulher eclodia de um aposento da casa ancha, que parecia um palácio real egrégio à vista dos moradores dos Alagados.

— É Joana, Sinhá, filha de Anacleto e neta de Mariinha — a menina antecipou-se e berrou a plenos pulmões. — Tenho um recado para vossa mercê.

— Deixa ela entrar, Sebastião — anuiu a dona da casa, completando: devo muito à Mariinha. Você sabe muito bem o quanto eu devo à ela. Ou não sabe?

O mulato bonachão de terno branco diante do “você sabe muito bem” conformou-se e, a contragosto, permitiu o acesso daquele ser que ele julgava inferior e desprezível.

Dentro da casa ampla e decorada com móveis antigos, quadros com temática africana, bibelôs, colares, miçangas, avelórios, contas, espalhados em todas as partes, a jovem Joana ganhou a sala e chegou até uma ala avarandada onde uma velha senhora tricotava uma toalha de renda:

— O que Anacleto mandou você me transmitir, pedrinha do reino — A mística Sinhá Junqueira, com o seu jeito exótico de falar, foi direto ao assunto.

— Primeiramente, benção, minha Sinhá. Na próxima quinta ela vai levar madrinha Mariinha para a lavagem do Bomfim e pediu uma ajudazinha de vossa mercê.

Sinhá Junqueira interrompeu por um instante a tricô; levou a mão direita ao queixo e ficou pensativa por um tempo. Depois da ligeira meditação, encarou a jovem com os olhos firmes de águia e declinou:

— Mariinha, a sua madrinha, não tem jeito não, meu docinho de coco. Aquela doença que arrebenta o sangue da cabeça é ponto sem nó, caminho sem volta. O destino de Mariinha está traçado por Iansã e, com a ajuda dos céus, ela deve estar dentro em já nos braços de Oxalá. Anacleta sabe disso e insiste com essa maluquice que ela quer fazer.

— Sinhá — suplicou Joana, choramingando.

— Tá bom. Eu vou dar uma ajuda mesmo sabendo que Anacleta vai fazer é tempo perdido, para não dizer maluquice da cabeça dela. Sebastião? Dê uns contos de réis para a menina aqui.

— Muita agradecida, Sinhá. Deus lhe pague em dobro.

A mulher do rosto redondo e sorriso alargado jogou a mão espalmada ao vento, ficou pensativa por uns instantes, rezou duas rezas em iorubá e voltou à atenção para o tricô.

A quinta-feira chegou com o sol mais radiante e o clima mais abafadiço ainda. Todos no casebre de Anacleta vestiam branco dos pés à cabeça e um andor escorado por quatro homens de fortaleza atlética comportava um corpo magro, inerte, de uma mulher que beirava os sessenta anos, mais que parecia ter oitenta, tamanha a esqualidez e a profusão de rugas. Vestiram Mariinha, a mulher intrêmula, como se santa fosse, e como santa ela se aparentava, pelo menos no quesito imobilidade. Virtude para a santidade? Talvez apenas Anacleta e outras religiosas fanáticas sabiam lá as razões.

— Juraci, minha cunhada, muito agradecida por ter vindo com as tuas primas — Anacleta, a mãe de Joana, e chefe da comitiva que saía naquela hora em direção ao Bomfim, agradecia às amigas que chegavam com os trajes de baiana e que ela havia convidado para abrir ala do cortejo mambembe que sairia de Alagados, atravessaria Massaranduba e Caminho de Areia e se incorporaria à procissão oficial de baianas que iriam lavar a escadaria da igreja de Nosso Senhor do Bonfim.

Tudo acontecia segundo a cartilha. O sol abrasivo aumentava de intensidade em torno de meio dia e a comitiva de Alagados seguia em frente e se perdia no amontoado de gente que se aglutinava ao redor da sagrada colina.

— Levem o andor com Mariinha para perto do andor da santa — gritou um homem gigante, um estivador de nome Reginaldo, que conhecia o drama de Mariinha, e que foi um dos incentivadores de Anacleta em levar o corpo da mulher enferma para a benção em frente à igreja do Nosso Senhor do Bonfim ao lado da imagem de Nossa Senhora da Conceição. Tudo poderia correr na paz do senhor não fosse a sanha de um dos carregadores do andor de Mariinha, um bêbado contumaz de Massaranduba, de nome João Paraguaçu. O homem depois de sorver o décimo-quinto gole da cachaça que

trazia numa garrafa amarrada a um alforje peitoral, tropeçou no chão liso do primeiro degrau da escada da igreja, fazendo com que o andor desequilibrasse e, por corolário, o corpo frágil de Mariinha deslizesse escadaria a baixo.

— Ah!

— Uh!

— Oh!

Exclamações gerais com tal fato insólito e absurdo.

— Vejam! Mariinha se levantou — berrou, em sequência, o delirante João Paraguaçu para escárnio coletivo e risadas em profusão.

Mas não era delírio do bêbado: o corpo tetraplégico da enferma estava de pé e ela andava normalmente no meio da turba com os braços estendidos, tal qual um autômato, seguindo em direção da ladeira da sagrada colina.

O tumulto que se seguiu foi generalizado. Uns gritavam palavras de louvor ao santo do dia; alguns berravam “milagre, milagre”; outros se apinhavam para ver a mulher enferma descendo a ladeira, lépida como um capitão de areia; os policiais e organizadores do evento não sabiam o que fazer e não sabiam como resolver aquela confusão toda e dar continuidade à festa religiosa.

Com o sol ainda a pino, o corpo da morta-viva chegou andando ao bairro da Massaranduba, no limite da área dos Alagados e entrou numa casa já mencionada aqui nessa estranha história. O resto da saga, talvez as manchetes do dia seguinte dos principais jornais de Salvador expliquem alguma coisa:

RESSUSCITADA DO BONFIM ESGOELA MÃE DE SANTO DE MASSARANDUBA, dizia “A Tribuna da Bahia”.

MULHER SEMIMORTA MATA FAMOSA MÃE DE SANTO COM AS PRÓPRIAS MÃOS, estampava o “Jornal da Bahia”.

MULHER REDIVIVA DA LAVAGEM DO BONFIM ESGANA RIVAL, o jornal “A Tarde”, com essa manchete, reabilitava uma celeuma que se estendia há anos na região da península de Itapagipe. Dizia-se, a boca pequena, que a senhora de nome Sinhá Junqueira havia enfeitado o amante da famosa prostituta de nome Mirtes, nome de guerra na Ladeira da Montanha da “singela dona de casa” Mariinha do Carmo e Silva e que esta, muito desgostosa com o acontecimento e com a traição do esbelto mulato Sebastião da Anunciação, foi fulminada por um derrame cerebral de grandes proporções, que a deixou tetraplégica por anos a fio.

Coisas de mistério. Coisas de Magia. Coisas de fé. Coisas da Bahia.

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.



Email: ademirpascale@gmail.com

DIVULGAMOS O SEU LIVRO

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES

POR R\$100

MEIO DIGITAL

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz

DESTAQUE O SEU LIVRO

1

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacá-lo.

2

A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro

POR GLADSTON SALLES

CONTO
PAI, VEM DANÇAR COMIGO!



Conto

Na escola as "tias" se revezavam nos ensaios dos alunos do 1º Ano Fundamental para a apresentação da dança em homenagem ao "Dia dos Pais". No olhar de cada criança, o retrato da ansiedade. Cada movimento das mãos e dos pés era repetido "mil vezes" para não errar no dia da festa.

— Vamos lá, Rosinha, não vai errar dessa vez!

E a menina superando suas limitações, parecia flutuar nas nuvens amparada pelos amiguinhos ocultos, os “anjos sapecas”. Sim, porque a vontade de acertar e fazer bonito, era tanta, que seus pés se desprendiam do chão, e ela entrava no seu mundo de fantasia longe do pátio da escola. A voz da "tia" que lhe chamava atenção era substituída pela voz doce da "fada madrinha". Muitos amiguinhos do mundo imaginário infantil, naquele momento, lhe estendiam a mão, e ela se sentia mais segura. E, assim, entre erros e acertos, prosseguia na sua dança perfeccionista mantendo em segredo a ajuda que recebia dos seus fiéis amigos do "Reino Encantado". Próximo ao "Dia dos Pais", Rosinha, antes de dormir, rezava ao "Papai do Céu" e pedia para ajudá-la no grande desafio. E nessas noites abençoadas os sonhos eram lindos e ela acordava todas as manhãs com muita disposição (pronta para o ensaio) e confiante. Os preparativos para a festa na escola estavam sendo concluídos, quando uma das "tias" perguntou às demais sobre qual o título que deveria ser escolhido. Não demorou muito, e surgiu a frase original — “Pai, vem dançar comigo!” — que agradou a todos.

Rapidamente o letreiro foi confeccionado e colocado em posição de destaque no pátio. Na véspera da festa todo o trabalho tinha sido finalizado. Agora, era só esperar... Mas, a realidade da vida muitas vezes é cruel. O pai de Rosinha é um pai "ausente". Vale dizer, completamente indiferente e irresponsável. Não participa de nada. Não ajuda na criação da menina. Não presta nenhuma ajuda financeira para as despesas necessárias. Rosinha que vive apenas com sua mãe (mulher guerreira) não compreende a devida dimensão do problema. Inocente, imagina que seu pai, por ser um super-herói como tantos outros, ainda não reapareceu porque vive muito ocupado. Ledo engano. Agora, Rosinha vai participar pela primeira vez de uma dança em homenagem ao "Dia dos Pais". Antes, a mãe não a levava para a escola nessas ocasiões para evitar constrangimento. Dessa vez, porém, ficou difícil. Ela sonha com isso. É que Rosinha está crescendo, e começa a sentir de modo mais acentuado a ausência do pai. Enfim, chega o grande dia. Ela está pronta e quer dançar como nunca dançou na vida. Seus olhos brilham com intensidade. O entusiasmo é evidente. E lá vem a turma chegando em direção ao palco... Rosinha olha para todos os lados e nada de ver seu pai, o grande homenageado do dia. Só consegue enxergar rostos de homens estranhos. A apresentação começa e ela espera avistá-lo a qualquer momento. Ao final, ecoa no salão a voz da “tia” que comanda o espetáculo:

— Agora, as crianças vão ao encontro de seus pais para convidá-los a dançar!

E Rosinha corre sem saber pra onde... São tantos convidados. Uma lágrima ameaça cair de seus olhos. Cadê seu pai?

De repente, surge um homem mais velho do que todos aqueles pais que estavam sendo homenageados. E Rosinha ao vê-lo corre ao seu encontro e o abraça com carinho. Em seguida, visivelmente emocionada lhe faz um convite:

— Vovô, vem dançar comigo!

E aquele homem idoso com sorriso jovial lhe responde:

— Claro, minha querida. Vovô te ama!



Gladston Salles

Advogado, Escritor, Poeta e Livre Pensador

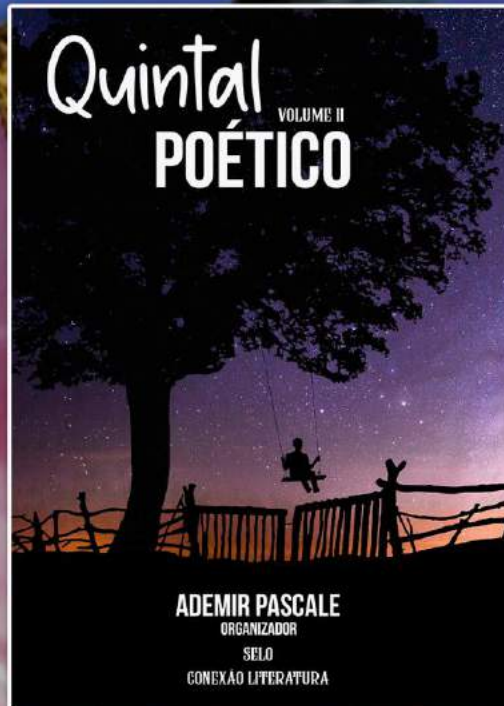
Livros publicados:

"O Cronista Crônico" (crônica - Litteris Editora) e "Flores de Plástico e Coração de Pedra" (crônica - Scortecci Editora).

"Oferenda" (poesia - Litteris Editora) e "Estrela da Manhã" (poesia - Scortecci Editora).

"Chapeuzinho Azul na Cidade Maravilhosa" (conto infantojuvenil - Scortecci Editora).

PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS E ENVIE
O SEU CONTO OU POEMA**

ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

POR IDICAMPOS

CONTO
É DURO VER TUDO...



Conto

— **Q**uem quer ver dura? Verdura fresquinha, quase orgânica, vinda da roça, regada com muito amor!

Ganhava a vida o verdureiro da Passarela do Caracol, aquela que enrola a mente nas voltas do concreto armado; dividindo a cidade de Nova Iguaçu, literalmente, no meio.

A ladainha do sujeito deu uma trégua, quando foi interpelado pela freguesa:

— Quanto custa o cheiro verde?

— Três reais.

A vida do vendedor de verduras fazia corrente nos dias, arrastando o destino à própria sorte... Daquele ponto do planeta, ele avistava o mundo.

O verdureiro argumentava que a cidade nunca trazia monotonia, mas despertava paixões, estimulava a libido.

Montado neste discurso perdia a compostura, diante da bunda mais bonita do pedaço. Todo dia, pontualmente, às 9h, passava a bunda maravilhosa, todavia nunca havia parado para comprar nada.

Naquela manhã, véspera de feriado de comemoração do dia da Independência do Brasil, o cheiro verde cruzava o caminho do verdureiro com a bunda extraordinária:

— O seu cheiro está bastante caro! Reclamava imponderada.

— Os preços estão na hora da morte, querida.

Conversa vai, assunto engata, a gostosa revelou a profissão: era comissária de polícia civil do Estado do Rio de Janeiro, lotada na 52ª Delegacia de Polícia Civil de Nova Iguaçu.

No início titubeou perante a autoridade, em seguida relaxou, lascou uma cantada; tendo a rua como testemunha, acertaram o encontro pro outro dia.

No feriado, estava lá, no botequim, em frente ao ponto das vans; na hora marcada, tremia feito uma vara verde, tinha medo do desconhecido... Ela, no previsto, chegou; beberam duas cervejas, esbanjaram excitação, partiram para os finalmente...

Os aventureiros instalaram o ninho de amor, no hotel vizinho da rodoviária. Chegaram transbordando prazer...

Ao adentrarem no quarto começaram as surpresas: a bonitona tirou o sutiã, com enchimento, guardião de uns peitinhos caidinhos, vítimas da ação da gravidade.

O espanto ficou por conta da bunda, a bunda dos sonhos eróticos do verdureiro que despencou, após ser abandonada pela calça de ginástica.

A decepção só não foi maior, porque, diante do desastre, tratou de apagar a luz. Transaram no escurinho, calorosamente; no entanto, na hora da empolgação, puxou os cabelos da amante, revelando a calvície da mulher.

Desesperado, com a peruca sintética na mão! Pulou a janela da suíte, quebrou o pescoço, morreu de amor...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

POR IRACI JOSÉ MARIN

CONTO

EM BUSCA DO TESOUREO ENTERRADO



Conto

Contava-se que, num lugar muito distante, havia tesouros enterrados. Eram moedas de ouro que os índios tinham escondido em panelas de barro, antes de serem atacados e exterminados pelos exércitos invasores.

A história chegou onde morava a família de seu Jorge. Quem contava ainda dizia que alguns aventureiros tinham enriquecido com a descoberta. Mas chegar até lá era difícil.

Os dois filhos de seu Jorge decidiram enfrentar os perigos e procurar aquele lugar. O esforço seria recompensado: livrariam a família da miséria em que vivia.

Num certo dia, então, Lúcio e Alfredo montaram em seus cavalos e, levando os alforjes com comida, instrumentos para cavar a terra e outros apetrechos, se puseram a caminho. Andaram vários dias até que enfim, no meio de uma tarde, viram terra amontoada ao lado de buracos abertos no meio de um grande campo desabitado.

Passaram por entre os buracos e escolheram um local próximo a um bosque, num espaço amplo e intocado, cercado de taipas de pedras, e se puseram a cavar a terra. Havia por ali algumas cruces caídas.

Fizeram pouco naquele dia.

Já era noite quando abriram uma lona velha sobre os galhos das árvores, limparam o espaço, acenderam uma pequena fogueira, comeram e dormiram.

Cedo, recomeçaram a escavação.

O sol se escondia por trás das árvores quando, ao invés de um cofre com moedas de ouro, encontraram ossos. Pularam para fora do buraco e se acomodaram no acampamento.

— Acho que o tesouro está embaixo desses ossos — Lúcio falou.

— Pode ser — respondeu Alfredo. — Botaram os ossos ali pra enganar.

Confiantes na sorte, adormeceram.

Na madrugada, um vento fraco balançou a lona e uma leve luminosidade clareou o acampamento. Levantaram num pulo e viram uma figura branca sobre o buraco que tinham feito. Assustados, empunharam seus facões. Tremiam de medo do fantasma que pairava no ar. Depois de breve tempo, o vento parou e a figura foi esmorecendo, até desaparecer.

Ficaram olhando para o escuro. Caminharam um pouco ao redor do acampamento, corajosos e temerosos ao mesmo tempo. Não viram nada, nem ouviram qualquer barulho. Acenderam novamente a fogueira e ficaram acordados até o amanhecer.

Desistiram de cavar o buraco. Repuseram terra sobre os ossos e começaram a abrir outro em lugar mais afastado. Trabalharam muito. No final do dia, encontraram ossos novamente. Pularam rapidamente para fora do buraco.

Na madrugada, novamente um vento soprou na galharia das árvores e outro vulto branco apareceu em cima da cova. Eles se levantaram com os facões em punho e ficaram na espreita. O vento e o vulto desapareceram vagarosamente.

Dormiram pouco naquela noite.

— Este lugar é amaldiçoado — disse Lúcio. — Vamos adiante, pra lá — e apontou o dedo na direção norte.

Era um campo extenso e desabitado. Pararam sob um majestoso umbu. A poucos metros dele, havia uma grande pedra preta.

Lúcio comentou que aquela árvore isolada no meio do campo podia servir de marco para indicar onde os índios tinham enterrado o tesouro.

Logo se puseram a cavar por ali. Mas de novo nada encontraram.

Entardecia e eles sentaram numa raiz da árvore para descansar. Foi quando apareceu um cavaleiro, que os saudou amigavelmente. Vendo que era homem da região, contaram o que faziam. O cavaleiro respondeu:

— Muita gente veio procurar tesouro enterrado nestes campos. Mas ninguém encontrou nada. E não existe mesmo. É só lorota.

Fez uma pausa, olhou ao redor e concluiu:

— Dizem que muita gente viu fantasma, principalmente lá pros lados do cemitério dos índios. Mas acho que também é lorota.

Lúcio e Alfredo se olharam e ficaram calados. O cavaleiro tocou a aba de seu chapéu, disse “adeus!” e seguiu caminho.

Como anoitecia, abriram a barraca, acenderam uma pequena fogueira, comeram e dormiram.

Na madrugada, um vento leve começou a soprar. Eles acordaram e viram uma luz nascendo da pedra. Pouco depois, o vento cessou e a luz foi descendo devagar para dentro da terra.

Lúcio exclamou:

— Isto é um sinal!

Removeram a pedra. Cavaram e cavaram.

Perto do meio-dia, bateram em algo oco. Era uma panela de barro. Olharam-se e sorriram. Eles a desenterraram, levaram para fora do buraco, quebraram a tampa e incontáveis moedas de ouro reluziram. Mergulharam as mãos no metal salvador, sentiram o valor do ouro em sua pele, dançaram de alegria e riram como se tivessem ganhado o céu.

IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. Professor aposentado e advogado, publicou obras de ficção, bem como artigos e obras sobre a etnia polonesa. Lançou recentemente um livro de Literatura Infantil e Juvenil - "Histórias de ontem".

POR MARCELO GOMES JORGE FERES

CONTO

CACHORROS, HORMÔNIOS E NAUFRÁGIOS



Conto

Na bucólica Miguel Pereira, cidade serrana fluminense, existe um lugar bem agradável para se morar, passar temporadas ou, simplesmente, visitar: o Condomínio Serra Dourada, um singelo complexo residencial que, ao levar os seus visitantes ao longo, e ao alto de uma montanha ornada por vegetação variada, fazendo-os subir pelo ziguezaguear de um charmoso caminho calçado com pedras, porém um tanto estreito, faz com que eles observem casas belas e singelas que surgem espaçadas, aqui e ali, além de quatro blocos horizontais de apartamentos geminados, congregando assim, em seu conjunto, uma pitoresca comunidade de pessoas interessadas no clima seco dessa estância turística. E foi em um desses blocos de apartamentos que aconteceu, então, o início de uma história bastante interessante.

Eis que, ali eram vizinhos de parede, em dois apartamentos, no meio do bloco 200, exatamente nos de números 205 e 206, o Edgard e o casal Eduardo e Mônica, e, também incluindo, no ambiente de convivência daquele casal, o seu cachorro, chamado Nick. E foi bem ali que teve início a tal interessante e bem estranha história, que ora vos narro.

A Mônica engravidara, no final do ano de 1994, e o Nick passara então, desde que nascera a pequena Valentina, e em diversas ocasiões variadas, a latir insistentemente, e mais precisamente em duas ocasiões. E eis que, nessas duas vezes, latira muito, aparentando certo nervosismo, andando apressado em pequenos círculos, ali na varanda frontal ao apartamento 206, pois essas varandas, pequenas e padronizadas, constavam em todos os apartamentos do condomínio, e serviam também como garagem para automóveis. E tal se dera, isso de o Nick latir insistentemente em duas vezes, no correr de duas semanas apenas, e por um mesmo e inesperado motivo: fora porque nas duas ocasiões, e inexplicavelmente para todos, houve a presença de uma cobra na varanda defronte a porta da frente do apartamento do Eduardo e da Mônica. Detalhe: fora a primeira, e também a segunda vez que tal acontecera ali, isso de cobras estarem junto aos apartamentos do condomínio, e isso ao longo de toda a existência pretérita dos blocos de apartamentos. E ainda que, pelo bem do inteiriço de nossa história, o Edgard que guardara, em sua memória, tal insólito acontecimento, repetido e inusitado, guardando-o em sua memória porque sabia que tudo, nesta vida, haja o que houver, tem de ter uma explicação plausível. E também porque, para ele, coincidências simplesmente não existiam.

Mas a nossa história prossegue agora quando, em determinada noite, o Nick que começou a uivar de um modo muito diferente e assustador, feito lobo no cio, ou ainda uivando como se estivesse representando, em um fantástico filme, o papel de lobisomem que interrompe e perturba todos os silêncios desprevenidos; e uivava alucinadamente, com bastante e dramático apelo, e fazia todos arrepiarem com aqueles uivos que pareciam desesperançados e agônicos lamentos, profundos e sinceros. Mas, como assim? Bem, foi assim mesmo, e eis que foi também só muito tempo depois desse acontecimento que o Edgard pôde explicar, com o auxílio de maiores pormenores de racionais argumentos, aquele desempenho do Nick naquela noite realmente inesquecível. Mas o fato importante

para o desenrolar da nossa história foi que, naquele momento, o Edgar que também guardara ainda em sua memória seletiva tudo aquilo que acontecera e, inclusive, do que se dera quando, na manhã seguinte àquela noite de fantásticos lamentos do Nick, soubera que, naquela mesma noite anterior, e justamente à mesma hora dos uivos de lamentos do Nick (perto das dezoito horas) — quando o Nick, plantado defronte a porta do apartamento uivava para os céus, angustiosamente —, que o dono e morador do Sítio do Pica-Pau Amarelo, o sítio situado ao lado do Condomínio Serra Dourada, havia suicidado.

Bem, passada essa época, e já agora no ano de 1996, com o Edgard já morando há meses no bairro Guararapes, também em Miguel Pereira (onde e quando então ele havia resgatado, de sua vida nas ruas, o vira-latas Raposo), eis que ele, o Edgard, de novo se mudaria, mas agora para a cidade de Nova Friburgo, situada igualmente em região montanhosa e de densas matas, e também no Estado do Rio de Janeiro. Mudara-se então, mais precisamente para o distrito de Rio Bonito de Cima, em Nova Friburgo, e levava em sua companhia, além de sua atual companheira, a Glória, que era natural da cidade de Petrópolis, cidade também serrana fluminense, três cachorros: o Raposo, a Rafaela e também aquela que seria o grande amor de sua vida, a mestiça de pastor alemão, chamada Menina. E todos iriam morar em uma cabana às bordas de uma mata extensa, na última das oito residências que então havia ao longo do pequeno e estreito caminho de terra batida que cruzava toda a extensão da Vila da Mata - uma estrada pequena que ia reta, perpendicularmente à estrada principal que passava pelo centro do distrito de Rio Bonito de Cima, e que subia então, após a sétima casa, e de maneira e inclinação bem acentuadas, até a casa (ou cabana) onde passariam a residir esses cinco personagens dessa história que, até agora, vem sendo narrada com a devida e atenta precisão, embota tudo seja, nesta vida, bastante controverso e algo impreciso.

E foi ali mesmo, na Vila da Mata, que a Glória, em certa tarde do ano de 1997, voltava para casa e que, ao cruzar a frente da casa do Ernesto, a quarta casa da vila, viu a esposa deste, a Simone, colocando panos por debaixo da porta da frente da casa, e a Glória que, interessada naquele estranho fato que vislumbrava, indagara a Simone do porquê dela estar fazendo aquilo. E a Simone dissera-lhe que, como estava prestes a dar à luz seu quarto filho, estava já se prevenindo contra a entrada de cobras na casa, pois tal poderia ocorrer enquanto estivesse amamentando o recém-nascido, ou até mesmo antes dele nascido. Que estranho! — pensou a Glória, não sabia dessas coisas... Mas é claro que ela, Glória, comentou esse ocorrido com o Edgard que, também é claro, guardara-o em sua memória, seletiva e sempre bastante curiosa.

E aí então aconteceu novamente! Era perto das dezoito horas daquela tarde, quando o Raposo plantara-se à porta da frente da casa de Edgard e Glória, uivando desesperadamente, uivando e uivando lamentosamente para o céu, e uivava e uivava, em estranho e angustioso lamento, profundamente, pungentemente, e eram muito altos aqueles uivos que pareciam coisa de filme de terror, mesmo, com o Raposo mirando os céus com o seu focinho apertando-se nos uivos sentidos e que pareciam vir do fundo da sua alma, lá bem de dentro de quaisquer alucinados pesadelos; e assim o Raposo que

parecia querer como que preencher todos os espaços vazios com aqueles uivos tão sentidos, uivos que eram mesmo como gritos sufocados e sufocantes, de dor e de gemidos. E Edgard lembrara-se do dono do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

E justo na manhã seguinte àquela noite de uivos e lamentos, bem cedo, o Nazareno, o vizinho da quinta casa da vila, aparecera, apontando ao longe, subindo pelo íngreme caminho que findava na porteira do terreno da casa de Edgard, porteira de entrada que ficava a uns trinta metros da casa. E, ao ser cumprimentado por Edgard, o Nazareno dissera, simplesmente: —Aconteceu algo horrível ontem à noite aqui, no centro da vila (referia-se ao centro de Rio Bonito de Cima)... o irmão do Clóvis matou ele (sic) a facadas... foi horrível... terrível... muito triste mesmo... ele matou a facadas o seu próprio irmão... E o Nazareno, ao ser perguntado sobre quando se dera tal terrível fato, dissera que fora por volta das dezoito horas da noite anterior...

Bem, o fato é que nada se perde e tudo se transforma; o fato é que tudo está em tudo; o fato é que aparentes coincidências são de fato complexas sincronicidades; e o fato é que a memória do Edgard funcionava como um severo costurar, em trabalho incessante e interminável de ontológica alfaiataria inconsciente, ou não, porém ansiando por costuras que sempre dessem sentido a seu incansável desejo de saber a verdade por detrás das cortinas do grande teatro chamado vida. — Sim! É claro! Eureka! Descobri! Oh! Glória! Eu sabia que um dia iria descobrir o que se esconde por detrás das cortinas de panos que nos separam, em palcos de representações diversas, das coxias, de onde estaremos, um dia, despertos e conscientes de nossos papéis terrenos! E eu sempre soube, aqui dentro, em minhas próprias coxias inquisitivas, que tudo enfim um dia faria sentido, todo o mesmo e uno sentido, mesmo único e mesmo centrado na unicidade da totalidade dispersa e espargida! Mas então foi por isso que os ratos sempre abandonaram os navios antes dos naufrágios!

Bem, na verdade, as versões sobre as verdades, e as verdades sobre as versões sobre as verdades, sempre assolaram o mundo com suas abundâncias e com seus fervores filosóficos, religiosos, mitológicos, científicos, e com outros tantos matizes mais das vezes em certezas pessoais e próprias de cada um, embora cada qual dos fervorosos descobridores dessas verdades pessoais jamais abra mão dessa sua própria e pessoal verdade verdadeira, em razão de qualquer outra, que não seja aquela mesma, a sua.

Porém o Edgard estava eufórico realmente! E dissera a Glória, com o entusiasmo de quem então fosse ganhador de qualquer prêmio ou concurso milionário: — Quando o Nick latiu em Miguel Pereira, com as cobras que jamais antes tinham entrado no condomínio, foi porque a Mônica estava amamentando a Valentina, mas ninguém associaria tais fatos, porém a Simone, aqui na vila, ao colocar panos por debaixo da porta de sua casa para prevenir a entrada de cobras, pois ela também amamentaria e sabia dessa associação porque eles, os daqui, são “do mato” e a “gente do mato” sabe “dessas coisas”... e aí foi que eu pensei e, glória! Eureka! Pensei e tudo surgiu então tão claramente! E, agora, tudo parece tão óbvio apenas! As cobras! — na natureza, nas matas, as cobras passaram, ao longo dos tempos, a identificar os odores dos hormônios

presentes nas amamentações dos mamíferos — pois que tal indicaria a existência de filhotes —, e elas, as cobras, teriam assim a chance de devorá-los, os filhotes dos mamíferos que estivessem amamentando; e isso é adaptação, aprendizagem, evolução, sobrevivência, lógica, observação. Sim! E isso é a pura ciência!

Mas o Edgard não parara por aí, não, não seria tão fácil assim parar agora! Fora bem mais longe do que apenas isso! E como possuía uma memória seletiva – ah! Essa sempre boa companhia! — e que às vezes se lhe insinuava mesmo como uma verdadeira intervenção espiritual, divina, de alguém que estivesse atento a ele e que, também assim como ele, estivesse atento com os “olhos de ver” precisos, e pronto e prestes a “ver” — algo mais “além”; e eis que Edgard, também ali, e também enfim, lembrara-se, coincidentemente, ou pelas sincronias como sempre, de um livro do Gabriel Delanne, desse fantástico pesquisador francês do século XIX, e que havia escrito esse tal livro sobre os cachorros que enxergavam espíritos. E lembrara-se, ainda, de outro livro de pesquisas metapsíquicas que tratava dos chamados “uivos da morte”, uivos de cachorros que antecipavam, em seus uivos gementes e lamentosos, a morte de seres humanos que lhes estavam, e lhes eram, próximos.

Glória, você sabe por que os cães uivam em lamentos tormentosos quando alguém está perto de morrer? Pois eu creio que descobri este porquê! Não é lindo, isso de você poder descobrir, infundavelmente, elo após elo, os interligados elos da interminável corrente da vida? Não é maravilhoso descobrir-se a vida infinda na própria morte que, na verdade, é tão mais viva ainda que essa nossa aparente e passageira vida terrena? E ainda descobri por que os ratos se jogam ao mar antes dos naufrágios, antecipando-os; e por que fazem isso por sua própria sobrevivência! E vou explicar a você agora esses porquês, e espero que guarde tudo isso em sua memória seletiva, porque um dia você irá resgatar todos os pedaços guardados neles, e vai uni-los enfim, costurando-os e remendando assim toda a sua própria vida, recuperando, por ela e para ela, todos os sentidos e sentimentos que jamais restariam desunidos.

Há milênios, Glória, os cães convivem com os humanos e, assim, passaram, pelo perpassar desses tantos tempos, a associar a morte dos homens com lamentos e choros, pois os homens morrem e então há enterros, choros e lamentos lançados como se fossem uivos de desesperos, e rangeres de dentes, e escandalosas e gritantes agonias. E os cães associaram e aprenderam a imitar as gentes. Porém, como os cães também sempre enxergaram espíritos, e como também, antes dos desencarnes iminentes das pessoas, acorrem para junto a elas equipes de espíritos socorristas, que comparecem aos palcos dos eventos das mortes que se aproximam — equipes essas de espíritos que irão preparar o ambiente da desencarnação e ainda preparar o próprio desencarnante para o evento morte, e, ainda, como os cães podem ver esses espíritos, eis que eles, os cães, passaram a associar a presença dessas equipes de desencarnados socorristas com as mortes, e com os seguintes e consequentes lamentos dos velórios e nos enterros; e eles então, esses maravilhosos cães, prenunciadores da morte, mas também de infundáveis vidas, passaram a se antecipar aos eventos e aos próprios gementes e lamuriosos humanos, e já uivavam e uivam ainda desesperadamente no raiar dos eventos das proximidades das mortes das

gentes, e uivam assim como os homens sempre o fizeram em seguida a esses eventos, em seus velórios e enterros. Isso, sim, é fantástico, não acha Glória? Ah! Glória!

E o Edgard prosseguira em seus arrazoados deslumbrados: E os ratos, ainda, e finalmente concluindo, Glória! — e também finalizando agora essa nossa tão singela e estranha história — quem diria! — passaram também a identificar — e isso ao longo dos milênios — a mudança das vibrações nos ambientes — mudanças vibracionais que são apenas uma das consequências físico-químicas das presenças das equipes de desencarnados socorristas — e eis os ratos que, identificando e correlacionando essas mudanças vibratórias, nos ambientes, com os naufrágios iminentes e com as mortes de todos, inclusive com as suas próprias, jogam-se ao mar, tentando se salvar ainda, como uma última tentativa extrema, oferecida pelas experiências de milênios! E a verdade é que, ao longo dos aprendizados propiciados pelas relações de causa e efeito, aprendizado behaviorista ao longo de muitos tempos de eventos repetidos, gravados em instintos, inconscientes e coletivos, os ratos que passaram a reagir assim: correlacionando essas vibrações diferentes presentes no ambiente — mas já agora conhecidas, através das muitas gerações e por transmissão de inconscientes coletivos que preservam tais informações, e até nos genes, resguardando-as e recuperando-as, e assim as transmitindo — com os naufrágios e com as mortes deles decorrentes; e assim sucessivamente desde tempos tão distantes, e tão antigos, até o presente; e eis que conluo, finalmente, Glória — os ratos também aprenderam! E é assim mesmo — assim: — todos ao mar, companheiros!

— Ah! Edgard! Quanta imaginação! Quanta bobagem a deriva nos mares das imaginações que ainda se pretendem incompreendidas! Salva-te, Edgard, ainda!

— Mas, Glória! Isso é apenas pura ciência!

— Ciência? Tenha paciência! E vai lavar a louça, porque hoje é o seu dia de não deixar a deriva os pratos e os talheres; mas lá, na pia!

— Mas os cachorros estão uivando de modo estranho lá fora, Glória, não está ouvindo?

— Ouvi, sim! Mas eles estão é com fome! E, se você não for agora lavar os pratos, eu mesmo mato você e, aí, sim, os cachorros vão uivar desesperadamente!

— Mas... Oh! Glória!

Marcelo Gomes Jorge Feres nasceu em 6/7/1957, na cidade de Niterói (RJ). Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; licenciado em História na UNICESUMAR, Maringá (PR), em 2019; estudante de Filosofia; publicou 17 livros de conteúdo poético-filosófico e, desde 1987, participa de várias antologias.

POR MÍRIAM SANTIAGO

CONTO
A BRUXA DO RIBEIRÃO



Conto

— Venham por aqui meus irmãos, vamos até a casa dela, hoje esse monstro não escapa de nós! — Gritava um dos pescadores, que evocava os demais do vilarejo à caça a uma suposta bruxa.

— E se ela nos amaldiçoar e depois sair voando, como iremos pegá-la? — Disse outro, que estava morrendo de medo.

— Psiu, silêncio, com toda essa algazarra a mulher irá escutar e fugir, temos que ser cautelosos! — Falava a liderança da perseguição, um rapaz moreno e novo e um líder nato; homem que estava disposto a tudo a pegar a tal feiticeira a qualquer preço.

O grupo era formado por 10 pessoas, entre pescadores e suas mulheres, armados de paus, facas, foices e cordas e só tinham uma coisa em mente, prender a bruxa da ilha. Então, prosseguiram sorrateiramente pelas ruas da pequena vila em busca de uma mulher que há dias era acusada por bruxaria. A moça mudara-se há pouco tempo e nunca conseguiu boa interação com os moradores, principalmente com as mulheres, que sentiam inveja de sua beleza.

— Rápido pessoal, ao chegarmos, bateremos na porta com delicadeza, em silêncio, para que ela não perceba que a levaremos para julgamento. — Orientava o líder.

Era uma moradia que destoava das demais. A pintura vermelha sobressaía tornando o imóvel assustador. Ao redor, árvores altas e de troncos grossos e tortos, cujos galhos, ao vento e a pouca luz, retratava um cenário monstruoso e “vida própria”.

O líder bateu na porta e gritou pelo nome da mulher, conhecida como Valquíria.

Sem saber o que estava ocorrendo, a moça, com um lindo vestido verde reto e comprido, com fitas à cintura e o cabelo preso em trança abriu a porta para verificar o que acontecia e foi puxada para fora.

— O que é isso? O que está havendo? — Perguntou a moça.

— Vamos levá-la, você pagará por seus crimes. — Respondeu o líder.

— Espera aí! — Exclamou um dos pescadores. Acho melhor acabarmos logo com isso e fazermos nós mesmos o julgamento e a condenação. Já temos provas de que é ela a bruxa e temos que queimá-la, só assim conseguiremos livrar a ilha do mal. — Falava convicto outro pescador de meia-idade e com aparência de sofrido.

— Não podemos fazer justiça pelas próprias mãos, isso é contra a lei, afirmava o líder.

— Queremos a nossa justiça, depois de tudo o que vem acontecendo aqui logo depois que ela se mudou para cá, ela tem que pagar por seus crimes, retrucou outro homem.

Assim a gritaria foi tomando espaço e a acusada no meio do círculo assistia aquele povo que estava decidido a matá-la com as próprias mãos.

— O que vocês estão tentando fazer é contra a lei, não podem me prender e me matar. — Falava a bruxa, cujas faces muito brancas estavam avermelhadas de pavor, e seus olhos arregalados pareciam saltar do rosto.

O grupo tentou agarrá-la. A mulher se esquivava, mas cercada, sabia que era inútil fazer qualquer coisa. Então ela fechou os olhos e se concentrou.

Uma névoa começou a baixar rapidamente. A noite estava clara e quente e o nevoeiro ficou denso, tomando conta do vilarejo.

— Meu Deus, o que é isso? – Gritou apavorada uma das mulheres. E as pessoas ficaram olhando ao redor e a imagem de todos foi sumindo entre o nevoeiro.

— Depressa, pega a bruxa! – Disse o líder esticando a corda na mão.

Nisso Valquíria se desvencilhou da roda empurrou uma das mulheres jogando-a ao chão e abrindo espaço no círculo, correu rapidamente e sumiu no nevoeiro.

— Vamos, atrás dela, não a deixem fugir, temos que pegá-la, gritava o pescador que liderava o grupo.

Mas a bruxa correu sem olhar para trás e sumiu aos olhos de todos, se embrenhando na mata.

Com tochas nas mãos, eles correram ao encalço da suposta bruxa, entrando na mata e tentando seguir o rastro da moça. Mas as mulheres apavoradas começaram a voltar e fizeram com que os homens desistissem da busca.

A feiticeira sentiu-se segura, pois não escutava mais a gritaria e os passos de ninguém, sabia que tinham desistido e que estaria bem naquela noite, mas o que fazer? Com o passo agora normalizado a moça foi ter no lago, sentou-se na beira e debruçou-se para beber água. Ao olhar seu reflexo na água a mulher começou a gargalhar e gargalhar e sua face foi se modificando, e a água do lago começou a turbilhar...

...

Anna, toda suada, desperta bruscamente pelo sonho que tivera pela terceira vez, parando exatamente no turbilhar da água do lago. Senta-se na cama sem forças e espera o coração voltar a bater normalmente. O que será tudo isso? Pensava Anna, sem ter a mínima ideia da situação.

Esse sonho não pode acontecer por três vezes, tem algo errado, preciso descobrir quem é essa bruxa que as pessoas queriam pegar e aquele lugar. Será que a mulher acusada de bruxaria sou eu? Será que tive um passado tão ruim? Anna divagava durante o seu desjejum.

Largou o café e foi procurar em seus álbuns fotos sobre o lugar do sonho. Anna sabia que aquelas casas eram familiares e se perguntava se não havia estado em visita durante alguma viagem que fizera. Em vão, em suas fotos não encontrara nada e o mistério permanecia em sua mente. Destinada a encontrar o lugar de qualquer jeito, recorreu à internet e foi aí que achou algumas fotos parecidas com as de seus sonhos, e não estava tão longe de sua casa. Aproveitaria as férias próximas e desembarcaria em Santa Catarina, em Florianópolis para visitar e tentar descobrir se era lá que ela vislumbrava nos sonhos.

E assim aconteceu. No dia seguinte à sua estadia, Anna alugou um carro e foi visitar a capital catarinense. Mesmo encantada com a região, se informou sobre o Ribeirão da Ilha, pois era desse lugar que emanava seus sonhos.

Chegando lá, Anna ficou surpresa com a paisagem, pois era exatamente igual ao que sonhara, as casinhas coloridas em frente ao mar, a pracinha com a igreja ao topo, ficou estarecida de emoção. Foi seguindo pela rua da costa, caminhando lentamente e olhando o visual. Parou defronte ao mar e começou a sentir uma vibração estranha, e

seus pensamentos se voltaram para o local, algo que nunca sentiu assim antes em lugar algum.

— Você está se sentindo bem? — Indagou um rapaz que passeava pela praia e viu que Anna parecia desfalecer.

— Estou sim, obrigada. — Virou-se ao homem, abrindo um sorriso em gratidão.

— O que a trouxe até aqui? Você tem algum parente no Ribeirão? — Questionou o rapaz que olhava fixamente para Anna.

— Bem, você me parece uma pessoa bem atenciosa e vou contar-lhe um segredo. É que eu sonhei com este lugar, há muitos anos, num tempo mais antigo, mas as casas me parece seguirem o mesmo padrão de outrora, as ruas também, só que em terra batida, mas a igreja, o cemitério e a praça estão no mesmo lugar do sonho.

— Nossa, que coisa esquisita! — Retrucou o jovem.

Anna se apresentou e perguntou se ele não poderia ajudá-la a desvendar o mistério, pois como não conhecia a região, qualquer ajuda seria bem-vinda.

— Posso ajudá-la sim, pois também estou em férias, sabia? Meu nome é Arthur, e minha família é tradicional da ilha, de antigo pescadores que vieram de Portugal, desembarcaram em Santa Catarina e escolheram o Ribeirão para viver. Assim aconteceu com várias famílias de imigrantes, é por isso que têm muitos descendentes de portugueses por aqui, explicou o homem.

Anna escutava tudo com muita atenção e estava entusiasmada em ter aquela pessoa maravilhosamente simpática em sua ajuda. O rapaz tinha uma beleza morena de cabelos e olhos castanhos, alto e um sorriso de fazer qualquer mulher vibrar. Que férias, mesmo que eu não encontre nada, só a presença dele já valeu a viagem! Pensava Anna, ao discretamente olhar o rapaz de cima em baixo.

Instalada em uma pousada, no dia seguinte, Arthur foi buscá-la para conhecer uma senhora muito querida na ilha e assim prosseguiram-se os dias em que esteve a procura de um suposto passado ou de um pesadelo! Arthur a levou também à casa de mais pessoa, uma mulher muito procurada pelas jovens da ilha, pois tinha a aptidão de desvendar o futuro; entre outras palavras, era uma cartomante local chamada Fátima. Em nenhuma das visitas a jovem conseguiu descobrir nada, desistindo de procurar, pois tinha outros planos, já que o romance entre eles avançava.

Após a primeira noite de amor, quando dormiam e tudo parecia tranquilo, Anna tem mais um daqueles pesadelos em que sofre perseguição, e desta vez o sonho foi além das águas do lago...

...Cansada, sentou-se na beira e debruçou-se nas águas límpidas e claras. Olhou fixamente e viu um rosto nas águas. Era uma bela mulher loura de cabelos longos até a cintura. A mulher não se parecia com a Anna de hoje, morena e de cabelos curtos, mas pela primeira vez sentiu-se viver realmente aquele sonho, como se fizesse parte dele, a jovem era ela sim, num corpo diferente. A mulher começou a gargalhar, a rir para si.

A feiticeira então se levantou e esticou os braços para o alto e abaixou-os rapidamente ao chão, fazendo com que o nevoeiro ficasse mais intenso e como estivesse empurrando algo no ar, afastou, com isso, o grupo de pescadores para bem longe dali. A mulher continuou caminhando na mata, deu a volta acima do morro, e fez um caminho pouco frequentado, diziam os antigos que era um trajeto mal assombrado. Crenças de

pescadores, mas a bruxa atravessou sem medo por um túnel secreto, até a sua casa. Ela caminhava sem fazer barulho e sem usar tochas, pois conhecia, mais do que ninguém, cada pedaço daquela trilha subterrânea. Devagar chegou até um de seus quartos, levantou a tampa em baixo do tapete e entrou na casa. Tudo estava em silêncio, pois o grupo estaria muito longe dali e andando em círculos no lago, um feitiço jogado pela mulher para que não a seguissem.

Andando cautelosamente e apagando as tochas da casa, Valquíria se aproximou de um quarto, o terceiro e último da casa, e o único trancado. Abriu a porta devagar. Caminhou até uma pequena jaula escondida por um pano, que ao ser retirado, desvendou uma criança pequena deitada entre as grades. O menino, que não deveria passar de dois anos, estava vivo e dormindo. A criança magra e desnutrida foi retirada da jaula.

— Hoje é seu dia de sorte, disse a bruxa para o pequeno. Vou deixá-lo na mata, e assim o grupo pensará que você estava perdido e me deixará em paz. E ela levou o garoto.

O grupo de pescadores encontrou o menino na mata. Naquela noite, pelo menos, a bruxa não seria mais perseguida, mas os homens e mulheres do vilarejo estavam sedentos por justiça pelas próprias mãos e Valquíria sabia que retornariam para matá-la, então, agiu rápido retornando a sua casa novamente para pegar o que fosse necessário e desaparecer da ilha. Lá, a bruxa retirou seus livros, poções, mantos, taças, adagas e tudo o mais utilizado em suas magias e rituais, guardando seus pertences mágicos em um baú que ficava escondido no túnel. Também ela retirou dali cachos de cabelos e roupas de outras crianças, enterrando tudo no túnel. Fez tudo isso no intuito de retornar anos depois, quando os moradores já não se lembrassem mais dela.

Então a bruxa pegou seus utensílios de maior valor e partiu para a estrada...

...Com o coração saindo pela boca, Anna acordou com um salto, encharcada de suor e de tristeza, pois agora a verdade se afirmou; ela sabia que era a bruxa e que nada poderia fazer. Tristemente e amargurada por tudo aquilo, deixaria o passado partir de seu ser, assim como apareceu.

E assim Anna começou a sentir-se mais leve e os pesadelos aos poucos foram desaparecendo, terminou as férias em Floripa e retornou à capital paulista.

Depois de dois anos estava casada com Arthur e os dois felizes com a chegada da primeira filha. Tudo ia bem entre eles até o dia em que a menina desapareceu.

Numa manhã Arthur saiu cedo como de costume para trabalhar e Anna dormia com o bebê. Ao final da tarde ele retorna do serviço e encontra Anna atordoada e desesperada dizendo que a menina havia sumido e ela não sabia o que havia acontecido.

Arthur e Anna deram queixa à Polícia, contrataram um detetive para investigar o caso, mas não havia explicação sobre o sumiço do bebê.

Ela já não era mais a mesma, emagreceu e perambulava pela casa. Arthur a acusava sempre, fazendo-a sentir-se culpada por tudo.

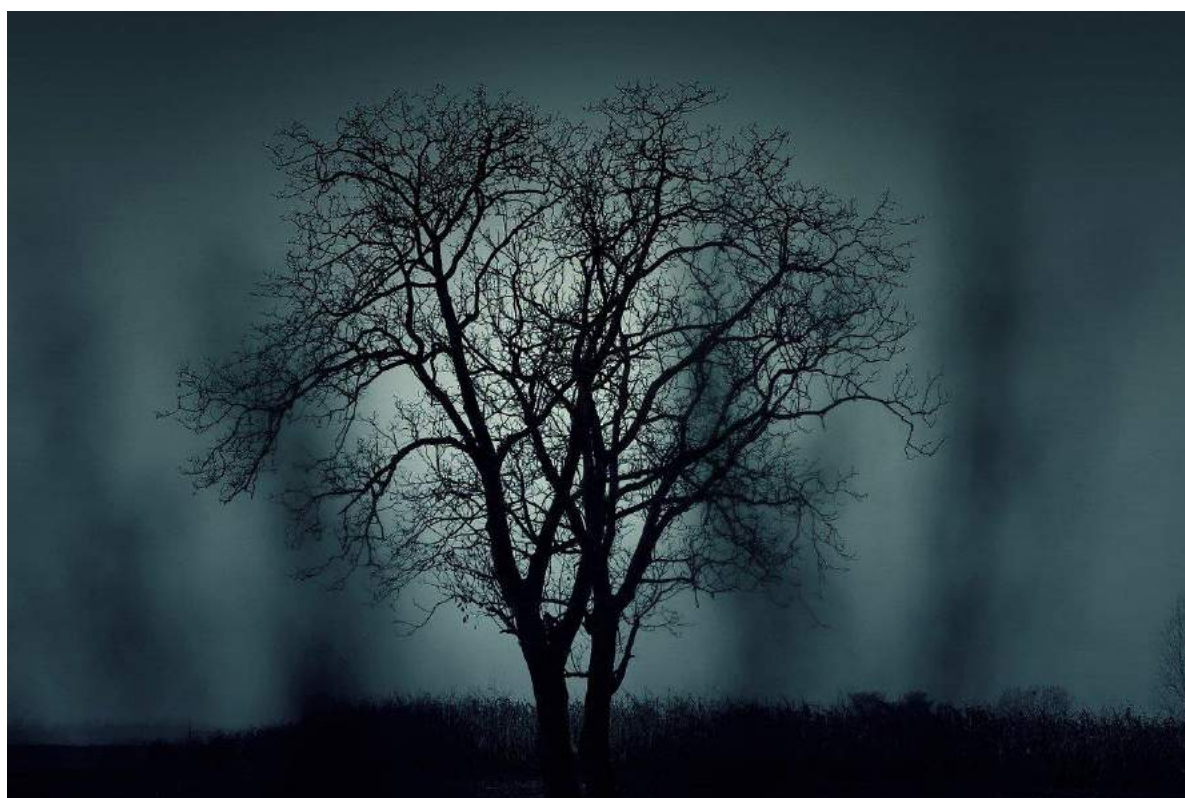
Eles moravam num prédio antigo e sem câmeras, não puderam descobrir o que aconteceu de verdade. Anna perambulava pelas ruas com a foto da filha, na ânsia de que alguém pudesse conhecer o bebê. Fora chamada a depor várias vezes, pois seu depoimento era duvidoso já que ninguém mais entrou no apartamento desde a partida de Arthur ao serviço.

Arthur contratou um advogado para Anna, mas o mesmo desistiu da causa. Com a situação ela transformou-se em outra pessoa. Estranha e solitária, não suportou toda a culpa nos dois anos de sumiço da filha tomando um vidro de remédios para dormir que a fez descansar para sempre.

No mesmo dia do enterro de Anna, Arthur segue viagem até sua cidade natal: Ribeirão da Ilha. Chegando pela manhã, Arthur foi até a praia.

Calmamente se aproximou de Fátima que caminhava tranquilamente com uma criança pela mão. Arthur se aproxima e beija as duas, pegando a criança no colo, sua pequena Renata, que o aguardava a salvo.

Arthur olha para Fátima e comenta: demorou muito tempo meu amor, mas conseguimos vingar nosso povo daquela bruxa que por meio de suas magias sacrificou várias crianças, não podíamos deixar aquele espírito ficar impune. Foi difícil, mas ela teve o que mereceu, a justiça tarda, mas não falha, e depois de tantos anos, ela voltou em busca de um passado, mal sabia que estava à beira de pagar sua sentença.



Míriam Santiago: jornalista - atua em Assessoria de Comunicação - e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog:

<http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianmorganuns@hotmail.com/

POR MÓNICA PALACIOS

CONTO
O TEAR



Conto

Se na vida tudo está entrelaçado, harmoniosamente previsto ou imprevisto as navetes vão e voltam, como os dias, meses e anos.

Avanço na história como a tecelã de Marina Colasanti. Uma vida feliz e linhas coloridas entrelaçadas, desenhos bucólicos e muito detalhes.

Uma decisão necessária não significa desejada, porque as raízes se estilhaçam como o vidro que recebeu uma bolada das crianças jogando na rua. Junto os cacos e troco o vidro, mas... aquele já foi. Com o sinal da mão olhando a rua, a lambida do cachorro, o pó da última tormenta, quantas e quantas anedotas escutadas.

Por acaso duvidas que tudo em volta te escuta e nos escuta? A vida está cheia de complots.

Sim, a urdume da vida pode até ser tocada por aquela navete com lãs mais ásperas, uma linha grossa, uma linha fina, avança, emperra, empurra e segue avançando... ah! Aquela laçada já foi, está dentro de nós, aquela ruptura incomoda a urdume, simulada, disfarçada, mas... latente, ela é a que dá um tom cinzento no céu da paisagem.

Alguém sabe o que significa se sentir de lugar nenhum? Assim é a vida do imigrante.

Pode ser maravilhosa, alucinante, emocionante, tranquila e feliz, mas... sem raízes você balança, tudo vento é vento e a sensação de não ser de lugar nenhum, persiste, rosna.

O pente bate e bate na urdume para me acordar é preciso continuar a dar laçadas. Falta muito, o desenho não tem verde, falta a flor e aquela luz... Falta viver ainda mais... os netos são crianças, desejo os ver graduados, casados e até aos bisnetos.

Memo que há dias que a trama se desfaz ou se vá diluindo enroscada entre outras fibras...

Claro, como a vida, tem diversas texturas, cores, tramas e urdiduras. Todas cabem nessa urdi-me que é viver, altos e baixos relevos, tudo é tudo.

Viver é nos entrelaçar de afetos e desafetos, de momentos e expectativas.

Avança, não para!!! Troca o pente e bate forte, continua!!! Uma bela família, amigos, trabalho que amas, avança!!!! Continua!!!! Esse tapiz não se desmanchará, o vivido, vivido está, o rolo ainda tem para tecer. E eu, sem raízes, mesmo com a nostalgia, agradeço a Deus por cada laçada da vida.

Preciso continuar, não posso parar! Só me falta amarrar as franjas.

Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

POR ROBERTO SCHIMA

CONTO
SOB AS FLORES DA CEREJEIRA



Conto

*Pétalas rosas pelo vento ao longe levadas.
Flor de cerejeira: pequena, frágil e contida.
Quão bela e efêmera se faz sua caminhada.
Oh, quão perfeita é a sua metáfora da vida!*

1 - DEKASSEGUI

Gifu.

Japão.

Verão.

Ushitaro Miura era um *sansei* de quarenta anos do interior paulista. Tornara-se *dekassegui* e labutava durante a semana em uma fábrica de autopeças. Nos fins de semana, para se distrair e arejar a mente, cultivava o *hobby* de explorar imóveis abandonados. Até criara um canal no *YouTube* onde postava os vídeos que realizava de suas incursões. Dependendo da distância, preferia fazer isso de madrugada. Assim, daria tempo de regressar durante o dia claro, editar o vídeo e descansar um pouco. Sua maior ousadia era realizar tal atividade sozinho, enquanto outras pessoas sempre iam acompanhadas. Era tanto um ato de coragem de Ushitaro quanto — ele bem o sabia — de imprudência, pois, se algo desse errado e se visse em apuros, não haveria ninguém por perto para ajudá-lo. Mas quem se prontificaria a estar ao seu lado nos locais sinistros que visitava? Na verdade, se algo acontecesse, o mais provável era que a improvável companhia fugisse, largando-o na mão. Se era para carregar uma mala sem alça com nada da útil dentro, melhor que ficasse onde estava.

Os imóveis alvos de interesse geralmente se situavam em regiões ermas, próximos a bosques ou florestas. Eram hotéis, motéis, hospitais, restaurantes de beira de estrada, templos, túneis, residências — *akiya* — e até cemitérios.

Não acreditava em assombrações, embora mencionasse isso nos vídeos, principalmente quando fazia *lives* e instigava os seus seguidores a dizer se enxergavam algo mais além daquilo que sua câmera registrava. Sempre havia os espertinhos querendo lhe assustar. Em verdade, seus maiores temores não eram gente morta, mas viva. Embora o Japão fosse um país seguro de um modo geral, poderia se deparar com um desocupado, louco de rua ou arruaceiro. Ademais, o país abrigava dois milhões de estrangeiros. Também receava animais peçonhentos ou fungos e bactérias que pudessem transmitir doenças. Claro que, nem por isso, um friozinho na barriga deixava de estar presente por razões que a própria razão não explicava. Bem dizia um velho espanhol, dono de um bar em sua cidade natal: "*No creo en brujas, pero que las hay, las hay*".

2 - HOSPITAL

Eram 02h30min de um domingo.

Estava frio e escuro feito breu no velho hospital. Através dos corredores tenebrosos, paredes pichadas, vidros estilhaçados, papéis e objetos diversos espalhados pelo chão, Ushitaro caminhava cauteloso, observando em detalhe cada sala e quarto que encontrava. A luz inquieta de sua lanterna cortava o ar enclausurado e nunca era o suficiente para afugentar a penumbra.

— E aí, gente, estão vendo alguma coisa? — indagou aos seus seguidores. — Carlos, tudo bem aí? O quê? Tem uma mulher de branco? Algodão na boca? Onde? Perto do telefone? Qual deles? Tem vários aqui. Hum... Não estou vendo nada. Vulto, que vulto? Sou eu no reflexo do espelho. Fantasminhaaa, você está por aqui?

Ainda que involuntário, havia um diferencial significativo nos seus vídeos em relação a outros similares na rede. Ushitaro era autêntico. Não fazia teatrinho. Não utilizava fios de *nylon* para fazer as coisas se mexerem e enganar seu público. Não inventava situações amedrontadoras para ganhar *like*. Se levava um susto, algo o assustara de fato: uma aranha, um ranger de tábua inesperado, um farfalhar na folhagem. De certo modo, desmistificava um bando de farsantes metidos a caçadores de fantasma que proliferavam pela Internet feito moscas em carne morta.

A meio mundo de distância, alguém enviou uma mensagem.

— K2? Quer que eu use o K2, Edisio? Já fiz isso das outras vezes. Não adianta. Quer ver?

Apanhou o aparelhinho preto dotado de cinco *leds*. Supostamente, esses *leds* piscariam na presença de espíritos devido ao campo eletromagnético que, em tese, emitiriam. "Especialistas" chamavam de núcleos de energia negativa, energia quântica sobrenatural e outros jargões pomposos que nada significavam. Ao ser ligado, as luzes do K2 de Ushitaro prontamente piscaram.

Assombração?

Alma penada?

Bicho-papão?

Corpo astral?

Ele respondeu para um de seus seguidores em contato na *live*:

— Nada disso. Veja só: se eu afastar o K2 do celular, ele para de piscar.

De fato, as luzinhas se apagaram.

— Se chegar perto de novo, acende.

Ao trazer de volta o K2, foi o que aconteceu.

— Viu só?

Repetiu mais algumas vezes.

— É só uma interferência da Internet.

Quantos "investigadores paranormais" omitiam isso de seus seguidores? Faziam de conta que era espírito, arregalavam os olhos em espanto fingido a qualquer barulhinho de rato, metal dilatando ou provocado. Se cada piscadela do K2 fosse sobrenatural, haveria fantasmas brotando de tudo quanto era canto.

— Só interferência — repetiu.

Houve um silêncio de letras decepcionado do outro lado.

Os que fingiam ver coisas viram-se desmascarados.

Os que acreditavam ver, continuaram crendo.

Algumas pessoas *queriam* ser enganadas.

Outras, apenas desejavam se divertir.

Ushitaro não pretendia prejudicar as atividades de ninguém, ou arrancar alguém de suas ilusões. Simplesmente era honesto, qualidade rara em tempos de mídias sociais. Se não via fantasmas, não via e pronto. Eles — os fantasmas — que demonstrassem o contrário. Continuou sua exploração no hospital japonês abandonado.

O que mais surpreendeu o *youtuber* não foi a ausência de manifestações, mas o fato do hospital ter sido largado com tudo dentro. Isso sempre o impressionava em todos os lugares que visitara, contudo, no hospital foi particularmente chocante face àquilo a que se destinava.

— Quanto desperdício, galera: móveis, instrumentos, equipamentos eletrônicos, documentos, geladeiras, livros, leitos hospitalares, cadeiras de roda, televisores, computadores... Vejam: até um aparelho de ressonância magnética! — Seu tom de voz destilava revolta. — Tudo deixado a mercê de vândalos ou para apodrecer... Se o hospital faliu, por que não penhoraram o prédio e as coisas daqui para serem leiloados? Amortizaria a dívida e daria uma utilidade ao imóvel. Por que não doaram os leitos para instituições? Em se tratando de um povo tão evoluído, é um descaso insensato.

Finalmente, alguém enviou uma mensagem.

— "Porque é um país rico"... Ah, isso não justifica, Anésia. O Japão passou muita necessidade no pós-guerra. Tomou duas bombas atômicas na cabeça. Mais do que ninguém, devia dar valor, reciclar pelo menos. Caraca, sou neto de japoneses e não entendo. Ninguém aqui soube me dar uma explicação razoável. Vocês já viram: nas casas abandonadas encontrei até fotografias, chaves e documentos pessoais. É como se tivessem sido abduzidos... PERAÍ! Não! Não vêm não! Não estou sugerindo isso.

O tal de Edisio escreveu:

"Ao menos a maior parte do vandalismo (que já é terrível) restringe-se a pichações e quebrar as coisas. Se fosse aqui no Brasil, já tinham roubado tudo e, se desse bandeja, o prédio estaria ocupado por invasores."

Ushitaro Miura limitou-se a dizer:

— Cada país é de um jeito. Também não compreendo o vandalismo. Um desrespeito às pessoas que aqui trabalharam, foram pacientes, viveram e morreram. Quantas histórias não estarão escritas dentro dessas paredes e em cada objeto?

Continuou a caminhar pelos corredores sinistros, iluminando fachos de incerteza com sua lanterna.

O silêncio era pesado feito a tampa de um esquite.

Dê repente, deu um berro:

— AAAIII! @#\$%&!!! Que susto! Um morcego... &%\$#! Era só um morcego. Caramba, quase recheio as calças! — Espirrou uma, duas, três vezes. — Tá tudo fedendo a mofo. Bom, gente, acho que por hoje já deu. Vou encerrar a *live*. Esse morcego foi o único "espírito" que apareceu... Tchau, pessoal!

Ao menos esse susto serviu para consolar aqueles que esperavam o inesperado.

Quase uma hora havia se passado desde que entrara no hospital.

Ushitaro dirigiu-se ao seu carro e foi embora.

Pela milionésima vez, ainda em plena madrugada, perguntou-se por que fazia isso.

3 - TAKAYAMA E SHIRAKAWA

Foi numa de suas pesquisas pela Internet.

Procurava descobrir mais lugares abandonados quando soube a respeito da estalagem. Suas ruínas datariam de meados do século XIX. Localizava-se ao norte da província de Gifu, entre a cidade de Takayama e o vilarejo histórico de Shirakawa.

— Takayama...

Ele já empreendera longas viagens por causa de seu *hobby*, algumas de centenas de quilômetros, porém, de onde morava até a estalagem bateria seu recorde. Coçou a cabeça. Felizmente, estava às vésperas das férias de oito dias. E, olhasse feio ou não, seu chefe que se danasse: dessa vez gozaria todos esses dias. Valeria a pena todo o esforço, os gastos com gasolina, hospedagem e tudo o mais somente para postar algo no *YouTube* para curiosidade dos seguidores? Ora, para Ushitaro, era muito mais do que isso. O que contava era a jornada por locais desconhecidos, novas paisagens, os pontos onde pararia para se alimentar e sentir a atmosfera do local, as pessoas ao redor e tudo o mais. Adorava viajar por novos lugares, dar espaço para os olhos. Sempre aproveitava a oportunidade para fotografar a paisagem, a vegetação, as montanhas, as construções antigas, o que quer que chamasse a atenção. Faria seus passeios ainda que não tivesse o canal e nada divulgasse na rede.

Quanto a tal estalagem, na realidade, nem seria motivo para tanto, tudo o que descobrira não passava de uma nota de rodapé em um *site* de viagens cujo assunto principal era Shirakawa e suas tradicionais construções de toras de madeira e telhados de palha de arroz. Motivou-o a chance de conhecer essa região montanhosa e a famosa aldeia que parara no tempo. Ela evocava o Japão feudal e filmes de samurais que ele assistira em criança, algo bastante exótico e envolvente, tão diferente do moderno tédio urbano em que vivia.

O chefe ficou emburrado.

Ushitaro evitou sorrir na cara dele.

Os demais colegas não esconderam a inveja.

Lá se foi o pequeno carro branco em forma de botinha de criança.

Dizer que se tratava de uma viagem demorada seria pouco, mas de modo algum tediosa. Só o fato de não precisar retornar no dia seguinte ou depois para a rotina estressante na linha de montagem já seria motivo de comemoração. E se, além disso, pudesse desfrutar da beleza que a paisagem rural ofereceria, do que teria para reclamar?

Por um instante, a imagem dela surgiu em sua mente. De pronto, chacoalhou a cabeça, apagando-a.

Sim, talvez o único problema fosse o tempo livre que seu cérebro teria para pensar...

— Rika...

Xingou-se:

— Sua besta!

Quanto mais rumava para o norte, mais parecia viajar de volta no tempo e mais o número de arrozais aumentavam.

E as montanhas.

E as florestas.

Até o céu.

Hospedou-se num pequeno hotel na periferia de Takayama, cidade de oitenta e nove mil habitantes cortada pelo Rio Miyagawa. Uma hora de viagem adiante, ficava Shirakawa. Embora o Japão fosse um país densamente povoado, a primeira sensação que se percebia em Takayama era a de espaço. Muitos terrenos dominados por plantações de arroz, poucos grandes edifícios e as montanhas cobertas por florestas cercando a cidade.

Ushitaro pretendia seguir para Shirakawa logo cedo, todavia, deu-se conta de que Takayama tinha inúmeros atrativos a oferecer: templos, museus, bairros antigos do Período Edo, praças, becos tranquilos. A cidade era conhecida também por suas destilarias de saquê e o amuleto Sarubobo. Assim, passou o primeiro e segundo dia explorando o distrito de Sanmachi Suji. Numa ruazinha estreita, onde lojinhas de madeira pintada de preto se comprimiam, pôde, enfim, sentir o sabor do Japão feudal. O cheiro de saquê invadiu-lhe as narinas. Entusiasmado, tirou centenas de fotos e fez vídeos, postando-os na Internet. Entretanto, vários seguidores protestaram, pois fugia das características do canal, qual seja, mostrar locais abandonados. O *youtuber* pestanejou e mandou-os às favas.

— O canal é meu e eu ponho o que quiser!

Comprou um Sarubobo preto e pendurou-o no espelho retrovisor do carro; embora não fosse supersticioso, não custava nada ter uma proteçãozinha contra o mal, incluindo mal olhado de seguidores chatos.

A ida em Shirakawa foi tão ou mais memorável. Embora não passasse de uma aldeia de menos de mil e setecentos moradores no fundo de um vale, justamente por isso e pelas tradicionais construções *gasshoku* polvilhadas entre os arrozais das fazendas e os cursos d'água, a vila atraiu a atenção de Ushitaro, encantando-o. Era um tipo de conto de fadas japonês escrito em pincel sobre papel de arroz. A serenidade que permeava o ar. O barulho da água cristalina nos córregos. O cheiro de mato. O cenário distante das florestas. A majestade das montanhas. Era de prender o fôlego. Ushitaro teve sorte, tivesse ele viajado no inverno, descobriria a beleza do vilarejo coberta pela neve, porém, infestada por centenas de turistas. Muito da magia do lugar devia-se à ausência de pessoas. Era com aquilo que ele sonhara a vida inteira. Prometeu a si próprio que, algum dia, viveria ali. Não custava sonhar.

Enquanto dirigia seu carro para lá, prestara atenção no caminho que acompanhava o rio Odori. Pelo que lera, era na altura em que o rio alargava-se a meio do caminho e um braço dele se transformava no rio Kurigatani ficavam as ruínas da tal estalagem. Estariam logo após a ponte de mesmo nome. Contudo, tudo o que avistara além das águas escuras foram as densas florestas tanto de um lado quanto do outro do rio.

— Vai dar trabalho — dissera para seus botões.

Nem fazia ideia do que iria encontrar.

Mas descobriria.

4 - ESTALAGEM

Era uma manhã de sol.

Ushitaro fez o *check-out* do hotel.

Metade de suas férias haviam ficado para trás.

Não se arrependeu: foram bastante proveitosas e relaxantes.

Agora, faria sua inscursão até o rio Kurigatani.

Estava intrigado.

Discretamente, fizera perguntas tanto na cidade quanto em Shirakawa sobre a existência de uma estalagem. A maioria respondera polidamente que nunca ouvira falar. Todavia, entre os mais velhos, como resposta, recebera apenas o silêncio e olhares reprovadores. Talvez fosse um descaso natural para com forasteiros ou, conforme lhe dirigira um dos velhos, para com *gaijins*. Já tivera reações desse tipo e sempre estranhara. No Brasil, *gaijin* era como a sua avó se referia aos brasileiros em geral, sem sangue japonês. Ushitaro nunca se sentira completamente brasileiro. Apelidos como "japa" e piadas sobre abrir os olhos ou o tamanho "daquilo" sempre o fizeram se sentir meio estranho em seu próprio país. No Japão, o sentimento não diminuía, ainda que ele falasse bem o idioma e lesse os ideogramas de forma razoável. Não importava o que fizesse, na Terra do Sol Nascente seria sempre um estrangeiro, um *gaijin*; estaria sempre à deriva entre dois mundos, com os pés em ambos, mas sem raízes profundas em nenhum deles.

— *Baka!* — resmungou, referindo-se ao velho.

Já próximo ao braço do rio Odori, deparou-se com uma dificuldade imediata: como era de praxe no Japão, não havia acostamento onde pudesse estacionar o carro. Todavia, durante a viagem para o vilarejo, percebera duas construções e trechos desmatados. Parou num deles. Por sinal, naquele trecho a margem de terra da pista até o rio era maior, local propício a uma construção. E foi por lá que começou.

Felizmente, não havia ninguém por perto.

— Se fosse eu, onde construiria uma estalagem? — perguntou-se.

Caminhou um pouco aqui e ali. Atrás de algumas árvores e em meio aos arbustos, deparou-se com os restos de uma parede de alvenaria. As ruínas! Golpe de sorte, muita sorte. Geralmente, levava algum tempo até achar um imóvel abandonado, mesmo usando o GPS.

Para uma construção de mais de um século e meio, o aspecto da estalagem era razoável. Não tinha parte do teto e o que sobrara das vigas jazia no piso apodrecido, tomado pela vegetação rasteira, escombros e sabia-se lá mais o quê.

Preparou-se para mais uma *live*. Ajeitou sua câmera, o estabilizador, *smartphone*, K2 e lanternas.

— Ei, galera, Ushitaro aqui. Tem alguém aí?... Ah! Edisio... Carlos... Regina... Tudo bem com vocês? Estamos numa estalagem do final do Período Edo e início da Restauração Meiji. Dá pra acreditar? Foi uma época de transformação no Japão. Se assistiram "O Último Samurai" sabem do que me refiro. Estou empolgado. Vamos lá!

Entretanto, assim que o *youtuber* pisou no imóvel a conexão com a Internet caiu.

— Caraca!

Saiu das ruínas e a conexão foi restabelecida.

— Oi, galera. Voltei.

Entrou novamente e, mais uma vez, o sinal foi perdido.

— Ei, pessoal, estão aí? Só dará pra gravar. Nada de *live*. É alguma interferência. Pois é, Anésia, fazer o quê?

Assim, Ushitaro entrou e passou a registrar na sua câmera aquilo que via. Em parte, foi um alívio não ter aquelas mensagens se sobrepondo umas às outras na telinha. Poderia se concentrar na pesquisa. Ainda mais num local tão antigo. Curiosamente, ao contrário de outros imóveis, o principal inimigo da construção fora o próprio tempo. Não havia sinais de vandalismo. Talvez por ser muito afastado e oculto pelas árvores. As peças quase intactas como utensílios, copos, garrafas, baldes de madeira e até algumas moedas de um e quatro *mon* possuíam inegável valor histórico.

— Nossa, até uma moeda de cem *mon*!

Era apaixonado por esse tipo de moeda grande e oblonga desde a infância, quando vira uma foto em um livro sobre a história do Japão. Era lastimável que lá estivesse para deteriorar. Mas, ao contrário do que prevalecia no Brasil, no Japão, achado *era* roubado, então, não se podia pegar objeto algum. Assim, por mais que a tentação falasse o contrário, devolveu a moeda no lugar.

Andou cautelosamente em meio às ruínas, embora lá fora a manhã estivesse ensolarada; no interior da estalagem, as sombras predominavam.

Ushitaro sempre se perguntava como teria sido a vida das pessoas que percorreram os imóveis em abandono. Na estalagem, não foi diferente. No Período Edo, o xogunato chegava ao fim. Os americanos forçavam o Japão a abrir seus portos. O Imperador recuperava o seu poder divino. O *mon* seria substituído pelo *yen*. Naquele instante, porém, ele foi tomado por um sentimento profundo de melancolia. Não soube o motivo. Talvez tivesse algo a ver com a madeira úmida, a escuridão, a friagem que ainda persistia nas sombras, os papéis amassados, *hashis* de bambu jogados sobre o balcão, os painéis de madeira com pinturas e ideogramas. Dirigiu-se ao que deveria ser os aposentos dos proprietários e dos empregados. Tatamis apodrecidos, fragmentos de móveis laqueados, *chawan*. Então, num desses aposentos — o mais modesto —, encontrou uma caixa de madeira com um cadeado. Estava meio enterrada e precisou usar ambas as mãos para retirá-la. Balançou e percebeu que havia algo dentro. O que poderia ser? Relutou em arrebentar o cadeado, mas a ferrugem centenária era tanta que este abriu-se sozinho. Dentro da caixa achou bilhetes de uma mulher chamada Fujiwara Sakura numa elegante caligrafia e em papel de boa qualidade, um pente de osso, alguns seixos, mais moedas com furo quadrado no meio, um pingente de porcelana, uns bonequinhos esculpidos em madeira e outros objetos sem valor. Entre os bilhetes da mulher, umas folhas avulsas com escritos em uma caligrafia diferente; o papel era inferior e os ideogramas, desajeitados. O nome de seu autor era Kurama.

Movido pela curiosidade, Ushitaro trouxe a lanterna para mais perto da caixa e começou a ler. Inicialmente, apanhou um dos bilhetes da mulher.

Kurama-chan, meu sentimento por você é o vento através das montanhas: livre, puro e sincero. Não se queixe por ser tão somente um cavaleiro a serviço de meu pai. O mais importante é que é um

rapaz íntegro, bom, inteligente e está em meu coração. Você é melhor do que muitos homens em situação financeira privilegiada e cheios de pose. É humilde, educado e respeitoso... E eu adoro o modo como me olha!

Outro bilhete dizia:

Nosso encontro no estábulo foi tão bom! Só de relembrar, o rubor toma conta de minhas faces, apesar da camada de pó. Nunca imaginei que pudesse sentir algo assim. Você me fez sentir plena, amada, feliz. Sou uma flor de cerejeira cujas pétalas se abriram para os raios da aurora. O que uma moça poderia desejar mais? O dinheiro pode enriquecer a vida, porém, seu sentimento por mim enriquece-me o espírito.

Porém, uma terceira mensagem era pincelada de aflição:

Nossa, preciso adverti-lo! Pelos kamis, que esta mensagem chegue as suas mãos a tempo! Meu pai soube de meus sentimentos por você. Ficou uma fera comigo. Tenho receio do que possa lhe acontecer, Kurama-chan. Nunca o vi daquela maneira. Tampouco chorei tanto na vida. Nuvens toldaram o céu de minha alma. Meu desejo é fugir com você, mas, agora, ele me mantém sob vigilância constante. Só posso contar com o auxílio de uma criada de confiança para lhe entregar isto. Sinto medo e raiva. Estou indignada!

Ushitaro fez uma pausa e olhou ao redor.

A luz da lanterna percorreu o aposento corroído.

Foi apenas impressão de sua parte, sim, somente isso.

Mesmo sem começar a ler as folhas avulsas de Kurama, adivinhou que se tratava de um caso de amor proibido devido ao abismo social que os separava. Ele bem sabia como era isso, afinal, fora o que tivera que ouvir do pai de Rika, sua ex-namorada, o que o levaria a atravessar metade do globo e vir trabalhar no Japão. Prometera a si próprio que faria fortuna, retornaria ao Brasil e esfregaria um maço de dinheiro na fuça do desgraçado. Infelizmente, as coisas não saíram conforme o planejado. A fortuna não surgiu e, poucos meses após estar na Terra do Sol Nascente, soube que a namorada se casara com outro. Suspirou resignado. Chacoalhou a cabeça outra vez, como fizera no carro.

Os escritos de Kurama diziam:

Minha pequena flor de cerejeira, aqui estou nesta estalagem, escorraçado que fui da fazenda de seu pai. Meu maior pesar foi não poder vê-la uma última vez, despedir-me. O pensamento de que possa achar que meu afastamento foi comprado por ele me tortura. Nunca tive o menor interesse pela fortuna de seu pai. Mas compreendo o quão difícil seria para você se rebaixar e viver em meu mundo. Um pedaço de mim foi arrancado e não há nada que possa preencher esse buraco.

Meu consolo é o de ter conseguido um emprego nesta estalagem onde tenho comida e abrigo. Melhor ainda: de meu quarto, posso admirar o casarão onde você mora e ver a luz de sua janela acesa nas noites frias. Fico olhando para ela até tudo ficar às escuras quando, então, desejo-lhe uma noite tranquila de sono enquanto luto para conseguir adormecer.

É o único consolo que tenho agora na vida, a única coisa que dá algum sentido.

As poucas recordações que trouxe de você: seus bilhetes, as pedras que apanhamos num passeio ao rio, o pingente, o pente que me deu de presente e outras lembrancinhas nossas são o meu tesouro.

A dor da saudade é uma faca a penetrar na gente!

Em outra folha, lia-se:

Já se passaram dez longos anos desde que deixei a fazenda de seu pai. Não sei porque continuo a escrever como se me dirigisse a você. Nunca tive como fazer-lhe saber. Deve ser uma necessidade muito forte, algo que faço para não enlouquecer. Será que, algum dia, tomará conhecimento destas palavras? Tornar-nos-emos a ver outra vez? Outro dia, uma das criadas de seu pai apareceu aqui para comprar farinha, sal e açúcar. Não resisti e indaguei a ela sobre você. Ela arregalou os olhos para mim. Em seguida, fechou a cara e nada disse, virando-me as costas. Pelo visto, sou assunto proibido até hoje. Imagino-a casada e com filhos. Ah, meu impulso foi o de subir e montanha e invadir a fazenda, nem que, para isso, fosse morto pelos samurais de seu pai. Acovardei-me. Faço por merecer essa penitência que, ano após ano, consome o corpo e o espírito.

Em uma terceira folha, os ideogramas foram escritos de maneira pior que os anteriores.

Sakura-chan! Estou velho e doente. Somente a caridade do dono da estalagem não fez com que me expulsasse daqui para morrer na floresta. Meu amor por você permanece inalterado. O mesmo não posso afirmar sobre meu corpo. Não me resta mais tempo. Tivemos tantos sonhos juntos. Aquele pouco tempo de nossa juventude representou o melhor de minha vida. Sim, você é o vento através das montanhas, minha pequena flor de cerejeira. Ele atravessa a janela e sinto o seu frescor. Imagino ser sua carícia e que a estou trazendo para dentro de mim, retendo-a em meus pulmões o mais que posso. Ah, Sakura-chan, será que nossos maiores sonhos são aqueles que nunca concretizamos? Gostaria que, algum dia, de alguma maneira, você soubesse das coisas que escrevi e que, nem por um só momento, deixou de estar em meus pensamentos.

Vista turva.

Ushitaro soluçou.

Surpreendeu-se por isso.

Sempre se perguntara sobre as pessoas que viveram nas ruínas que visitava, mas jamais se deixara envolver tanto quanto agora. A tristeza daquele homem permeava o quarto — na verdade, toda a estalagem — como algo denso e palpável. Talvez Ushitaro visse refletido naquela dor a sua própria dor.

Fungou.

— Você via o casarão dela daqui da janela...

Voltou o rosto para o que restara da janela, a pista ao alto e mais além. Tudo o que pôde ver foi a montanha coberta pela floresta. Não havia o menor sinal de construção ou de que, algum dia, uma fazenda tivesse existido. Aliás, em parte alguma lera sobre isso. Era menos do que uma nota de rodapé, como fora a estalagem. Entretanto, algo atraíu sua atenção. Em meio a floresta em sua tonalidade quase homogênea de marrom e verde,

ele avistou uma estrela solitária no tecido da noite: uma exuberante cerejeira. Encontrava-se totalmente florida e a brancura das pequeninas pétalas destacava-se sobre tudo o mais. Uma intuição lhe disse que só poderia ter ser lá a casa da moça de nome Sakura.

De repente, um filete de ar frio fez Ushitaro estremecer.

De algum lugar na escuridão, a madeira estalou.

Apontou para lá a sua lanterna e a câmera, mas nada viu de diferente. Provavelmente algum animal que se refugiava nas ruínas. Então, por que o tremor persistia se a brisa tinha ido embora? Sem levar a sério, resolveu ligar o K2. Qual não foi sua surpresa quando o aparelho passou a piscar suas luzes alucinadamente? Não deveria estar acontecendo, pois não havia sinal de Internet ali. Foi quando escutou algo: um gemido seguido de um soluço.

— Caraca!

Apavorado, correu para fora da estalagem, tropeçando em tudo o que encontrava pelo caminho.

5 - CASARÃO

O céu era azul.

As nuvens flutuavam.

O som do rio era agradável.

De modo algum, havia fantasmas!

Sob a luz do Sol, tudo parecia diferente.

Ofegante, o *youtuber* olhou para trás e um arrepio tornou a varrer seu corpo ao mirar a escuridão que havia lá dentro a qual — segundo a sua impressão — observava-o. A madeira estalar, tudo bem, era normal: o frio da noite, o calor do dia, dilatação. Era normal, não era? Mas um gemido... um soluço... Tábuas não gemem e, tampouco, soluçam! E a pesada atmosfera de tristeza e solidão, uma infelicidade a penetrar nos poros e consumir a alma?

— Caraca...

Foi até o seu carro e entrou.

— Imaginação... Alucinação! Tem que ser isso... E nem tomei saquê!

Pensou em dar por encerrada a expedição naquele dia.

Foi quando se deu conta de que, na correria, saíra com as antigas anotações de Kurama na mão.

"No Japão, achado *é* roubado", foi a frase clássica que lhe veio à mente. Não pretendia fazer isso e também não o animava entrar novamente na estalagem. Poderia, pelo lado de fora, jogar os papéis através da janela. Contudo, algo dentro dele disse que não seria o correto. Talvez, até não fosse por acaso que ficara com os papéis. Respirou fundo enquanto esfregava o rosto com a mão livre. Não era homem de ter medo por qualquer coisa ou deixar um serviço pela metade.

Pela *metade*.

Sabia o que isso significava.

— Ai, diacho...

Se havia os restos de um casarão subindo a montanha do outro lado da pista, teria de localizá-lo. Poderia não encontrar, mas tinha que tentar. Precisava. Só dessa forma a sua busca estaria completa.

Era o que Ushitaro Miura tentava convencer a si próprio enquanto reorganizava os pensamentos. Chegou a cogitar se tudo não seria um trote de um grupo de caça-fantasmas escondido na estalagem. Sabia que não gostavam de suas atividades. Porém, não havia outro carro além do seu nos arredores. Poderia ser uma gravação ativada por controle remoto ou sensor de movimento e, se houvesse uma câmera oculta registrando tudo, sua fuga seria motivo de piada na Internet.

— Danem-se. Vamos lá, "japonês", deixa de ser bobo. Você é homem ou não é? — repreendeu-se.

Por fim, decidiu.

Inspirou e expirou fundo outra vez. Apanhou suas coisas, verificou as baterias, atravessou a pista e embrenhou-se floresta adentro no que deveria ser uma linha reta até a cerejeira ou próximo dela, segundo imaginava. Só não contava o quanto a mata era fechada e a dificuldade que encontraria ao atravessar ramos entrelaçados, moitas espinhosas e o temor constante de cobras e aranhas. Os galhos das copas das árvores se misturavam no alto, ocultando a visão do céu, tornando a floresta sombria, quase tenebrosa e o ar mais úmido e frio. A cada passo, galhos secos quebravam e folhas apodrecidas se partiam. Era impossível seguir uma linha reta dentro da floresta e difícil manter o senso de direção sem referências além do fato de estar subindo. Se pudera avistar a cerejeira, era porque sua copa estava mais alta do que as árvores ao redor. E se as copas destas ocultassem a visão de baixo para cima da copa da cerejeira? Passaria ao lado dela sem perceber! Também poderia ficar perdido na floresta sem encontrar a saída. Esse pensamento, embora temerário, era rebatido pelo fato de que, por mais que se desviasse, se descesse a montanha, certamente sairia em algum ponto da pista, por mais distante da estalagem que fosse. Mais de uma pessoa chamara-lhe a atenção por suas incursões solitárias em lugares de difícil acesso e onde pouca gente ia. Caso ocorresse um acidente, ficasse ferido e impossibilitado de andar e de se comunicar, dificilmente seria encontrado. Dias, semanas ou meses transcorreriam. Ushitaro limitava-se a rir e dizer para que não se preocupassem. Agora era um desses momentos nos quais se perguntava se estava sendo tão seguro quanto supunha. Não achou graça.

O relógio mostrou que caminhava fazia quase meia hora, apesar de aparentar mais. Suas pernas começavam a reclamar. Apesar do frio, suava e ganhara vários arranhões de galhos afiados e espinhos. O estômago roncou e pensou se a fome não seria uma desculpa convincente para refazer o caminho e ir almoçar. Estava por um triz de desistir quando algo atraiu sua atenção.

Penumbra.

Luminosidade.

Uma chuva branca.

A copa da cerejeira podia estar oculta, porém, suas flores arrancadas pelo vento ao cair por entre os troncos chamavam tanto a atenção quanto vistas de cima. Era através de um oblíquo feixe de luz que elas desciam. E o feixe, à semelhança do arco-íris, mostrava

em seu final não um pote de ouro, mas musgos, moitas, arbustos, árvores, vigas apodrecidas...

— O casarão!

Ligou sua câmera, a lanterna e a Internet.

— Oi, tem alguém aí? Gente, vocês não vão adivinhar: descobri uma mansão samurai! Ops! Oi, Anésia, Edisio, Luiz, Regina... Sim, é sim... da era dos xoguns. Pena que, pelo jeito, não sobrou muita coisa. Hein? A estalagem? Ah, depois edito a gravação. Foi mais ou menos...

Não era de admirar que a mansão em que a família de Fujiwara Sakura vivia não era mais visível em meio à floresta. Não somente pelo crescimento da vegetação em si, mas pelo fato de que, ao contrário da estalagem feita em parte de alvenaria, o casarão era todo de madeira, muito mais sujeito a deterioração pelo tempo, fungos, cupins. Tudo o que restava do imóvel viera abaixo. Moitas, arbustos e árvores cresciam não somente ao redor, mas por entre as toras apodrecidas.

Sob uma camada de folhas mortas, havia um círculo de pedras em torno da cerejeira e, certamente, de suas flores viera o nome da filha do fazendeiro, cuja postura — Ushitaro imaginava — devia ser a de um pequeno *daimio*, um senhor feudal. Sua filha, talvez a única, seria o seu tesouro maior.

Ushitaro supunha compreender tanto os sentimentos do jovem casal quanto os do pai da moça. Não diferiam das emoções conflitantes no mundo atual.

— Bom, chega de papo. Lá vamos nós!

A exemplo da estalagem, Ushitaro foi envolvido por uma sensação maior de frio assim que penetrou na área do casarão. A aura de tristeza e abandono também se apoderou dele.

Suor.

Medo.

Calafrio.

Seu coração acelerou. Não estranhou quando o sinal de Internet deixou de responder, aliás, mal se deu conta disso. O facho de sua lanterna começou a vasculhar as ruínas. Não sabia o que esperava encontrar, mas admirou-se dos objetos que conseguia identificar. Eram vestígios de uma época do Japão quando a honra estava no fio de uma espada — *katana*, a melhor em qualquer tempo e lugar — fosse ela voltada para o inimigo ou ao próprio ventre. Havia fragmentos de estatuetas, vasos de porcelana, restos de um quimono e *geta*, esteiras de bambu, biombos, uma máscara de teatro *nob*, cestos, um pássaro de jade. Muita coisa jazia sob os restos do telhado e pavimento superior do casarão, perigoso demais para investigar e, de qualquer modo, inacessível sem o uso de equipamento pesado.

Arrepio na nuca.

O vento tornou-se mais gelado.

Uma madeira estalou, depois outra e mais outra.

As árvores ao redor se agitaram, fazendo chover milhares de folhas.

Um ruído imperceptível foi crescendo e tornando-se algo como o prantear de uma mulher.

— Lá vamos nós — repetiu num contexto diferente.

Ushitaro nem precisaria ter feito, mas pegou seu K2 e ligou. O aparelhinho negro piscou frenética e ininterruptamente, enlouquecido.

Quando as sombras se tornaram mais densas e um primitivo instinto de sobrevivência apoderou-se do jovem sansei, curvou-se cerimoniosamente, pediu licença e perdão pela intrusão. Falou:

— Venho ler as palavras escritas pelo Sr. Kurama à Srta. Miura Sakura, conforme desejo por ele expressado.

Um redemoinho acercou-se do *youtuber*. Seus cabelos esvoaçaram.

Sem querer dar tempo para pensar, começou a ler as folhas amareladas:

— "Minha pequena flor de cerejeira..."

O vórtice continuou, fazendo erguer e girar uma nuvem de folhas e terra negra em volta de Ushitaro. Soava feito um rugido interminável e, de quando em vez, vozes incompreensíveis se propagavam da escuridão.

A câmera gravava, gravava e gravava.

A lanterna tremeluzia e, às vezes, ameaçava apagar.

O ar tornava-se irrespirável ante o odor de bolor e madeira podre.

Ushitaro tossiu e, finalmente, após uma eternidade, concluiu:

— "... Gostaria que, algum dia, de alguma maneira, você soubesse das coisas que escrevi e que, nem por um só momento, deixou de estar em meus pensamentos..."

O vendaval parou subitamente.

Folhas despencaram num crepitar de chuva.

O silêncio caiu pesado feito o intervalo de uma respiração.

Mas o sentimento de desolação, vazio e pesar persistia feito uma lagoa de águas profundas e, nela, Ushitaro mergulhara até a escuridão. Só se deu conta de que chorava ao perceber o calor de suas lágrimas no rosto. Uma comichão se apoderou de seu corpo e, num impulso, dirigiu-se até um determinado ponto entre as toras. Lá, prensado entre duas tábuas de tonalidade negra, encontrou um envelope branco e, em seu interior, uma carta escrita em delicadas folhas de papel de arroz. Reconheceu a primorosa caligrafia dos bilhetes que lera de Sakura. No envelope estava escrito apenas: "Kurama-chan".

Soube imediatamente o que lhe era pedido e o que deveria fazer.

6 - SAKURA E KURAMA

Deixou as ruínas e desceu montanha abaixo. Em outras circunstâncias, teria se surpreendido ao sair da floresta exatamente no ponto em que iniciara a subida. Não obstante, indiferente ao fato, rumou novamente para a estalagem. Dessa vez, o temor cedera lugar à urgência. Uma troca de palavras de cento e setenta anos clamava por ser feita e concluída. Estava amedrontado, mas ao mesmo tempo fascinado pela história de amor inacabada, cuja força ultrapassara a barreira da morte. Ele haveria de dar um epílogo ao tormento dos dois nem que fosse a última coisa que fizesse na vida.

A estalagem.

Pediu licença.

Fez reverência.

Adentrou nos escombros e, após um momento de silêncio, leu a carta da mulher:

Meu amor muito amado, onde está?

Desde que soube que foi expulso daqui, tudo o que faço é chorar. Nada mais me faz feliz. As cores perderam seu brilho. O vento não percorre mais as montanhas. Não tenho mais seu olhar para aquecer meu coração.

Meu pai me ordenou que não saísse de meus aposentos. Ameaçou os empregados que, se isso acontecesse eles e suas famílias iriam sentir o frio de sua espada. Sempre soube-o cruel, mas não um demônio.

Conforme o adverti em meu bilhete, ele não admite o nosso relacionamento de forma alguma. Ressaltou a sua posição inferior e a rigidez das castas. Precisei de todo o meu controle para não retrucar que inferior era a maneira pela qual via o mundo, principalmente agora, quando tantas e rápidas transformações ocorriam e afetariam toda nossa maneira de viver.

Perguntei a ele o que tinha feito a você. Recusou-me a responder, deixando espaço somente para que eu fizesse suposições, nem sempre as menos piores. Afirmou que fora traído debaixo de seu próprio nariz e que estava providenciando um casamento para mim o mais rápido possível com um homem de alta posição. Ouvi falar desse homem e creio que esteve aqui em algum momento. É vinte anos mais velho do que eu e deve pesar no mínimo o dobro. Não posso dizer que seja uma pessoa ruim, todavia, não o amo e, nas atuais circunstâncias preferiria que estivesse nas profundezas do oceano!

Oh, Kurama-chan, volte a tocar minhas mãos, meu rosto e meu corpo como fez no estábulo! Diga em meus ouvidos as palavras que adoro ouvir. Sinto tanto a sua falta! Poder, dinheiro, terras, seda, jade, pérolas e porcelanas nada significam para mim. A riqueza de seu amor é o que me sacia.

Miro o olhar para o exterior e tudo o que vejo são carroças, a estrada poeirenta, a floresta e o que me parece ser uma estalagem. Mais à frente, as águas misteriosas do rio e as montanhas que cercam a região.

Terá seguido pela estrada? Para o norte ou para o sul? Onde estará agora? Estará bem?

Faz uma semana que você se foi e minha vida são só trevas.

A raiva, o desespero e a aflição que tomavam conta de mim a princípio cederam lugar à resignação e, por fim, à determinação.

Prefiro suicidar-me a tomar parte na cerimônia de casamento. Não terão minha alma e tampouco meu corpo. Já tive a felicidade em vida. Uma adaga selará essa recordação na morte.

Adeus, meu querido Kurama-chan, que consiga encontrar a paz e a felicidade, esteja onde estiver.

Breve, encontrarei a minha se os Kamis assim o permitirem.

Sua pequena flor de cerejeira.

Pronto, estava feito.

Ushitaro esperava que outro redemoinho tivesse se formado enquanto lia, mas tal não acontecera. Mas o véu de tristeza e solidão não só persistiam como aumentaram mais e mais.

Metais tilintaram.

Tábuas estalaram.

Vidros quebraram.

Lascas de tinta se desprenderam das paredes.

Sussurros emergiram da escuridão deteriorada.

O que mais estaria por acontecer?

Tudo começou a vibrar num crescente, de modo que Ushitaro temeu que o resto da construção desabasse sobre sua cabeça. Um canto de sua mente suspeitou de terremoto. Tentou fugir. Tropeçou, torceu o pé e caiu. Gritou de dor, imaginando o pior em sua situação. Em meio às pulsações de dor, aos poucos, os fenômenos amainaram. Então, diante da visão embaciada, o *youtuber* viu surgir duas formas esbranquiçadas; lembravam fiapos de névoa, mas não eram. Tomaram formas semelhantes a silhuetas humanas, um casal. E uma voz se formou na mente de Ushitaro:

Agradecemos profundamente a nobreza de seu ato. Trouxe-nos paz e felicidade. Estamos plenos novamente. Siga em frente, Ushitaro-san. Era Rika quem não o merecia. O que é seu está reservado. Adeus.

Fizeram uma medida e, em seguida, desapareceram.

Na infinitude de um quilômetro e meio que separara o casal por tanto tempo, tornaram-se um outra vez.

O ar ficou mais leve.

A carga de angústia deixou de existir.

Do outro lado da janela, a cerejeira não era mais visível: todas as pétalas haviam caído.

Quanto a Ushitaro, só conseguiu balbuciar:

— Como sabiam meu nome? E sobre ela... Como?

Teria isso de fato alguma importância diante do incrível desenrolar da história?

— Não, nenhuma... Nenhuma mesmo.

Mancando, saiu das ruínas. Andou até o seu carro e desabou sobre o assento. Fechou os olhos. Queria aguardar a dor amenizar e ter um pouco de serenidade para entender o ocorrido.

Serenidade, porém, foi o que não encontrou.

A Internet retornara.

7 - YUME

As mensagens se sucederam feito uma metralhadora.

Onde você tava?

O que aconteceu?

Conta o que houve!

Fala! Fala! Fala! Fala!

— Opa! Carlos... Anésia... Edísio... Luiz... Regina... Gislandia... Lideildo... Opa! Gente nova. Tudo bem com vocês? Como? O que aconteceu? Ora, se eu contar pra vocês, nunca irão acreditar, por mais que creiam em almas penadas. O quê? Pra eu parar com suspense e mostrar a gravação?

A gravação!

Ushitaro até se esquecera de que registrara tudo. Nunca gravara nada de extraordinário além do extraordinário peculiar a cada local abandonado. Pensativo, ignorou as mensagens que persistiam em brotar e começou a assistir as imagens da câmera desde o princípio.

Arregalou os olhos.

Assobiou.

Viu.

As manchas esbranquiçadas estavam lá desde o princípio, emergindo das fissuras, bailando ao seu redor, às vezes mostrando um esboço de rosto, outras vezes diluindo até tornar a fazer parte das sombras. De vez em quando, a imagem sumia. Vultos se movimentavam feito espectadores silenciosos. Também havia sons: interferências, batidas, estalos, murmúrios ininteligíveis, soluços, pranto incontrolável, mas, no final — ah, sim, no final — sorrisos. Estava lá registrado... Tudo! Era uma paulada no ceticismo de Ushitaro. Um dia, tinha de acontecer. Agradeceu por ter sido de um jeito tão pungente e transformador. Qualquer emissora de televisão pagaria uma fortuna pelo conteúdo da câmera e a história por trás dela. Poderia escrever um livro, dar palestras, ficar famoso, fazer fortuna. Sem contar que o número de seguidores multiplicaria às centenas de milhares, atraindo grandes patrocinadores. Diria adeus ao trabalho estressante.

Ushitaro sorriu.

Quando as mensagens não lidas beiravam a uma centena, o *youtuber* falou:

— Não dá para responder agora, galera. Estou morrendo de fome, vocês não?

Em vez do alfabeto, mensagens surgiram em ideogramas.

Ushitaro passou a falar em japonês.

— Yume? Oi, Yume, é nova por aqui. Muito prazer. Bonito nome. Como? O quê? Você mora em... Shirakawa? Nossa, é muita coincidência. Estou pertinho. Para falar a verdade, estive aí ontem! Hein? Posso ir até aí para almoçar? Estou inclinado a aceitar, muito obrigado. Passe o seu endereço no privado, por favor...

Ignorou os demais seguidores que, exceto pela minoria que compreendia japonês, ficaram a ver navios.

Ao girar a chave do carro, Ushitaro lembrou as palavras de Sakura e Kurama: *O que é seu está reservado*. Teriam algo a ver com o caso? Só haveria um jeito de saber e o modo como iria terminar a história prestes a começar. Afinal, Yume significava "sonho".

O Sarubobo dançou junto ao espelho retrovisor. Fizera a sua parte.

Ushitaro cumprira a sua missão.

A maior incursão que já fizera.

A maior aventura de sua vida.

Para desapontamento de todo mundo, exceto dele, jamais postou os vídeos. Aliás, não postou mais coisa alguma. Deixou de frequentar locais abandonados e encerrou seu canal. Não obstante as probabilidades em contrário, encontrou serviço em Shirakawa.

Os seguidores, cuja fidelidade era tão sólida quanto chumaços de algodão, cuidaram de seguir um dos incontáveis caçadores de fantasma que infestavam à rede. Quem sabe, algum dia, tais embusteiros tomariam um susto genuíno diante de espíritos autênticos.

*Efemeridade de todas as coisas.
A renovação pelo que se seguirá.
Uma ode à beleza das mulheres.
Simple perfeição: apenas sakura.*

NOTA DO AUTOR:

Tive ideia de escrever este conto após assistir alguns vídeos de dois canais do YouTube: *Massak81* e *Anna Film Production*. Pretexto também para expor o sentimento de se viver em dois mundos sem fazer parte integral de nenhum deles. Ushitaro Miura e Rika Miura eram os nomes dos pais de meu avô materno, Suketoki Miura. Fujiwara era o sobrenome de solteira de minha avó materna, Sueko Miura.

SOBRE O AUTOR:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. Participei de mais de cem antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

**APOIE O TRABALHO DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA
E DOE UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR:
USE O QR CODE DO PIX PARA TRANSFERIR**

**ABRA O APP EM QUE VAI FAZER A TRANSFERÊNCIA, ESCANEIE A IMAGEM ABAIXO
E COLOQUE O VALOR DESEJADO**



**OU CASO PREFIRA FAZER MANUALMENTE
E USAR A CHAVE PIX: CLIQUE AQUI**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.12.2021

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura